REVISTA DO BRASIL

Directores:
RONALD DE CARVALHO
MONTEIRO LOBATO
BRENNO FERRAZ

N. 82
Outubro
1922

Editores:
MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO
RUA DOS GUSMÕES, 70

Anno VII — Volume XXI

SUMMARIO

O MOMENTO		97
REGIONALISMO	*Antonio Salles*	101
DU GUAY TROUIN E UM AVÔ DE BOCAGE	*João Ribeiro*	106
FLORENÇA.	*Caio de Mello Franco.*	111
TENTAÇÃO DE EVA.	*Baptista Cepellos*	114
VERSOS	*Cesidio Ambrogi*	119
HISTORIA DE UM RATO	*J. Ramos*	125
NOTAS BIOGRAPHICAS DE GEOLOGOS.	*J. C. Branner*	130
NOTAS SCIENTIFICAS	*Arthur Neiva.*	137
BIBLIOGRAPHIA		143
A LITERATURA NACIONAL NO ESTRANGEIRO.		152
RESENHA DO MEZ		156
DEBATES E PESQUIZAS		181
AS CARICATURAS DO MEZ		189

SÃO PAULO 1922 RIO

REVISTA DO BRASIL – RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO — 20$000 EXTRANGEIRO — 25$000 NUMERO AVULSO — 1$800

BIOTONICO FONTOURA

Fortificante poderoso

EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS

E EM TODAS AS EDADES ::

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE HYGIENE DO CONGRESSO MEDICO BRASILEIRO

Fabricado exclusivamente nos grandes laboratorios do

Instituto "Medicamenta"

FONTOURA, SERPE & C. - S. Paulo

"LA NACION"

O NUMERO DO CENTENARIO

PODEMOS offerecer aos nossos freguezes alguns exemplares do numero monumental que o grande orgão argentino dedicou ao Brasil por occasião do nosso centenario. Esse numero forma um volume de quasi quatrocentas paginas, abundantemente illustrado, constituindo um verdadeiro repositorio de informações e estudos sobre as nossas coisas, o mais completo que appareceu até hoje. Para avaliar isso, transcrevemos aqui o summario:

Jorge A. Mitre — "Uma realisação inter-americana"*; tres discursos de Mitre; "A abolição da escravatura", "A imprensa brasileira", "Izabel, a Redemptora"; dr. Joaquim V. Gonzalez — "O centenario brasileiro"; conde Affonso Celso — "A independencia do Brasil"; dr. José Francisco da Rocha Pombo — "Uma synthese historica"; dr. Assis Chateaubriand — "O Brasil politico e social"; dr. Arthur Pinto da Rocha — "Um seculo de diplomacia"; dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada — "Finanças e financistas"; dr. José Maria Whitaker — "A organisação bancaria do Brasil"; dr. Mauricio de Medeiros — "uma vista d'olhos sobre a instrucção publica"; cel. Joaquim Marques da Cunha — "O Exercito Brasileiro"; dr. Antonio Austregesilo Rodrigues Lima — "Evolução scientifica medica"; dr. Gilberto Amado — "A literatura brasileira e o desenvolvimento mental do Brasil"; dr. Carlos Penafiel — "A acção das collectividades estrangeiras no Brasil"; dr. José Mattoso Sampaio Corrêa — "O districto federal"; dr. Eusebio de Andrade — "O Estado de Alagôas; prof. Agnello Bittencourt — "O Estado de Amazonas"; dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão — "O Estado da Bahia"; dr. Francisco Sá — "O Estado do Ceará"; dr. Heitor de Souza — "O Estado do Espirito Santo"; dr. Antonio Americano do Brasil — "O Estado de Goyaz"; dr. Godofredo Mendes Vianna — "O Estado do Maranhão"; dr. Antonio Francisco de Azevedo — "O Estado de Matto Grosso"; dr. Afranio de Mello Franco — "O Estado de Minas Geraes"; dr. Eurico Freitas Valle — "O Estado do Pará"; dr. Manoel Tavares Cavalcanti — "O Estado de Parahyba do Norte"; dr. Affonso Alves de Camargo — "O Estado do Paraná"; dr. Andrade Bezerra — "O Estado de Pernambuco"; dr. Abdias da Costa Neves — "O Estado de Piauhy"; dr. Raul Fernandes — "O Estado do Rio de Janeiro"; dr. José A. Bezerra de Medeiros — "O Estado do Rio Grande do Norte"; dr. Octavio Rocha — 'O Estado do Rio Grande do Sul"; Paulo Rangel Pestana — "O Estado de São Paulo"; dr. Celso Bayma — "O Estado de Santa Catharina"; dr. Mauricio Graccho Cardoso — "O Estado de Sergipe"; dr. Daniel Carneiro — "O territorio do Acre"; dr. Carlos Augusto de Miranda Jordão — "O commercio"; dr. Arthur E. Magarinos Torres Filho — "O desenvolvimento da agricultura"; dr. Franklin de Almeida — "As industrias de productos de origem animal"; dr. Raphael A. Sampaio Vidal — "O café"; dr. Alcides da Rocha Miranda — "A pecuaria brasileira"; dr. Bento José de Miranda — "A producção da borracha no Brasil"; dr. Augusto Ramos — "A industria assucareira"; dr. José Mattoso Sampaio Corrêa — "Os transportes ferro-viarios no Brasil"; dr. Frederico Cesar Burlamaqui — "A marinha mercante brasileira"; dr. Luis Felippe Gonzaga de Campos — "A siderurgia no Brasil"; prof. J. Papaterra Limongi — "Paginas da historia commercial da Republica Argentina em suas relações com a do Brasil"; dr. Deodato C. Villela dos Santos — "O turf e sua acção no melhoramento da raça cavallar"; dr. Oswaldo Gomes — "A diffusão dos esportes athleticos"; dr. Herbert Moses — "A exposição do Centenario".

PREÇO 7$000 (franco de porte)

Pedidos a Monteiro Lobato & Co. - S. Paulo, rua Gusmões, 70

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,
STOCKHOLM,
HAMBURG,
NEW YORK,
E LONDRES

Papel, materiaes para construcção, aço e ferro, anilinas e outros productos chimicos.

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

	Broch.	Enc.
Pequenos estudos de Psycologia Social, notavel estudo do grande sociologo Oliveira Vianna	4$000	5$000
A mulher que peccou, novella do festejado escriptor Menotti del Picchia.	4$000	5$000
Casa do Pavor, contos phantasticos por M. Deabreu.	3$000	4$000
Notas de um estudante, ensaios criticos do erudito escriptor João Ribeiro	4$000	5$000
Redempção, notavel romance de Veiga Miranda, em 2.ª edição	4$000	5$000
A paizagem no conto, no romance e na novella, ensaios criticos de Fabio Luz	4$000	5$000
Sonho de Gigante, estudos de J. A. Nogueira, o apreciado romancista de "Paiz de Ouro e Esmeralda".	4$000	5$000
Joaquim Nabuco, ensaio critico-biographico por Henrique Coelho	4$000	5$000
A sedição do Joazeiro, relato dos successos do Ceará em 1912, pelo conhecido publicista Rodolpho Theophilo	4$000	5$000
Mula sem cabeça, novellas de Gustavo Barroso, o conhecido João do Norte	2$000	—
O Mysterio, 2.ª edição do apreciado romance policial escripto por Afranio Peixoto, Coelho Netto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque	4$000	5$000
Realidades e Apparencias, ensaios criticos de Gilberto Amado	4$000	5$000
Crepusculos, versos de Moacyr Chagas, da Academia Mineira de Letras	3$000	4$000
O bandido do rio das Mortes, o procurado romance de Bernardo Guimarães, em edição popular.	1$500	—
Hygiene e tratamento dsa molestias domesticas, utilissimo trabalho do dr. Alberto Seabra.	—	—
O problema do Alem, estudos do mesmo autor.	4$000	5$000
Meus odios e meus affectos, critica literaria por Almachio Diniz	4$000	5$000

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS
VENTILADORES

PARA RAIO
FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 1|2 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Installações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 - Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA No. 4

REVISTA DO BRASIL

Directores:
RONALD DE CARVALHO
MONTEIRO LOBATO
BRENNO FERRAZ

N. 82
OUTUBRO
1922

Editores:
MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO
RUA DOS GUSMÕES, 70

O MOMENTO

Primeira Exposição Geral de Bellas Artes

OS artistas de S. Paulo, num bello movimento creador, organizaram em Setembro uma exposição geral de bellas artes, magnifico germen do nosso futuro Salão. A iniciativa partiu dos novos, justamente dos que mais luctam contra a falta de estimulos, já do publico, já da imprensa, já do estado. Mas justamente por isto é de esperar uma esplendida victoria. O futuro, a força, o enthusiasmo que crea estão nos novos. Os velhos, já feitos, já victoriosos, esses se absorvem em sua obra e revelam-se incapazes destas acções collectivas.

O local escolhido, infelizmente, muito desfavoreceu a exposição, e impediu que ella obtivesse um merecido successo commercial.

Mesmo assim foi uma victoria esplendida e valeu pelo plantio do marco inicial de uma série de exposições annuaes que, no correr do tempo, redundarão em grande beneficio para a cultura esthetica de S. Paulo.

Resta agora que o enthusiasmo deste anno não arrefeça, antes se exalte, no anno proximo e nos subsequentes. Para isso é necessario que um nobre espirito de concordia mantenha sempre uni-

da a desunidissima classe dos pintores e esculptores. Elles constituirão uma grande força se conseguirem, pondo de parte as pequeninas rivalidades, manter-se firmes em torno dum mesmo ideal. Continuando dispersos, porém, jamais passarão da mais dolorosa das fragilidades.

O commercio possue as suas tremendas associações commerciaes, que o orientam e que defendem com energia os grandes e pequenos interesses da classe.

Os profissionaes de todos os mesteres da vida tambem se associam. Os advogados, os medicos, os engenheiros, os barbeiros, os typographos, os funccionarios publicos, os refinadores — não ha classe que se não associe para os altos fins communs, de defeza ou beneficencia.

Até a classe dos dançadores pretos possuem suas "Flores de Abacate", seus "Resedás", gremios dançantes que lhes permittem, pela associação, um desenvolvimento amplo da gana choreographica.

Mas os artistas? Onde a associação que os reuna? Onde o orgão collectivo que fale por elles, que lhes defenda os interesses, que os oriente, que os transforme no feixe de varas da fabula?

Jamais cuidaram disso, separados pela mais esteril das rivalidades, e por este motivo vivem pela vida como parias, ao léo, ao deus dará, fragilimos, incapazes de alcançar os immensos beneficios individuaes que só a acção collectiva tem forças para conseguir.

Mas porque sempre foi assim, não é razão para que continue a sel-o.

Foi pensando desta forma que um grupo de novos metteu hombros á tarefa e creou a Sociedade de Bellas Artes de S. Paulo.

Orientado para fins praticos, esse gremio começou por onde devia começar: iniciando a serie de exposições annuaes de que a realizada foi o numero um.

Continuará. Dará a segunda em 1923, corrigindo os erros verificados na primeira, e acabará vencendo magnificamente — se o espirito de mesquinhez e o desalento não vierem insi-

nuar-se, como vermes de podridão, no fructo ainda verde.

Todos sabemos com que obstaculos vão elles luctar. Mas, que importam obstaculos? Para vencel-os é que ha no homem a coragem, a intelligencia, a boa vontade, o espirito de tolerancia e as mais virtudes creadoras. A boa victoria não é a que nos cáe do céu por descuido, mas a que arrancamos, a ferro e fogo, contra tudo e contra todos. E' esta a victoria que devem ter em mira os abnegados moços e a que almejamos á Sociedade de Bellas Artes de S. Paulo.

Na exposição realizada no palacio das Industrias figuraram 279 trabalhos, cabendo á pintura 270 e apenas 9 á esculptura.

Compareceram os seguintes pintores: Adolpho Fonzari, Albertina Jardim, Americo Giusti, Angelo Simeone, Annita Malfatti, Benedicto Tobias, Bernardino Pereira, Bertha Worms, Bruno Françoso, Carlos de Oliveira, Cesar Colasuono, Valdemar Belisario, Enrico Manzo, Enrico Vio, Carilo Agostini, Del Nero, Ernani Dias, Ernesto Quissak, Gastão Worms, Gentil Garcez, J. Gonçalves, Guido Vergani, J. W. Rodrigues, José Cordeiro, Geraneo Lorini, Helena P. da Silva, José Barquitta, Lemeio Neri, M. Lourdes de Santos, Marina Burchard, Monteiro França, Natale Parisi, Juvenal Prado, Paulo do Valle, Paulo Rossi, Pedro Corona, João Tonissi, Vicentina Taurisano, Vicente Corcione, Vigianni, Taymatus Sati, Tavolai, Toledo Piza, R. Lombardi, Sara Franconi, Silva Neves, Tarsila do Amaral, Parisinoto, Strina, Gianesi, P. Alexandrino, Oscar P. da Silva, Jorge Ziata.

Ao todo 54, sendo 35 brasileiros, 14 italianos, 1 grego, 1 francez, 1 suisso, 1 argentino e 1 japonez.

Esculptores compareceram dez: Antonio Brunuli, Cozzo, Figuera, H. Levy, J. Cucé, J. B. Ferri, R. Mettei, S. Pavan, Umberto del Debio, V. Larocca, sendo 7 nacionaes, 2 italianos e 1 francez.

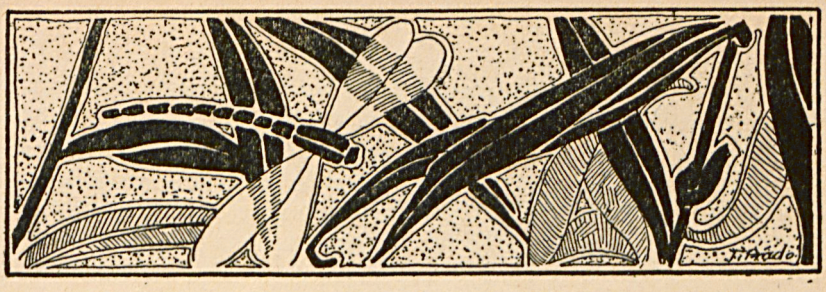
Foram membros do jury os srs. Ramos de Azevedo, Amadeu Zani, J. W. Rodrigues, Ricardo Severo e E. Vio.

A commissão organizadora compoz-se dos srs. V. Larocca, E. Manzo, J. Cordeiro, P. Corona e V. Belizario.

A frequencia de visiantes foi pequena, porque o local escolhido era fóra de mão — primeiro erro a corrigir-se no anno vindouro; o movimento de vendas não excedeu de 30 telas; e a imprensa não deu nenhum relevo ao facto.

Nada disto importa.

A fortaleza é dura e não vae com um assalto apenas. Mas será tomada um dia, se os artistas souberem conservar n'alma o ardente enthusiasmo deste anno — e se empregarem contra ella as energias que empregam tantas vezes para engulir uns aos outros.



REGIONALISMO

ANTONIO SALLES

ESPIRITOS impacientes, imbuidos de altas idéas sobre a representação da vida na literatura de ficção, andam a exigir que as nossas obras desse genero abordem os themas de psychologia universal, abandonando o feitio regionalista que por via de regra, as caracteriza. Parece-me que é cedo para formular tal exigencia.

Nossa civilisação de enxerto é ainda muito tenra e muito joven para dar fructos de que sómente são capazes as velhas civilizações das velhas raças, nutridas de longa cultura e firmadas em solidas raizes de tradições ethnicas.

Por mais greco-latinas que sejam as origens de nossa cultura, bebida directamente nas fontes classicas ou filtrada através do espirito francez, italiano ou inglez, a alma de nossa terra se nos impõe imperiosamente, anciosa de ser sentida e traduzida nas concepções artisticas de nossa mentalidade.

E é attendendo a esse reclamo que, desde Alencar, creando embora artificialmente o indianismo romantico, nossa literatura de ficção, com Bernardo Guimarães, Macedo, F. Tavora, Taunay, Inglez de Souza, Machado de Assis em sua primeira phase, em parte Coelho Netto, Domingos Olympio, Affonso Arinos, Afranio Peixoto, Monteiro Lobato, Veiga Miranda, Viriato Corrêa, Carvalho Ramos, J. A. Nogueira, Godofredo Rangel e outros, vêm exprimindo a vida nacional com suas peculiaridades moraes e pinturescas, sem cogitar de grandes representações symbolicas, que lhe dêem fóros de universalidade.

Mas agora os pontifices da critica começam a torcer o nariz

á novella de costumes como um genero inferior que precisa evolver para ser humano em vez de nacional.

Antes de tudo devemos fazer sentir que o regionalismo não é uma feição somente nossa e dos povos de quejanda cultura incipiente. Concomitantemente com a literatura de natureza universal, elle existe entre os povos mais antigos e mais sabios.

Em cada uma das antigas provincias da França floresce uma literatura de *terroir*, alguns de cujos cultores se tornaram celebres. Haja exemplo Mistral, que se immortalisou com *Miréille*. Este caso é o mais caracteristico, porque, além da natureza local do seu poema rustico, elle o escreveu numa lingua tambem local, falada apenas por um pequeno grupo de francezes, que só della se servem nas relações familiares.

Mas além do felibrigio provençal, ha na França outras literaturas regionaes, cada uma com sua Academia, suas revistas e suas bibliothecas. Nem todos os talentos se transplantam e vão tentar a aventura a Paris, e dos que vão, muitos continuam a ser literariamente provincianos, devendo até a isso as suas victorias.

Dentro do regionalismo, cabem, aliás, as mais altas creações e os mais perfeitos symbolos da vida universal.

Que é *Madame Bovary* sinão um romance regionalista? E *Tartarin?* E *Le rouge et le noir?* E tantos livros de Balsac?

De estudos da vida provinciana estão cheias as obras de Barrés, e Anatole France localisou na provincia o seu professor Bergeret para fazer a satyra da terceira republica.

Ha, está claro, o regionalismo estreito, que nasce na provincia e ali fica, porque só a ella interessa. Mas num romance local podem figurar personagens que interessam a todo o mundo, porque a humanidade, afóra certas modalidades, é a mesma em qualquer parte.

O unico inconveniente da literatura regionalista é o vocabulario, que varia em muitas cousas, devido á differença de actividades ou simplesmente á acção da força centripeta que tende a constituir communidades em torno de uns tantos nucleos, tanto mais naturaes e necessarios num paiz vasto, como o nosso, quasi deserto e dividido em zonas climaticas que vão de alguns gráos abaixo de zero a cerca de 40º centigrados.

Quanto ao mais, póde-se dizer que o regionalismo literario é uma necessidade, no sentido philosophico do termo, é quasi uma fatalidade organica, a que não póde fugir um povo em phase de crescimento.

Si a humanidade é fundamentalmente a mesma em toda a parte, ella não tem em toda a parte a mesma idade e não está, portanto, aqui como algures no mesmo gráo de crystalisação ethni-

ca. Um povo não é a mesma cousa que uma raça, e a nossa raça é uma liga que se está elaborando no cadinho das éras, onde se deitaram elementos dispares, agora em via de fusão.

Da vida brasileira, que ora se esbóça, os poemas, as novellas e os dramas devem ser o espelho fiel em que reconheçamos nossa alma e nossa paizagem.

E' inutil e até condemnavel que seja o Brasil um menino prodigio. Si nossa gente até agora ainda não produziu um genio, deve-se convir que os genios são raros mesmo nos povos muito antigos e muito cultos. E nós estamos apenas chegando á phase de puberdade mental e moral.

A Europa detem ainda a primazia nas artes e nas sciencias, e nós temos que veneral-a como a nossa mãe e nossa soberana espiritual.

Mas dentro do nosso respeito de filhos e de subditos cabe perfeitamente a nossa liberdade de acção para que nos affirmemos como um povo capaz de pensar e sentir.

Sabemos perfeitamente que Alencar, Gonçalves Dias, Ruy Barbosa, Nabuco, Euclydes da Cunha, são reflexos da civilisação européa, illuminando os cimos de nossa cordilheira mental. Mas esses cimos se elevaram do seio de nossa terra e são formados de substancia que se ignifica e fulgura.

Em nossa juventude de pensamento seja-nos licita a curiosidade de conhecer-nos a nós mesmos e de representar-nos em nossas creações literarias e artisticas.

Entendemos que nossa literatura deve ser, por ora um transumpto da vida nacional expressa na lingua affeiçoada aos nossos costumes e necessidades, a lingua que falamos e a unica em que devemos escrever.

A casta impertinente e pseudo aristocratica dos snobs, que macaqueiam com delicia as idéas e phrases estrangeiras, póde voltar as costas com desdem ao labor honesto e fecundo dos obreiros da literatura nacional, sob o falso pretexto de que isso não é a Grande Arte, com que fingem sonhar.

Ora, grande arte é toda aquella que traduz a vida com verdade e belleza.

A humanidade atravessa sensivelmente uma crise de genialidade. Nem nas letras nem nas artes existem actualmente em parte alguma esses seres supremos que ficam marcando um momento de apogeu mental do planeta. E si existem, nós, de tão perto, não podemos ter a noção exacta de sua grandeza, só avaliavel com o recuo no tempo como as grandezas physicas se deixam perceber com o recuo no espaço.

Não nos entristeçamos, pois, com a nossa mediania relativa, devida em grande parte á obscuridade da lingua que herdá-

nios, considerada por Alexandre Herculano como "o tumulo do pensamento."

Portugal, que um personagem do Eça colloca para além das fronteiras da Europa, não se integrou, como a Hespanha, no movimento literario do continente, e, com excepção de Camões, nenhum nome forneceu á historia de sua cultura.

A lingua portugueza, irmã gemea da castelhana, ficou sendo na Europa um idioma clandestino, desconhecido inteiramente ou apenas considerado como um dialecto daquelle. E a literatura de que ella é orgão, tão prezada dos nossos classicómanos, ficou excluida do intercambio literario, limitando-se a importar sem nada exportar, sem nenhum contingente enviar á corrente literaria em que a castelhana collaborou com a obra dos seus grandes poetas, dramaturgos e romancistas.

Eça de Queiroz poude viver longos annos na Inglaterra e depois em Paris tão desconhecido que, por occasião de sua morte, a imprensa franceza se referiu a elle apenas como consul de Portugal !

Servidos, pois, por um tão deficiente intrumento de divulgação do nosso pensamento, o unico meio de nos tornarmos interessantes é nos apresentarmos com os nossos caracteristicos nacionaes, como aconteceu com os russos, cujo exotismo despertou a attenção dos centros literarios, estimulou os traductores e lhes abriu as portas dos editores.

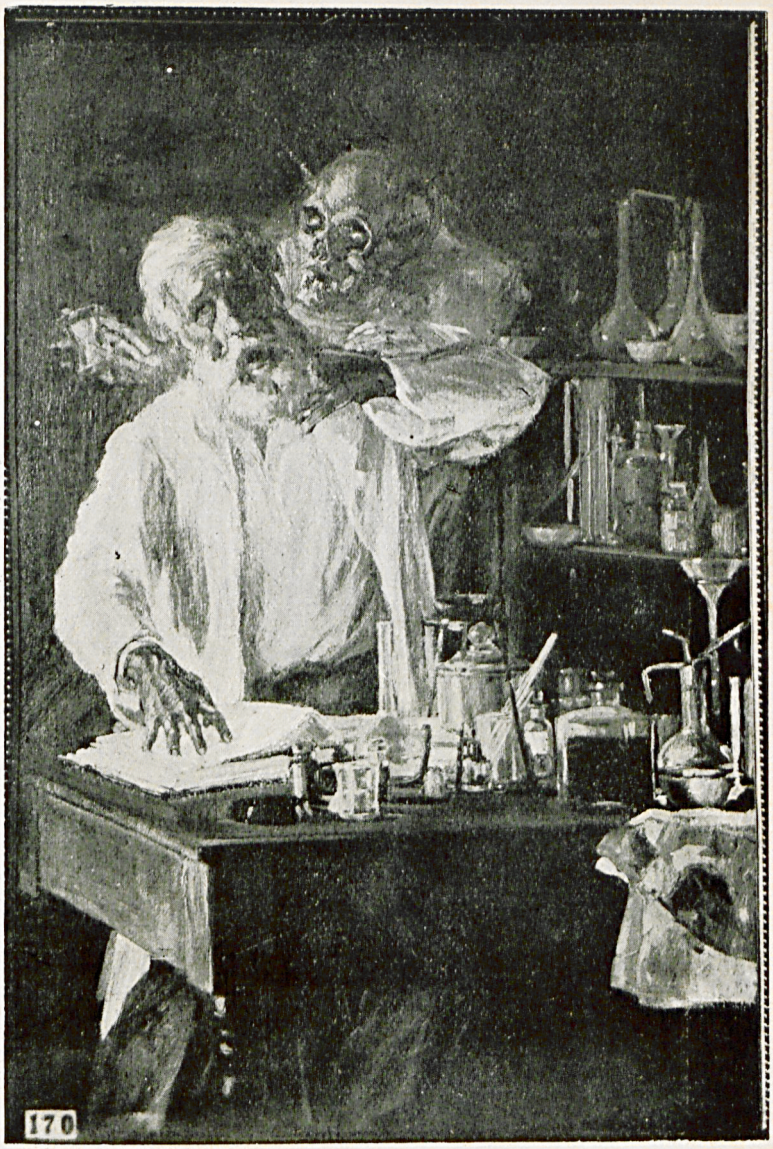
Lembremo-nos de que o livro brasileiro mais conhecido e estimado na Europa e no mundo inteiro é o *"Innocencia"* de Taunay, um puro romance regionalista, sem transcendencias psychologicas e interessante justamente porque traça com simplicidade e exactidão um quadro de costumes sertanejos.

Nos paizes novos o que melhor o recommenda é a sua novidade, é a *verdeur* de sua alma, que é original por isso mesmo que é simples, que é forte por isso mesmo que é joven.

Cada um de nossos Estados se pinte nos seus aspectos e nos seus costumes que com isso não trabalhará para o nosso desmembramento espiritual, ao contrario, reunirá materiaes para que o philosopho induza e condense em formulas sociaes ou em symbolos estheticos a psyché real do nosso povo.

A acção nociva do snobismo xenóphilo deve ser combatida pelos bons espiritos e o melhor antidoto desse intoxicamento será a sinceridade e a coragem com que nos mostrarmos tal qual nos fizeram a origem, a educação e o meio.

Deixemos que o estrangeiro sinta em nossa obra, como um travo de fructo meio verde, a seiva de uma juvenil barbaria. E' esse um symptoma saudavel não observado nas raças antigas,



J. PRADO — *A morte e o Sabio*

GINO BRUNO FRANÇOSO — *Impressão*

que, como os individuos velhos, são sempre mais ou menos enfermas.

A literatura dos grandes centros europeus já esgotou todos os themas moraes e sociaes, e sómente á custa de talento e *savoir faire* ainda interessa os frequentadores das livrarias e dos theatros, e os mais felizes são aquelles que operaram na India, como Kippling, na Africa, como Ridder Haggard, que pintam gentes e paisagens exoticas como Loti, Rosny, Benoit, Williamson, Farrère e outros *globe troteurs* das letras.

Nossos escriptores regionalistas são os obreiros da historia social do Brasil, e uma boa novella de costumes nos pinta melhor do que uma memoria historica, como o mais perfeito quadro da Revolução Franceza não se nos depara em Taine, Carlyle ou Thiers, mas em um simples romance de Anatole France — *Les dieux ont soif*.

Obra util e sadia, pois é a dos escriptores que, cada um do seu rincão, nos diz como pensam e como sentem seus conterraneos no meio em que vivem, trabalham, amam e morrem.

Mas é preciso que essa obra seja sincera, probidosamente escripta, differente, emfim, de um falso sertanismo que por ahi anda e é mais um fructo de imaginação arbitraria do que a observação intelligente e fecunda, capaz de criar dentro da verosimilhança.

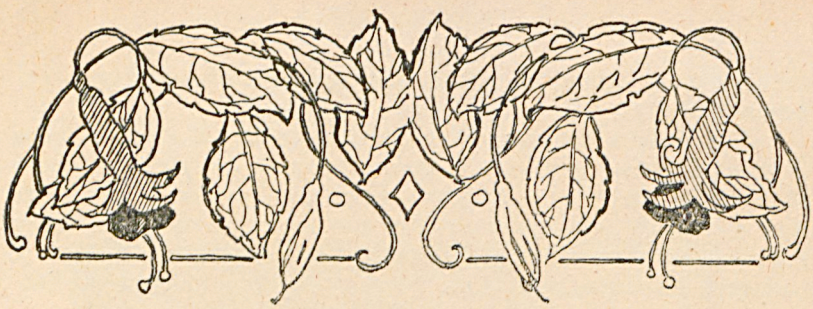
Para esse sertanismo de outiva a vida sertaneja só tem de interessante os seus episodios tragicos, aliás não mais frequentes nem mais brutaes do que nos bem policiados centros urbanos.

Sertanejo e cangaceiro não são termos synonimos, nem a faca de ponta e o rifle são os unicos intrumentos manejados pelos homens do campo. Os labores agricolas e pastoris, as festas, os amores, as crenças, as ambições e os proprios odios nem sempre se resolvem em rixas sanguinolentas.

Commette-se assim, o erro commum de tomar a excepção pela regra, redundando numa injustiça clamorosa aos sentimentos dos nossos camponezes.

Modesto contribuidor para o conhecimento dos costumes e aspectos de minha terra natal, com um livro que, á falta de outro merito, tem o de ser um quadro flagrante do seu meio rural, estamos no caso de protestar contra a adulteração feita na descripção desse meio por pseudo-sertanistas preoccupados com os effeitos dramaticos de suas concepções e não com a representação fiel da vida do nosso povo, menos barbaro e mais humano do que nos apparece em fabulações artificiaes, e á força de repizadas, já por fim enfadonhas e monotonas.

Rio, Agosto, 1922.



DU GUAY TROUIN E UM AVÔ DE BOCAGE

JOAO RIBEIRO

POUCA gente conhece o officio da intimação que Du Guay Trouin, ao tomar de assalto o Rio de Janeiro, fez chegar ao governador da cidade. Eil-o aqui no seu texto authentico:

"Monsieur.

Le Roi mon maitre voulant tirer raison de la cruauté exercée envers ses officiers et ses troupes que vous fites prisonniers l'année passée, et Sa Majesté étant informée qu'après avoir fait massacrer les chirugiens, auxquels vous aviez permis de descendre à terre pour panser les blessés, vous avez encore laissé perir de faim et de misére ce qui restait de ses soldats, les retenant en captivité contre le cartel d'échange passé entreles deux couronnes de France et du Portugal, Elle m'a ordonné d'employer ses vaisseaux et ses troupes pour vous contraindre à vous remettre à sa discrétion, à me rendre tous les prisonniers français, et à faire payer á tous les habitants de cette colonie une contribuiton suffisante pour les punir de leur inhumanité, et de dedommager Sa Majesté de la dépense d'un armement aussi considérable.

'Je n'ai point voulu vous sommer de vous rendre que je ne me sois vu en état de vous forcer, et de réduire votre ville et votre pays en cendres, si vous ne vous rendez á la discrétion du Roi, qui m'a commandé d'epargner ceux qui se soumettront de bonne grâce, et qui se repentiront de l'avoir offensé dans la personne de ses officiers et de ses troupes. Cependant j'apprends que l'on a fait assassiner M. Du Clerc, qui les commandait; je n'ai point encore voulu user de représailles sur les Portugais qui sont tom-

bés en mon pouvoir, l'intention de S. Majesté n'etant pas de faire la guerre d'une manière indigne d'un roi tres chrétien; je veux croire même que vous avez trop d'honneur pour avoir participé à ce honteux massacre. Mais ce n'est pas assez. Elle veut que vous m'en nommiez les auteurs, pour en faire un châtiment exemplaire. En sorte que si vous différez d'obéir á sa volonté, tous vos canons, vos barricades et votre nombreuse multitud n'empêcheront pas que je n'execute ses ordres, et que je ne port le fer et le feu dans tout l'entendue de ce pays. J'attends votre réponse; faites-la moi prompte et décisive, autrement vous connaitrez que si jusqu'ici je vous ai épargné, c'etait pour m'épargner à moi-même l'horreur d'envelopper les innocents avec les coupables. Je suis, *et coetera*".

Ainda está para ser escripta com serena imparcialidade a pagina da nossa historia em que foi o Rio de Janeiro surprehendido pelo famoso *raid* de Du Guay Trouin.

Não era bem de surpresa o sentimento que despertara o impeto do ousado flibusteiro.

Não sei que tremor vulcanico convulsionava então as terras de beira-mar da colonia. Rompiam motins na Bahia e Pernambuco ardia com a guerra sangrenta dos mascates.

Sabia-se alguma coisa dessa premeditada vingança contra os assassinos mysteriosos de Du Clerc. Tudo se podia esperar do odio politico e da vaidade do Rei-Sol, quando começava a fulgir a estrella de Villars. Os inglezes que tanto haviam soffrido mandaram aviso a Lisboa.

A investida anterior, de Du Clerc, tinha sido um desastre e deixara no Brasil uns seiscentos prisioneiros, entregues quasi sem lucta por inepcia do seu capitão.

A cidade esperava que a mesma tactica de inacção se repetiria com Du Guay Trouin, e que a inercia bastaria para vencel-o.

Du Guay Trouin, porém, tinha longa experiencia de guerra e juntava á ousadia de acção a astuta rapidez dos golpes.

Ao sahir da Europa conseguira enganar os inglezes frustrando o bloqueio de Brest; já na altura da Bahia quiz investir a cidade, não o fazendo por escassez de viveres; e chegando ao Rio logo varou o porto sob o fogo das fortalezas e immobilizou a frota portugueza em poucas horas posta fóra de combate.

Du Guay Trouin escreveu um livro curioso, a — *Vie de monsieur Du Guay Trouin écrite de sa main* — que teve varias edições, em hespanhol, de Madrid, 1711, no original francez, de Paris, 1712, e outras.

São todas essas edições, antigas e novas, um pouco defeituosas, porque o manuscripto existia em imperfeitas copias e era preciso collecional-as. Só agora foi publicada a edição definitiva aproveitadas as edições varias, e esse trabalho devemos a Henri Malot, na impressão actual, de 1922.

Da vida tempestuosa e acidentada de Du Guay Trouin o que mais

nos importa é a relação da empresa de 1711 contra a cidade do Rio de Janeiro.

A entrada não foi disfarçada sob o nevoeiro nem tão facil quanto se podia deprehender dos nossos livros de historia. Sob o fogo da prodigiosa artilharia das fortalezas e dos navios de guerra portugueses que se collocaram de través para impedir a entrada dos franceses, teve Du Guay Trouin trezentos homens fóra de combate.

Estava sempre na vanguarda o bravo cavalheiro de Goyon que, logo occupou á viva força a ilha das Cobras.

Nas versões internacionaes essa ilha figura com appellidos deturpados. No tempo da questão religiosa lá esteve preso o bispo do Pará e o mundo catholico se consternava ao saber que o alto dignatario da Egreja, por maior martyrio estava recluso na terrivel — *Ile des Serpents.*

Du Guay Trouin commetteu outra deturpação do nome. Naturalmente leu em alguma carta maritima — *ilha das Cabras* — erro typographico de pequena monta.

Assim é que elle sempre fala da — *ile des chèvres,* (emfim, de *bestiis non disputandum*).

Da ilha das Cobras passaram todas as tropas a terra firme; o resto é mais ou menos sabido, o bombardeio á noite, a trovoada que ainda augmentou o tumulto, lançou o panico nos habitantes da cidade que, todos, abandonaram, levando o que podiam.

O terror contagiou a tropa que recolheu para as montanhas e florestas distantes. Du Guay Trouin ficou inteiro senhor da cidade.

Antes desse golpe decisivo conta Du Guay Trouin a historia do estratagema e insidia preparada contra os francezes por um Du Bocage natural da Normandia que se fizera naturalizar portuguez e no momento, commandava um dos navios portuguezes que elle proprio fizera saltar aos ares, na inesperança de o conservar.

E' curiosa a aventura do marinheiro.

Este Du Bocage, em terra, passou a guardar as baterias do São Bento, e, disfarçado em marujo francez (e na verdade bem o era) deixou-se encarcerar como suspeito de mistura com algumas sentinellas avançadas de Du Guay Trouin e dessas conseguiu obter informações sobre a situação real dos assaltantes.

Como o pecego "tornado melhor em terra alheia", Du Bocage, enjambrando umas calças de matalote e tesourando as suiças, havia o intento de seu insidioso proposito.

O resultado desse estratagema foi o infeliz assalto dos portuguezes contra as forças do cavalheiro de Goyon, postadas numa das collinas. A arremetida degenerou em revés.

Para precipitar, de um lance a aventura, Du Guay Trouin, por um tambor fez chegar ao governador, Castro Moraes, a carta em que o intimava a render-se.

O governador, como é sabido, adjurou que defenderia a cidade "até á ultima gota de sangue"; fanfarrice que acabou na mais ingloria fuga.

A philosophia do governador era que a cidade melhor entendida era a propria pelle, e, assim, mettendo-se pelos mangues dentro foi parar á Iguaçú.

A justiça manda dizer que a resistencia já então sendo impossivel; sem frota, sem artilharia, toda ella em poder do inimigo que se apossara de todas as baterias e fortalezas, a guerra seria um sanguinolento e vão sacrificio que se havia de ajuntar á terrivel pilhagem já consumada nas casas e nas egrejas.

Du Guay Trouin fez o possivel para evitar o saque da soldadesca; adoptou, porém, um methodo novo e pratico; conseguiu um pouco tarde armazenar os bens dos habitantes a quem os entregou mediante resgate. Era apenas questão de *preço honesto* como se diz nos restaurantes da Italia e S. Paulo. Couro e cabello.

Depois de chegar á França foi cortejar o Rei que o premiou com a "cornette", isto é, o pavilhão de chefe de esquadra.

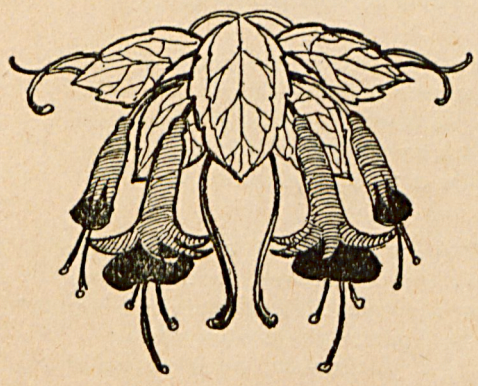
A edição da biographia de Du Guay Trouin foi agora publicada, não sem alguma emphase, na "Collection des Chefs-d'oeuvre méconnus". Não é certamente obra prima, mas é um documento valioso da historia.

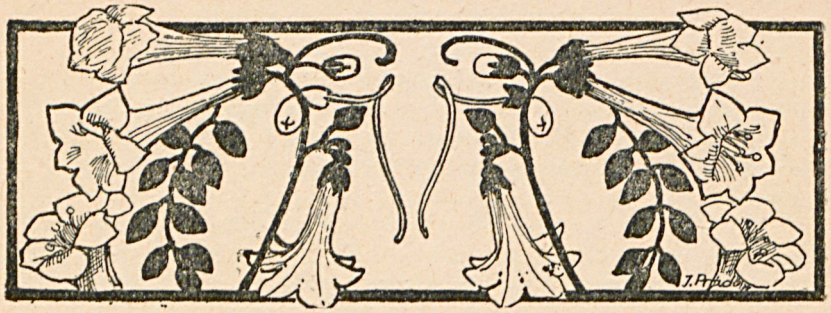
Aquelle Gillet Du Bocage de quem falamos foi o pae de uma Dona Mariana Du Bocage, mãe do famoso poeta da Arcadia portugueza.

O avô de Elmano que figura na frota do Maquinez, originava-se de uma familia de Rouen e cercanias da qual nasceram varios poetas francezes de alguma notoriedade. Uma mulher desta familia, Mme. Du Bocage, foi a autora do poema — *Colombiade* — que o poeta tentou verter para a nossa lingua. Outros membros da familia, Fiquet du Bocage, foi traductor de coisas inglezas. Elmano, por sua vez, foi traductor insigne.

Parece que as musas melhor que Marte sorriram á boa fortuna dos Bocages.

(Do *"Colmeia"*, no prelo.)





FLORENÇA

CAIO DE MELLO FRANCO

FLORENÇA! Ergo os meus olhos... e sonhando
De mãos postas, a orar, a alma te offerto...
Murmuro um nome e te bemdigo, quando
Do extase supremo me desperto,
A alma boiando em luz, ainda sonhando...

Cortas o azul como uma allegoria...
Os teus sinos floridos cantam alto!
Vivo, por sobre o declinar do dia,
Este céo de amaranto e de cobalto
Tem o macio de uma allegoria...

Num symbolismo, acceso como um sonho,
Um perfume subtil — Lyrio Vermelho —
Invade as almas, limpido e tristonho...
E em teu silencio, tremulo, me ajoelho,
Deixando a terra, penetrando o Sonho!

De astros, na noite, um turbilhão radiante
Arde... mortos amores, de improviso,
Voltam á terra... E' Beatriz e é Dante!
A "Vita Nuova" canta num sorriso
A vida e a gloria desse amor radiante!

Em ronda os genios fogem pelo espaço...
Patria da alma subtil da Renascença!
O desejo anda occulto em teu regaço...
E, de novo, a alma morta de Florença
Abre um deslumbramento pelo espaço...

Antigos trovadores cantam hymnos...
Vozes se elevam, pela noite adiante,
De Guelfos brancos e de Gibelinos...
Emquanto Arezzo e Guido Cavalcanti
Tecem rosas de luz, coroas de hymnos...

Depois branco, sombrio, illuminado,
Leonardo da Vinci, indifferente,
Passa impassivel como um Deus calado...
E o fundo olhar tranquillo, de repente,
Mergulha no alto céo illuminado!

A ancia de conhecer tolda-lhe a vista...
As mãos se estendem supplices... E a vida
Fechando o arcano ao palpitante artista,
Torna-lhe mais profunda e dolorida
A immensa nuvem que lhe ennubla a vista...

Mas a noite abre um sulco de ouro e rosa...
Corre na terra um frémito... Insoffrida
A alma do amor se encolhe, mysteriosa...
E' Raphael, seguindo a harmoniosa
Sombra dessa feliz Desconhecida,
Pelo rastro profundo de ouro e rosa...

Como num desfilar de orgulho infindo,
Os gonfalões erguidos para a altura,
Vem Lourenço o Magnifico... sorrindo
Segue entre a turba aberta que murmura,
Aureolado de gloria e amor infindo...

Num circulo de cores que se irisa,
Monna Vittoria, Monna Simonetta,
E Madonna Annunziata e Monna Lisa,
Em sorrisos fugazes de etiqueta,
Trocam conceitos que a ironia irisa...

E a subtileza espiritual, e a graça
Epicurista, de mais fino gosto,
Como uma abelha de ouro, em torno, esvoaça
Nas palavras de Bembo e de Ariosto,
Em scepticismo de elegancia e graça...

Mas logo um traço de melancolia:
Balthazar Castiglione, o "Cortigiano"
Segue dizendo pela noite fria...
E avulta mais o sentimento humano
De doce, de subtil melancolia...

Apoz, num gesto que a esperança impelle,
Um em fogo, outro em sombra: o Amor e o Sonho,
Passam Cellini e Sandro Boticelli.

E por fim, fecha o circulo, tristonho,
Titan cahido sobre o mundo, aquelle
Que fez dos sonhos todos o seu Sonho:

Miguel-Angelo!... E além, alva, se abrindo
Como um caminho, na mais alta zona
Do céo, a Via Lactea, luzindo...

E nesse mar sem fim, passando á tona,
O Genio do Desejo vae seguindo
Na poeirada de luz, que turbilhona...

MIGUEL ANGELO

Uma dupla personalidade persiste atravez de toda a vida de Buonarote.

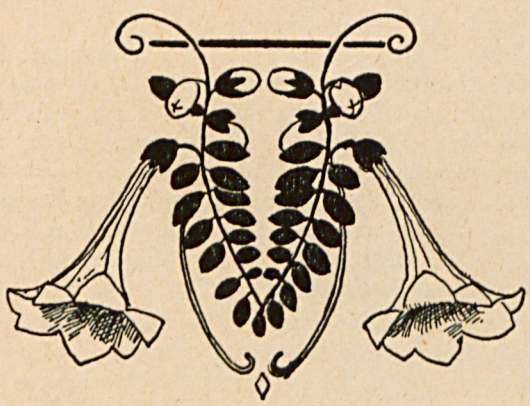
E. SCHURÉ.

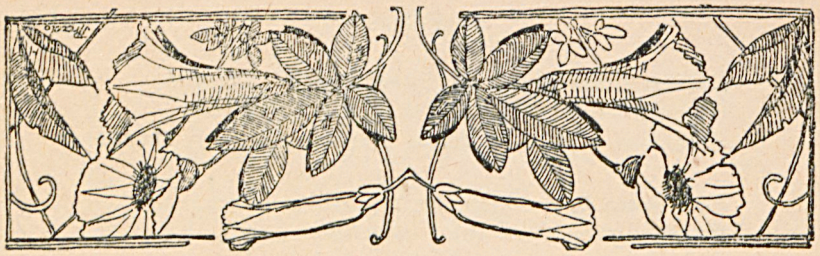
NASCEM mundos em torno, em torno um mar insano
Cresce em furia a rugir, desfaz-se em vendavaes...
E os sonhos e as paixões são nesse ser humano
Manhãs cheias de luz, crepusculos boreaes...

E assim vivem lutando, em desespero, iguaes
Como em novo Protheu, a força e o desengano...
Depois de desejar, vive e deseja mais...
Mais do que um céo tranquillo, outro mais alto plano!

Edifica e destróe! Soffrendo, odeia e adora!
Ergue e talha "Moysés", e subito abandona
A melhor obra... e clama e, entre gemidos, chora!

Pois sente que surgiu, reflectindo-se á tona
Do mar que se fez lago, impassivel agora,
O inattingivel céo de Vittoria Colonna!





TENTAÇÃO DE EVA

BAPTISTA CEPELLOS

ADAO e Eva já não viviam errantes pelo bosque, corridos como dois culpados, sob o temor do Archanjo que os enxotara do Paraiso. Não: comido o primeiro fructo do Peccado e passado o primeiro susto do Castigo, elles começaram a viver tranquillos e resignados no meio da natureza, que agora os tolerava e dirigia, sem a rudeza descaroavel dos primeiros tempos. Porque não foi em vão que a principio elles soffreram os tormentos da fome, do frio e da nudez, entre a brutalidade dos animaes que os perseguiam por toda a parte.

A dôr fez o Primeiro Homem meditar para não ser vencido, agora que o braço de Deus o desamparava, inerme e cambaleante, em meio á hostilidade universal dos sêres e das coisas. Assim, depois de lentas, laboriosas cogitações, Adão concebeu a primeira edificação humana, levantando as estacas de uma palhoça, onde por fim elle e sua companheira puderam repousar em relativa segurança, ao abrigo das chuvas e dos ventos, emquanto, rondando em torno, as feras carniceiras rilhavam os dentes e batiam as orelhas no meio das trevas.

Depois, um certo dia, por acaso, do contacto de duas pedras, a primeira faisca saltou e de umas palhas seccas subiu o primeiro fio de fumo. Desde então, o Fogo, que seria na Terra o mais efficaz alliado do homem, tanto na paz como na guerra, teve o seu inicio humilde, proporcionando luz e calor ao primitivo habitaculo do primeiro casal humano.

Em seguida, polindo e repolindo fragmentos de ossos, Adão, com industriosa paciencia, conseguiu preparar os primeiros utensilios de caça e as primeiras armas de combate.

Desta maneira, a sua atormentada existencia entrou num periodo de fecunda estabilidade, entre as faceis riquezas da caça e da pesca, de que ambos principiaram a se nutrir.

E cada dia, emquanto Eva, espertando o brazeiro, tostava com sapiente cuidado cheirosas fibras de carne, Adão, sentado sobre um tronco, á porta da choupana, alongava os olhos pestanudos pela planicie a fóra, entregue á dura tarefa de pensar no invento de outras utilidades e de outros engenhos, afim de assegurar o seu dominio absoluto na floresta, que além se desdobrava, mysteriosa e sinistra. Adão raciocinava. E os leões de fulva corôa, e os elephantes de poderosa tromba, tranquillos na majestade da sua força, não podiam calcular a insuperavel desgraça que desde aquelle instante pesava e pesaria sobre as suas cabeças arrogantes: Adão raciocinava! De ora avante os mais aterradores bramidos podiam estremecer as montanhas e ecoar pelas barrocas e cafurnas: um sêr desprevenido, liso de pelle e fraco de forças, um sêr rasteiro e lerdo, que não podia voar como os condores, nem saltar como as pantheras, ia vencer e escravisar todos os sêres, porque, equilibrado sobre os talões, tinha o dom divino de raciocinar, mudo e concentrado, em meio á vozearia da selva brava!

Infelizmente, Eva não estava apta a comprehender a augusta Missão do seu consorte, ao ponto de se aborrecer escandalosamente ao lado delle e suspirar com amargura, vendo uma ave passar de azas abertas ou um tronco rolar pela corrente... E, emquanto Adão, hispido e musculoso, manejando um chuço de fisga, com a machadinha de silex presa á cintura, batia a asperidão negra da matta, Eva, muito languida e muito branca retouçava sobre a alfombra do feno, inebriada pelo cheiro dos tomilhos esmagados. Depois, com o turbilhão dourado dos cabellos a lhe rolarem pelos hombros, corria em direcção ao rio, onde passava uma comprida sesta, mirando vaidosamente no espelho d'agua as tentadoras perfeições do seu corpo deslumbrante.

Por fim, retomava o caminho da choupana, vencida pelo torpor de uma infinita languidez. E então era de ver a belleza do seu rosto, a contemplar meditativamente as serras azues que ao longe se elevavam, barrando a curva extrema do horizonte azulado...

Ao cahir fusco da noite, Adão pontualmente chegava, rudo e carniceiro, com as espaduas arqueadas ao peso da carnagem abatida, depois de uma valente escaramuça com as feras, na solidão tentivel das brenhas. A mulher, indifferente e vaga, olhava para aquellas postas de carne, de onde o sangue lento gottejava, grosso e vermelho, como fructos maduros a se despegarem de um ramo de arvore. E bocejava com soberano descontentamento... D'ahi a pouco anoitecia completamente. Todos os rumores

da matta se quedavam de chofre como sob a pressão de um medo sobrenatural. E a Treva começava a reinar, a Treva temerosa, no seio da qual tudo se congregava e conspirava contra o Homem, desde então considerado o maior inimigo a combater na formidavel lucta das Especies.

Mas, abastecido de boa lenha, o lume alegre começava logo a estalar, derramando em tôrno da vivenda um clarão benefico, que afugentava as feras traiçoeiras e dissolvia os fantasmas da escuridão.

E os dois solitarios ali permaneciam junto ao brazeiro, pensando pensamentos bem diversos, até que o somno os atirava sobre o leito de folhas, onde Eva mergulhava com um grande suspiro...

Eva, naturalmente, não se considerava feliz. Decerto Adão não era um mau companheiro. Apesar de valente, era doce de genio. Trabalhava sem constrangimento e nunca a choupana ficou privada de provisões: a carne e o fructo sobejavam com largura. Além disso, Adão era um possante protector, a cuja sombra Eva bem depressa comprehendeu serem inuteis todas as hostilidades que a malicia de um espirito malfazejo a cada passo levantava em seu caminho. O homem tinha a astucia inventiva, que domina a força, e a coragem serena, que não recúa ante os perigos.

Mas a mulher soffria em segredo, vencida por um inexplicavel desalento. E quando entrava a meditar nos motivos do seu desgosto, uma infinidade de pequeninas justificações appareciam, como pontas de alfinetes com que ella dia a dia espicaçava a epiderme de Adão. Este lhe parecia um sêr exquisitão, no orgulhoso convencimento de sua superioridade. Depois, era sempre egual, de uma egualdade sempiterna, nos modos e nos costumes.

Amava-a, é claro! Mas com um calor sempre identico, sem nunca diminuir nem augmentar a chamma do seu amor. A sua testa, de continuo enrugada em cogitações, não era illuminada pela aza ligeira dos pensamentos agradaveis.

O teimoso homem se emparedava na idéa de que havia de ser o senhor absoluto da Terra, uma vez que o Creador severo o havia desthronado do seu logar no Paraiso. D'ahi esses interminaveis silencios, durante os quaes elle jazia immovel, de olhos vidrados, no esforço de imaginar uma serie de invenções com que pretendia supplantar a propria Potestade Celeste!

Eva, superficial e linda e appetitosa como um fructo que rola na relva, aborrecia essas ambições muito elevadas, que lhe pareciam fatigantes e pesadas como inaccessiveis montanhas de granito. Por isso, emquanto Adão lidava com as suas lascas de pedra, na faina de crear novos instrumentos, ella tomava surrateiramente o caminho do rio, anciosa por entregar o claro corpo ao

amplexo voluptuoso das correntes. E ali passava longas horas, num profundo deleite, sentindo a agua bater-lhe nos quadris e contornar-lhe o ventre, onde as espumas rebentavam em turbilhões brancos de flores.

A solidão, por fim, a contristava e a caprichosa costella de Adão lastimava o seu destino, arrojada assim em meio á barbaria de um mundo agreste, incapaz de comprehender as delicadezas da sua sensibilidade. E' certo que a matta regorgitava e retumbava ao tropel de uma infinita escala de bicharia, que se cruzava em todas as direcções, uivante e famulenta. Isso, porém, que lhe importava? Sentia-se farta de vêr essa caterva de brutos sanguisedentos, que nada tinham de semelhante á fórma humana.

Mas um dia ella viu...

Foi uma apparição perturbadora!

Eva tomava um banho deleitoso, no local do costume, exposta á indiscrição de um sol canicular. Um bosque, ataviado de lianas florescidas, inclinava-se mollemente numa das margens, projectando na corrente uma larga faixa de sombra. E ella agitava os braços, chapinhava com prazer na liquida frescura, quando de repente, estremeceu, tomada de um grande susto!

E' que, por detraz de um tronco, o carão focinhudo de um Orango se mostrava, bispando-a regaladamente, com os olhos esbogalhados de lascivia! Eva nem quiz examinal-o: sumiu-se numa carreira desabalada, só recobrando alento á porta da choupana, onde cahiu, pallida e resfolegante. O coração batia-lhe no peito com tanta força, como si tambem quizesse fugir! Entretanto, ella não disse nada a Adão, quando este chegou pelo cahir da noite, porém resolveu nunca mais voltar ao banho: tinha receio de que o bruto novamente a surprehendesse, com aquelle semblante pavoroso...

Mas a estranha figura do Orango não lhe sahia da imaginação. E ella reflectia. O mysterioso sêr erguia-se sobre dois pés e o seu rosto escuro imitava mais ou menos o de Adão. Feio e cabelludo, de certo. Mas talvez fosse um homem, um homem de outras regiões. Emfim, era pena não ter reparado bem, por causa do medo. E uma curiosidade persistente começou a preoccupal-a, até que um dia Eva não se pôde conter e lá seguiu em direcção ao rio, afim de espionar mais de geito o formidavel habitante do bosque. Foi. A manhã radiosa, ungida de aromas e sonorisada de gorgeios, lembrava uma d'aquellas incomparaveis manhãs do Paraiso perdido, quando o bom Deus mandava os seus anjos de azas luminosas desparzirem braçadas de flores no chão que ella pisava, Mulher cheia de graça e cheia de pureza... Atravessou o valle. As açucenas erguiam os calices, rutilantes. Os lirios eram

tantos e tão immaculados, que pareciam estrellas cahidas durante a noite. Eva, pensando no Homem Negro, passava linda e soberba, sacudindo sobre a nudez das espaduas todo o ouro da manhã reflectido nos cabellos... Chegou ás immediações do rio, protegida pela folhagem, e, alongando a cabeça através dos ramos, espiou na direcção da beira d'agua. Um medo horrivel petrificou-a no logar: lá estava elle, com effeito, o cabelludo personagem! Eva pensou em retroceder, ¨sparar numa fugida louca para a sua habitação. Mas acalmou-se logo, considerando que não havia perigo. Do sitio em que se achava podia vel-o á vontade, sem o minimo risco de ser vista. Continuou a espiar. O vulto anguloso lá permanecia, encostado a um grosso varapau. Eva examinava-o com afinco. Sim, era um homem, não se enganara! E ella sorria com delicia, com a suprema delicia de quem descobre um thesouro sonhado !

Nessa tarde, Eva voltou para a cabana com uma nuvem nas idéas e uma nova belleza na face pensativa. Adão, inventivo como sempre, pouco falava e pouco se incommodava com as attitudes de sua futil companheira. Eva, agora, não faltava ao seu passeio matinal. Assim, com a continuação, acabara por perder quasi todo o receio e já trocava com o Orango certos signaes de amizade, prenuncios de uma bôa camaradagem. Mas o peior é que o bruto, uma vez, se encaminhou desengonçadamente para o lado della, soltando curtos ganidos, com os pelludos braços muito abertos. Então ella fugiu amedrontadamente através da espessura, e não quiz mais apparecer em tal logar.

Mas, passado que foi algum tempo, ella começou a sentir a tentação de procural-o novamente, movida por uma estranha curiosidade feminina...

Adão, porém, presentindo perto a estação das chuvas (e tormentosas eram as chuvas naquelles tempos biblicos), resolveu inopinadamente mudar a sua tenda para bem longe, lá para as alturas de uma serra isolada, onde estivesse fóra do alcance das enchentes.

E dessa fórma o prudente Avô da Humanidade escapou de soffrer um grave desacato, de funestas consequencias para o orgulho das futuras gerações.

E si é verdade que os macacos penetraram na familia humana, como suppõe o sabio Darwin, essa incursão com certeza só se verificou muito mais tarde, em epochas já civilisadas, depois que o homem promulgou as Regras de Moral e as Leis de Casamento.

Não injuriemos o pae Adão...

POEMA MINUSCULO

CESIDIO AMBROGI (1)

I

QUANDO da missa a caminho,
Meu amor sorrindo passa,
Vozes murmuram baixinho:
— "Como vae linda! Que graça!

Tambem repito baixinho:
— Como vae linda! Que graça!
Quando da missa, a caminho,
Meu amor sorrindo passa.

* * *

Lembra seu vulto pequeno,
De esculptura tão mimosa,
Uma gotta de sereno
No coração de uma rosa.

Vendo-a, fico-me a pensar
Em seu corpinho franzino,
A' cuja graça sem par
Se me prendeu o destino...

---

(1) *Cesidio Ambrogi é um poeta novo, que se apresenta com a mesma formtação mental de Ricardo Gonçalves, o saudoso autor de* Ipês.

Apaixonado dos themas ruraes, do sertanejo humilde, da vida roceira, da humildade cabocla, sabe impregnar seus versos dos aromas agrestes do

II

Olhos verdes — dois capetas...
Janellas escancaradas
De um paraizo interior;
Olhos verdes...

Tortura eterna dos poetas,
Rimas verdes engastadas
Num vilancete de amor.

Desvairado peregrino,
A navegar entre escolhos,
Puz na vida o meu destino
No verde-mar dos teus olhos.

III

De morrer tenho desejos
Mas de uma maneira louca,
Num suicidio encantador:
— Pelo veneno dos beijos
Dessa tua linda bocca
Que mata a gente de amor...

Que tenha voz como a tua,
Eu não sei de mais ninguem:
— Si choras, tens na garganta
Um nocturno *de Chopin.*

IV

Tuas mãos são tão pequenas,
Tão mimosas e gentis;
Parecem feitas de pennas,
De pennas de colibris.

De pequenas — que primor!
Cabem as duas juntinhas
Como dois beijos de amor
No fecho destas quadrinhas.

---

campo. Nada de artificial ou citadino encontra-se nelle. Filho do interior, não permitte á sua sensibilidade vôos artificiaes atravez de céos que desconhece. D'ahi o seu valor, e a frescura e a sinceridade que sua poesia encantadora revê.

V

Deste amor, de que me ria,
Fiz-me devoto depois
De ver, por acaso, um dia,
Teus pesinhos 32.

Ai! São lindos teus pesinhos,
Brancos, mignons, divinaes...
Tens um poema em cada pé:
— Só lhes vão bem sapatinhos
Com tacões de madrigaes
E a forma de um triolet.

E as meias, si eu as tecesse
Para os teus pés — obras primas,
Ai! Si eu tecel-as pudesse,
Fal-as-ia a meu desejo:
— Com fios feitos de rimas,
Pondo em cada rima um beijo!

VI

Tenho um ciume doloroso
Desse Christosinho branco
Que, amor, dorme entre teus seios,
A sentir-lhes, venturoso,
O mais pequenino arranco
E o mais subtil dos anceios.

* * *

Sempre quando, como agora,
Pões o olhar no meu olhar,
Sinto, d'alma nos refolhos,
Não sei que cousa exquisita:
— Julgo ver Nossa Senhora,
Serena, do seu altar,
A olhar-me pelos teus olhos,
Oh! moreninha bonita!

D. JOÃO IMPLUME

TARDE lilaz. No terreiro
Da choça humilde e pequena,

Bica milho em tom ordeiro
Toda a criação de penna.

Mas um frangote altaneiro,
Quebra o silencio da scena,
Num cocôrico *brejeiro*
Que acorda a tarde serena.

A ouvil-o, franga alvadia
Acha aquillo uma ousadia,
E uma outra, em furia, a bical-o,

Dá-lhe um vergonhoso trote...
Tudo isso porque o frangote
Tentára cantar de gallo!

NO ENGENHO

UMA egua puxa a moenda...
E nha Ornelia, que ainda é dura
No trabalho da fazenda,
Garapa num tacho apura.

A um canto o Juca Ventura
Vae apromptando a encommenda
Que lhe fez, de rapadura,
O intalhaninho *da venda.*

Junto a uma gamella suja
Onde um bacoro babuja,
Vê-se um negrinho pellado,

Que é um prodigio de gafeira,
A pedir numa berreira:
— "Nha mãe, eu quero mellado!"

FALA A EXPERIENCIA

DOIDO de amor, o Zé Vira,
Pela Maruca — um tormento,
Péde ao pae, velho caipira,
Licença p'ra o casamento.

O velho fita-o e suspira,
E hesita no assentimento...
Depois, afinal, lhe atira
Este sabio ensinamento:

— "Meu fio, eu tamem casei...
E o casamento eu bem sei
Que é da terra e é Deus que táia;

O casá da gente é um fado...
Mais, nas tropa dos casado,
Num ha burro sem cangaia!"

VINGANÇA DE CABOCLO

FOI na Capella que a vira...
E, achando-a linda a valer,
Seu coração de caipira
Desde então poz-se a bater.

Mas, depois, indo a um catira,
O pobre veio a saber
Que a Zinha pelo Zé Vira
Tinha paixão de morrer.

Antes nunca isso escutasse!
Pois, jurou, de mãos crispadas,
Vingar-se de tal desgraça:

Logo que o ôtro *se casasse,*
Mataria, a porretadas,
O seu melhor cão de caça!

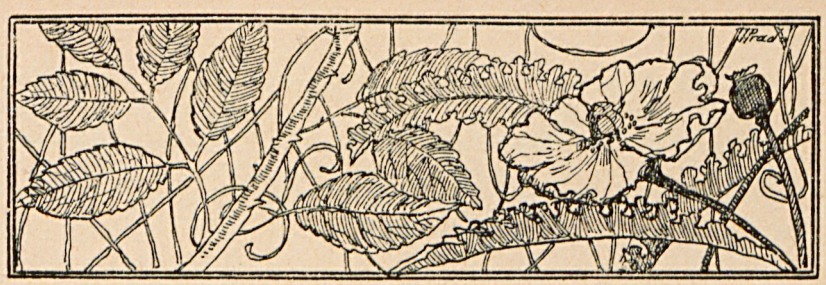
MALES DE AMOR

NA capella um dia a vira
De joelhos, a orar, contricta...
E, desde então, se sentira
Doido de amor pela Rita.

— "Males de amor ninguem tira..."
Geme, ingenuo, de alma afflicta,
A recordar-se o caipira
Dessa morena bonita.

Mas eis que, em ciumes ardendo,
Punhos cerrados erguendo
Para os céos, blasphema, afflicto,

Ao lembrar-se que a morena,
Nessa noite de novena,
Beijára... um São Benedicto!



HISTORIA DE UM RATO

J. RAMOS

ERA uma vez um rato.

Ora, esse rato tinha a particularidade de ser um rato matreiro e ladino, vezado em manhas, ao contrario de muitos de sua especie. Ou porque nascera sob a protecção de estrella propicia, ou porque as armadilhas que lhe armavam não funccionassem como deveram no momento decisivo, certo é que escapára sempre a essas machinas inventadas pela malicia dos homens.

Fosse lá como fosse, estrella ou sina, continuava a viver no mesmo armazem em que nascera. Vivendo e engordando, roendo o seu queijo em dando com elle de geito, ou saboreando um tracalhaz de toucinho quando lhe appetecesse variar de iguaria.

E evitando cautelosamente encontrar-se com certos animaes horriveis, de olhos phosphorescentes. Porque, no seu entendimento, eram uns monstros damninhos e nocivos á boa ordem das cousas. Idéas de rato; exquisitas, si quizerem, mas que não deixavam de ser verdadeiras para o nosso rato, sempre prompto a fugir á aproximação de algum felino. E nisso ajudavam-no o faro e o ouvido, que tinha excellentes.

Quanto ao mais, satisfeito com o mundo e com a consciencia.

— O merceeiro armava-lhe ratoeiras e punha de guarda os gatos para apanhal-o? Muito bem, estava no seu direito, como no seu direito estava elle, bifando-lhe o queijo ou fartando-se no toucinho, pois um e outro foram feitos para os dentes dos ratos, que foram creados para as unhas dos gatos.

Assim philosophava o nosso rato; e si tivera conhecido Pangloss...

Mas deixemos Pangloss, que nada tem a ver com esta historia.

* * *

Tinha o nosso heroe um filho, a quem amiudadamente contava as façanhas de sua mocidade, afim de, não só instruil-o, como tambem infundir-lhe, no espirito ainda infantil, o sentimento de coragem e tornal-o tão vivo, capaz de escapar aos traiçoeiros laços de seus inimigos. E era preciso mesmo que elle, o filho tão querido, entrasse no dominio de certos conhecimentos, pois começava de sentir-se velho e cançado. Quem lhe poderia affirmar que teria ainda largos annos de vida? Deixando o filho nessa inexperiencia, em morrendo, sentiria duplamente a morte: remorso de lhe não ter dado a educação que recebera, e receio de lhe não dar elle descendentes que lhe honrassem a memoria.

Como vêdes, exquisitas as ideas desse rato.

* * *

Dispôs-se uma noite a lançar um grande jacto de luz no cerebro do filho, a tirar-lhe do espirito o medo, e fazer delle um valente camondongo — orgulho de sua raça.

— Vamos dar uma volta, filho. Suffoca-se neste buraco. Vamos espairecer pelo armazem.

E a passos miudos e cautelosos lá se foram os dois, pae adiante e filho atraz. O gato andava pelos telhados em colloquios estridentemente amorosos. A ratoeira lá estava, a um canto. Não era azada a occasião?

E o velho rato chegou-se ao pé della, emquanto o ratinho, atraz, guinchava:

— Onde vae? Não vê a ratoeira? Volte, pae! Ai!

— Ora, meu filho, a quereres aconselhar um ratão velho e sabido como o senhor teu pae! Tem graça, realmente! Já é ter topete! Sim, senhor! Quem dissera que me havias de sahir assim, hein?

E o pobre do ratinho, aturdido com as zombarias do pae, deu de baixar a cabeça, confuso, e a esconder o rabo entre pernas, piscando muito os olhitos vivos e medrosos.

Então o pae condoeu-se delle; e, mais paternal, foi dando á lingua:

— Ora saberás, filhinho, que a mim já me não mettem medo ratoeiras. Somos conhecidos de longa data. Sei para que servem.

Teu avô, que foi um grande rato e deixou fama de sagacidade em nossa republica, iniciou-me, sendo eu ainda tamaninho, nos mysterios e segredos dellas. E teu avô morreu de velho, rodeado do respeito e consideração dos demais ratos.

Aqui elle parou, para enxugar duas lagrimas que lhe afloraram aos olhos. Para logo, porém, farejou, desconfiado, focinho ao ar, orelhas alerta.

— Que é isso? inquiriu o ratinho.

— Psiu! Ouço passos, escondamo-nos.

* * *

E não se enganava elle; nem bem se occultaram por entre saccos de açucar, assomou á porta dos fundos do armazem a figura rubra e rubicunda do tendeiro, trazendo numa das mãos a candeia e na outra um maço de toucinho espetado na ponta de um garfo, e que parecia ter sido tirado naquelle instante da brasa, pois vinha esfumeando e exhalando um cheiro de fazer cocegas ao paladar.

Percebeu-o logo o velho rato; e disse ao filho:

— Upa! Que cheirinho! Prepara o estomago que o petisco não é de desprezar.

E dava estalinhos de guloso contente e lambia os beiços, emquanto o merceeiro armando a ratoeira, blasphemava como aquelle feio abbade:

— Raios os partam e mais quem os mandou ao mundo!... Eu a dar-lhes e elles a fugirem-me!... Grandes malandros! Sucia de ladrões! Mas soceguem: tantas vezes vae o pote á fonte que um dia ha de quebrar... Corja!

Um merceeiro em nada differente dos demais, como vêdes, e que lêra, entre dois bocejos, a historia do melro.

* * *

Logo que a porta se fechou sobre o merceeiro, pulou o rato ao meio do salão, ao passo que o ratinho, inda com o sangue gelado do susto daquellas feias palavras, foi seguindo-o timidamente.

— Coragem, rapaz. Aprenderás hoje como se logram idiotas e terminaremos a tua aprendizagem regalando-nos naquelle succulento toucinho. Vem d'ahi.

Cá está elle, o engenho que tanto pavor te incute, por dares demasiado credito ao que te contam aquellas velhas tontas: — Toma cuidado, menino! Não te chegues ás ratoeiras! São umas cousas infernaes!

O que meu pae fez commigo, quero eu fazel-o agora com o meu herdeiro. Chega-te mais. Assim. Vaes ver como se tira aquelle pedaço de toucinho; abre bem os olhos; presta toda a attenção. Amanhã serás tu quem buscará a ceia para nós ambos.

— Eu?! guinchou o ratinho amendrontado. Nunca dos nuncas. Prefiro morrer á fome.

— E eu que julguei ter um filho digno de mim! Mette-te medo a empresa? Tolices! Cautela e geito, meu filho, vencem todas as ciladas. Não estou eu aqui, são e re-são, após muitos annos de luta contra os homens e os gatos? Não tens animo de imitar a teu velho pae?

Mas o ratinho, angustiado do medo, ainda tentou dissuadir o velho.

— Não vá, paezinho. Que será de mim si me vir só neste mundo tão cheio de perigo? Comida encontra-se por ahi, em qualquer canto. Porque ha de ser mesmo esse desprezivel pedaço de toucinho?

E não teriam mais fim as lamurias do infeliz, si o rato, impaciente, lhe não ordenasse, rispido:

— Some-te da minha vista, filho degenerado! Vae attender-me em nosso buraco. Dentro de dez minutos lá estarei com o manjar appetitoso.

* * *

Não andára elle ainda vinte passos, quando um baque formidavel, vindo do logar que acabára de deixar, immobilisou-o, livido de espanto, o corpinho sacudido de arrepio intenso.

— Que seria aquillo, santo Deus? — pensava elle com os seus bigodes. Ter-se-ia dado, por acaso...

E uma idea jovial penetrou-lhe o cerebro: — E se fôra o pae?

E de longe, avançando-se, foi dizendo:

— Que diabo aconteceu, senhor meu pae? Deu-me um susto! Inda tremo todo!

Mas avistando o velho rato a girar, estonteado, dentro da ratoeira, procurando uma sahida com que não topava, uma ponta de ironia agitou-lhe o focinho tenro:

— Que vejo, céus! O meu caro pae engaiolado? Como foi isso? Conte-mo, para que me não aconteça o mesmo um dia. Mas não me disse... Veja si posso ajudal-o a desenrascar-se... Não tenho lá a sua experiencia, mas...

E o ratinho ia se chegando mais, quando um bichano, indolente e magestoso, apontou por detraz de uma pilha de saccos.

— Adeuzinho, meu pae, ahi vem chegando o nosso inimigo com ares de quem está com fome e eu não quero servir-lhe de ceia. Adeuzinho.

* * *

Que esta historia, na apparencia simples, tem um grande fundo de moralidade, é incontestavel; mas como ao autor não apraz desenvolvel-a para não magoar os sentimentos e gostos de quem quer que seja, deixa isso ao cuidado de cada um.

NOTAS BIOGRAPHICAS DE GEOLOGOS (*)

POR J. C. BRANNER

VII

HENRI Gorceix foi francez por nascimento, educado na Escola Normal de Paris.

Seu primeiro trabalho geologico fel-o na Grecia e na Turquia.

Visitou o Brasil pela primeira vez em 1874, acompanhando o Dr. Ladislau Netto até o Rio Grande do Sul, onde permaneceu por seis mezes estudando os depositos mineraes de Lavras.

Aos 17 de Dezembro de 1874, foi indicado pelo Ministro Imperial para organisar uma escola de minas na Provincia de Minas Geraes para os estudantes brasileiros. Indicou Ouro-Preto, então capital da Provincia, para séde dessa instituição, o que foi approvado por decreto de Dezembro de 1875, sendo-lhe confiada a respectiva installação. Inaugurada aos 12 de Outubro de 1876, o Dr. Gorceix foi não somente o seu primeiro director como lente das cadeiras de mineralogia, geologia, physica e chimica. Esse cargo, exerceu-o até 1891.

Entrementes, não só prestou um valioso auxilio á mineralogia e á geologia do Brasil, como educou grande numero de engenheiros

(*) V. o numero 80, de Agosto.

brasileiros, inspirando-lhes amor e dedicação ás investigações scientificas.

Em 1881, iniciou a publicação dos Annaes da Escola de Minas, o mais importante orgão technico publicado no Paiz.

A instancias suas, o Governo Provincial mandou proceder ao estudo geologico da provincia e ao estabelecimento de cartas geologicas indicativas.

Em 1891, pediu demissão do cargo de director da Escola de Minas, indo para S. Paulo, que deixou mais tarde para regressar a sua terra natal. Em Agosto de 1896, voltou de novo a Minas, sendo incumbido de organisar uma escola agricola em Itabira.

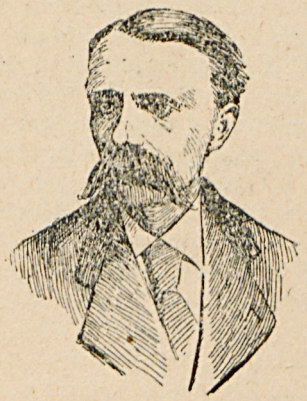
O merito de sua obra como educador e fundador da Escola de Minas foi reconhecido pelo Instituto de França, que lhe conferiu o premio Delésse.

Em 1897, Gorceix regressou definitivamente para a França, fixando residencia na sua casa de campo de Haute Vienne.

Falleceu em 1919.

VIII

CHARLES FREDERICK HARTT



CHARLES Frederick Hartt nasceu aos 23 de Agosto de 1840 em Fredericton Nova Brunswick e falleceu no Rio de Janeiro em 18 de Março de 1878.

Educou-se na Hortan Academy e no Acadia College, em Nova Escossia, onde se formou em 1860.

Ensinou por 3 annos, em companhia de seu pae, em Nova Brunswik. Iniciou ahi seu trabalho geologico, colleccionando fosseis de plantas e insectos na Bahia de Fundy.

Em 1863, foi para Cambridge, onde estudou historia natural com Louis Agassiz.

Em 1864 exerceu o cargo de engenheiro-geologo de Nova Brunswik, publicando nesse anno seu primeiro trabalho geologico sobre a idade de ouro em Nova Escossia.

Em 1865 acompanhou o professor Agassiz ao Brasil como membro da Expedição Thayer, viagem esta que indica o inicio de seu interesse e devotamnto pela geologia brasileira. Dedicou-se, então, de preferencia á geologia da região comprehendida entre o Rio de Janeiro e Bahia.

Foram as seguintes as excursões de Hartt ao Brasil:

Primeira. — Como assistente de Louis Agassiz em 1864-65, na expedição Thayer. Essa excursão é descripta no livro da Senhora Agassiz: "Uma excursão ao Brasil" (A Journey to Brasil), editado em 1868, e na *Geologia e Geographia Physica do Brasil,* de Hartt, editada em Boston em 1870.

Segunda. — Em 1867, percorreu a costa brasileira, de Bahia ao Rio de Janeiro, ao que elle se refere como uma viagem de férias. Os resultados dessa excursão foram apresentados parte no seu livro e parte no *American Naturalist* de 1868, Vol. III.

Terceira. — Em Junho de 1870, como membro da expedição Morgan. Acompanhavam-no: Albert N. Prentiss, professor de Botanica; Theodore B. Comstock, mais tarde professor assistente; O. A. Derby, depois professor assistente; Herbert H. Smith, W. S. Barnard, depois egualmente professor assistente; De Borden Wilmot, C. J. Powers, Parley M. Johnson, Phineas P. Stanton, de Le Roy, N. Y., H. J. Mc Donald, de Boston; Horace F. Kendale de Syracusa, N. Y. e Rolfe Eldrige de Boston. As despezas foram pagas principalmente pelo Coronel E. B. Morgan, de Aurora, N. Y., pelo professor Goldwin Smith que contribuiu com $500 e por outras contribuições feitas pelos tres ultimos nomeados.

Quarta. — Em Julho de 1871, fez outra excursão ao Valle do Amazonas acompanhado de O .A. Derby sómente. Para isso, recebeu $500 do professor Wyman de Cambridge e $1000 do Cor. E. B. Morgan, de Aurora, N. Y. Esta foi a segunda das expedições Morgan. Os resultados das duas expedições Morgan foram publicados em parte como Boletim da Universidade de Cornell, vol. I, numeros 1 e 2, Ithaca 1874.

Quinta. — No outomno de 1878 foi ao Rio de Janeiro em companhia de seu assistente J. C. Branner. Forneceu meios para essa excursão o Dr. J. C. Rodrigues, brasileiro que então vivia em Nova York, onde editava um jornal mensal, em Portuguez, "Novo Mundo".

Essa excursão não foi feita a instancias do Imperador do Brasil, como frequentemente se diz, ou de quem quer que fosse. Foi antes uma aventura do professor Hartt, pois não tinha esperança de que o governo Brasileiro resolvesse estabelecer um Serviço Geologico sob a sua direcção. Todavia, em chegando ao Rio, conseguiu o auxilio do governo e organisou a "Commissão Geologica do Imperio do Brasil", que, começando a funccionar em Maio de 1875, era suspensa em Junho de 1877, fallecendo Hartt aos 18 de Março do anno seguinte.

Os assistentes da Commissão, durante o seu curto periodo de existencia foram O. A. Derby, Richard Rathbun, E. F. P. Jordão, J. C. Branner, J. L. Freitas, Marc Ferrez, Herbert H. Smith e

Luther Wagoner. Frank De Carpenter foi nomeado assistente, porém a Commissão foi dissolvida antes da sua chegada ao Rio.

Apenas um relatorio foi apresentado pela commissão. Os dados por ella colhidos, porém, foram aproveitados pelo Dr. Charles A. White, na sua obra sobre os fosseis cretaceos do Brasil, publicados pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, e pelo Dr. I. M. Clark em um seu trabalho tambem publicado pelo mesmo Museu.

Em 1868, foi Hartt nomeado professor de Historia Natural de Vassar College, occupando mais tarde, sob indicação do professor Agassiz, a cadeira de Geologia da Universidade de Cornell, então organisada. Ahi permaneceu de 1868 a 1874, recebendo o titulo de professor honorario.

A Commissão Geologica do Brasil installou o seu laboratorio no Rio em um edificio da rua da Conceição, entre a praça da Constituição (hoje Praça Tiradentes) e o Campo de Sant'Anna (hoje chamado Praça da Republica), juntamente com uma grande collecção geologica e ethnologica, e iniciou ahi os seus estudos e relatorios.

Por motivos até hoje ignorados, porém provavelmente de natureza politica, a Commissão foi dissolvida em Junho de 1877, sendo a collecção transportada ao Museu Nacional. Para Hartt isto foi uma surpresa desagradavel; seu desapontamento foi fatal. Envidaram-se todos os esforços no sentido de salvar a situação; porém, Hartt cahiu gravemente enfermo, morrendo de congestão cerebral, aos 18 de Março de 1878, na rua Princeza Imperial 41, no Morro de Nova Cintra. Foi inhumado no Cemiterio de S. Francisco Xavier no Cajú, sendo os seus restos removidos, em 1882, para o Forest Lown Cemiterio de Buffalo, N. Y.

A influencia exercida por elle na Geologia brasileira não póde ser evidentemente apreciada pelo simples estudo da lista das publicações aqui mencionadas, porque ella não se limita ao seu proprio trabalho, nem ao de seus assistentes immediatos. Hartt era um homem de conhecimentos encyclopedicos, amavel e emprehendedor. A obra e os escriptos de Rathbun, C. A. White, J. M. Clark, Cope, Marsh, Hyatt, José Americo dos Santos, Freitas, Mills, Wagner e Branner, e especialmente os esplendidos trabalhos de Derby e seus assistentes, podem ser attribuidos directamente á acção exercida por Hartt.

IX

EUGENE HUSSAK

Nasceu em Wilden, Steiermark, na Austria, aos 10 de março de 1856. Era filho do Conselheiro Johann Hussak e sua esposa Therese née De Wagner.

Terminado o seu curso gymnasial, matriculou-se na Univercidade de Graz, devotando-se ao estudo de sciencias naturaes.

No terceiro semestre, transferiu-se para a Universidade de Leipzig, onde, influenciado pelos ensinamentos de F. Zirkel, o mestre da petrographia, dedicou-se inteiramente ao estudo da petrographia microscopica.

Em 1876, a expensas do Estado, frequentou por um semestre o laboratorio do professor G. Tschermak de Vienna, de quem eram assistentes M. Schuster e F. Becke.

Regressou no mesmo anno, desta vez como assistente, ao laboratorio do professor F. Zirkel, em Leipzig, onde recebeu o gráo de doutor em 1878, sendo chamado nesse tempo ao serviço militar de seu paiz.

De 1879-82, auxiliado com pensão do Estado, frequentou o laboratorio de K. K. Geolog. Anstalt, em Vienna, dedicando-se ao estudo de rochas.

Regressou então a sua cidade natal, onde foi professor particular de geologia e mineralogia, e assistente do professor Doelter.

Ahi ficou até 1885, e uma vez perdida a esperança de promoção em sua terra natal, emigrou para a Allemanha.

Foi assistente do professor D. Laspeyres, em Kiel, a quem acompanhou até a cidade de Bonn, no Rheno, em 1886, onde exerceu a profissão de professor particular, e fez uma serie de conferencias.

Com a morte de seu pae, viu-se obrigado a buscar emprego, visto que a carreira academica não dava resultados. Seguindo o conselho do amigo brasileiro Jordano da Costa Machado, emigrou para o Brasil, buscando, depois de ter passado alguns mezes na fazenda de seu discipulo, o Dr. O. A. Derby, director da então Commissão Geologica e Geographica de São Paulo, a quem apresentou cartas de recommendação dos professores Zirkel e Rosenbusch. Foi nomeado assistente da Commissão, começando a trabalhar no dia 1.º de Novembro.

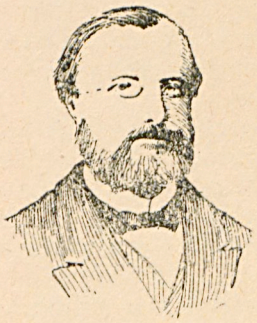
No dia 1.º de Janeiro de 1889, foi chamado á Corte do Imperador do Brasil, como professor do principe D. Pedro de Saxe Coburgo. Regressando a S. Paulo com a proclamação da Republica, ahi obteve de novo emprego na Commissão Geologica, onde permaneceu até a organisação do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, de que fez parte.

Em 1908 fez uma visita á Europa, ahi adoecendo. Regressou para o Brasil, porém, nunca convalesceu, vindo a morrer aos 5 de Setembro de 1911, em um pequeno hotel da cidade de Caldas, no sul de Minas.

Hussak fez pela petrographia do Brasil mais do que qualquer outro.

X

EMMANOEL LIAIS



Nasceu em 1822 em Cherburg, França, onde falleceu em 1900.

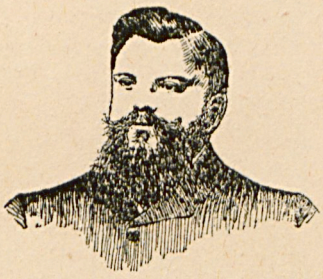
A sua habilidade innata revelou-se muito cedo, attrahindo logo a attenção de M. Leverier, por quem foi nomeado assistente do observatorio de Paris em 1852.

Seis annos mais tarde, era enviado para o Brasil em expedição scientifica, sendo nomeado por D. Pedro II em 18.... director do observatorio do Rio de Janeiro, posição que occupou até 18....

Embora Liais fosse notadamente um astronomo, dispensou sempre grande interesse pela Botanica, Zoologia e Geologia. Em suas excursões pelo Brasil, colheu importantes dados que serviram de base para os seus escriptos na materia. Um dos seus mais valiosos trabalhos foi sem duvida a carta hydrographica da parte superior do Rio S. Francisco e a do Rio das Velhas, feitas para o governo brasileiro. Depois disso, esteve por algum tempo á frente do observatorio de Olinda, em Pernambuco, tendo, no desempenho desse cargo, compilado todos os dados necessarios para a publicação do seu trabalho sobre os recifes de pedra.

XI

MIGUEL ARROJADO RIBEIRO LISBÔA



Nasceu aos 18 dias do mez de Agosto de 1872 na cidade do Rio de Janeiro.

Seu pae, Joaquim Miguel Ribeiro Lisbôa era um bem conhecido engenheiro brasileiro, sob cuja direcção, varios dos trabalhos ferroviarios do Brasil foram executados; seu avô foi o Barão de Japurá, que exerceu o cargo de Ministro brasileiro junto ao governo dos Estados Unidos, no tempo da guerra civil.

Pelo lado materno, descende de uma das primeiras familias

portuguezas que se estabeleceram nas regiões diamantinas do Estado de Minas Geraes durante o periodo colonial.

O Dr. Arrojado Lisbôa educou-se na Escola de Minas de Ouro-Preto, recebendo o diploma de engenheiro civil e de minas em 1894.

Durante os dois subsequentes annos, serviu como assistente do Barão de Capanema, em varias investigações geologicas nos Estados de Minas Geraes, Pará e Maranhão.

De 1896 a 1897, occupou o cargo de engenheiro chefe do serviço cartographico do Estado do Rio de Janeiro; de 1897 a 1898, dedicou-se á engenharia hydraulica. De 1898 a 1900, frequentou a Universidade de Berlim, onde fez estudos especiaes sobre geologia e mineralogia, visitando depois as collecções geologicas da Allemanha e da França.

Em 1900, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, como engenheiro consultor de minas e geologo, tendo assumido a direcção de varias companhias de mineração do Brasil.

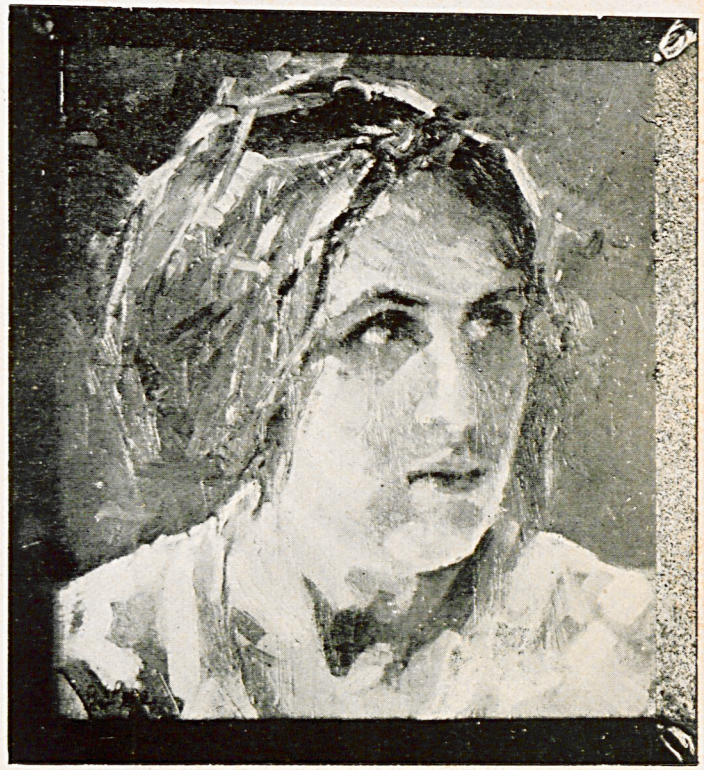
Em 1907, como geologo, fez parte da Commissão Schnoor a Matto Grosso e dois annos mais tarde, como engenheiro do Serviço Geologico Federal, com um assistente-topographo, fez o reconhecimento geologico dos Estados do Maranhão e Piauhy e grande parte de Goyaz.

Em 1909, organisou a Inspectoria de Obras contra as Seccas, em 1914 foi Director da Estrada de Ferro Central do Brasil e em 1920 assumiu novamente a direcção dos serviços contra as seccas.

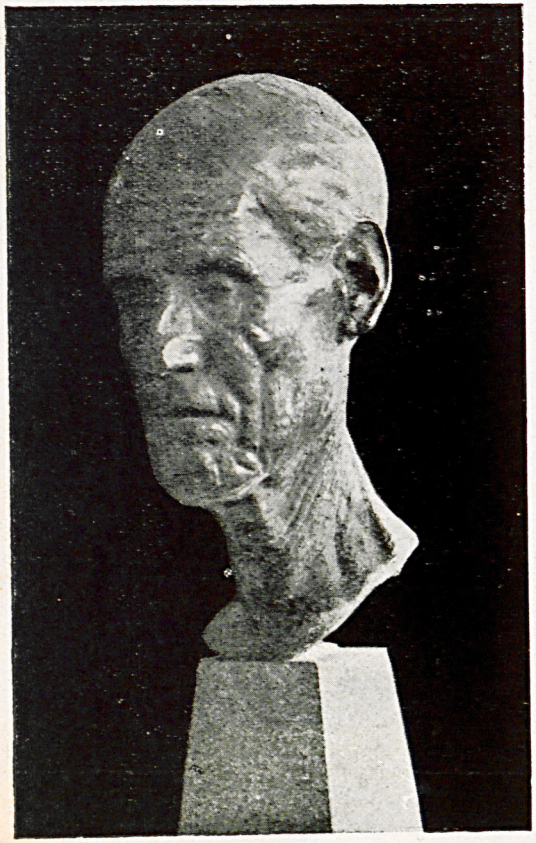
O Dr. Arrojado Lisbôa é um dos mais activos e energicos representantes da nova geração de geologos brasileiros.

(*A concluir*)

V. Larocca — *Pudicicia*

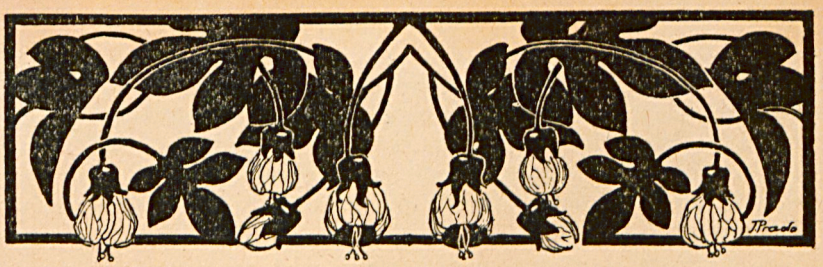


Bernardino Pereira — *Cabeça*



PAVANI — *Cabeça de velho*

A. FERRI — *O despertar*



NOTAS SCIENTIFICAS

ARTHUR NEIVA

Inicia a sua collaboração nesta "Revista" o sr. dr. Arthur Neiva, para quem abrimos a secção "Notas Scientificas", destinada a ser das mais interessantes, não só pela materia que lhe diz respeito, como pelo nome do eminente scientista, que a subscreve. Espirito ductil, de vasta illustração, em quem a perfeita especialisação scientifica não destruiu a individualidade humana, capaz de juizo critico geral e de communicação com o publico, dar-nos-á o dr. Neiva esplendidas chronicas, das quaes aqui vae um bello exemplar.

HENRI Martin, na sua historia de França, ao tratar da Revolução, occupa-se varias vezes com o movimento scientifico que se operou naquelles dias chaoticos, quando a guilhotina não poupava nem mesmo sabios afastados de qualquer ingerencia politica. No entanto, chama a attenção para a circumstancia de se ter operado uma reacção salutar no campo da Hygiene, como se comprova pelas instituições creadas para attender á infancia e, ainda, pelos numerosos medicamentos apresentados com intenção de atenuar os males que atacavam a população. Nos dominios da Physica, das Mathematicas, e da Chimica tambem se registrava grande actividade, bastando recordar os trabalhos de Laplace e os do fundador da lei de conservação da materia, o grande Lavoisier, aliás, uma das victimas da epoca.

Quem se interessar pela Historia Natural, ha de se recordar tambem do que succedeu a Latreille, naturalista dos que mais honraram a sciencia franceza, atormentado naquelles dias pelas atrozes perseguições soffridas e das quaes sómente escapou, graças á dedicação de alguns amigos e admiradores. Procurando evitar a todo transe immiscuir-se no movimento revolucionario, Latreille

entregava-se apaixonadamente ao estudo dos insectos e foi pesquizando alguns besouros, que teve a idéa, ao descobrir um genero novo, de baptisal-o de maneira a suggerir os dias vividos sob o terror de morte imminente que sempre o ameaçava. Foi essa, dizem, a origem da denominação *Necrobia*, apparecida no trabalho publicado em 1797.

A revolução russa, que tantas analogias apresenta com o movimento de 1789, tão pouco fez cessar a actividade scientifica, embora tenha tirado a vida a numerosos e eminentes sabios. Até ha pouco tempo a Europa e os Estados Unidos, interessados em impedir que se divulgasse o que se passava na Russia, trancavam toda e qualquer informação que désse idéa de que, aos poucos, a Russia ia voltando á normalidade e, mesmo orgãos bem informados, como a revista norte-americana "Science", em numero chegado no mez passado, sómente relatava o lado negro do phenomeno russo. Ha mezes, no entanto, Walter Horn, naturalista allemão que já visitou o nosso paiz e que viajou São Paulo, tendo trabalhado, creio, durante algum tempo na Estação Biologica do Alto da Serra, trazia informações das pesquizas realisadas por entomologistas russos durante os ultimos 2 annos, o que para mim foi uma grande surpreza.

Agora, porém, os leitores da "Revista" poderão ter informações mais precisas, atravez de dois fasciculos de uma publicação scientifica que acabam de me chegar ás mãos, vindos da patria de Lenine e, atravéz dos quaes, temos a certeza de que as coisas por lá vão melhorando consideravelmente. Houve fome espantosa, produzindo mortandade e ha receio de que volte ainda a se observar entre algumas populações de determinadas estepes. Tambem se registrou a maior epidemia de typho exanthematico que jamais assolou a Russia, acarretando enorme mortandade. Já se falla, porém, na reorganisação do Serviço Sanitario, aparelhando-o de modo a poder attender a uma possivel e terrivel epidemia de peste, que se teme venha a irromper nas estepes de Kirghiz, na primavera vindoura. Como "signal dos tempos que correm", (sic) um dos articulistas se refere, ao estudar uma epidemia de peste que observou em Janeiro do corrente anno, que os primeiros casos foram registrados a 8 verstas, cerca de 9 kilometros do posto medico, sem que tenha chegado ao conhecimento da autoridade. Eu tinha idéa de que neste particular a desorganisação fosse muito maior.

A publicação scientifica a que me refiro intitula-se: "Revista de Microbiologia e de Epidemiologia." Os dois fasciculos que conseguiram romper o bloqueio contra a Russia, são editados pelo Snr. Nikanoroff e Ilovaisky.

Se o colosso slavo não eliminou a sciencia, depois que se metteu pelo tunnel a dentro, está salvo; podem apertar á vontade

as malhas do bloqueio e filtrar cuidadosamente tudo que de lá provenha; elle atravessará o tunnel. Digo-o, não por sympathia pelo bolschevismo, que ainda ignoro o que seja, mas pela circumstancia de que onde ha trabalhos scientificos existe organisação e onde havia confusão surge a ordem, a reconstrucção se opera e as trevas desapparecem.

Julgo ser interessante para o leitor, conhecer as impressões que a "Revista" passa a transmittir, resumida de fontes originaes e os futuros artigos desta secção obedecerão sempre a essa norma. Os nomes acima citados são, respectivamente, do director e chefe de Serviço do Instituto de Microbiologia e de Epidemiologia de Saratof. Tal cidade fica ao Sul da Russia, perto de Astrakan; o clima permitte a eclosão de doenças dos paizes quentes, e a zona sempre foi rythmicamente assolada por prolongadas sêccas, o que acarretava fome; isto muito antes de ser implantado o bolschevismo. As ultimas informações da "Revista" narram acontecimentos desenrolados em fevereiro do corrente anno e apparecem no artigo em que Nikanoroff estuda o "papel dos camellos na epidemiologia da peste na região do Astrakan". O pesquizador relata o facto, novo para a sciencia, de ser o camello sensivel á peste, conforme verificou em Dezembro de 1917, na estepe de Kirghiz, então assolada por uma epidemia originada de 2 camellos pestosos. Tal ruminante exerce grande papel economico naquellas paragens, pois todo o commercio é feito por intermedio das tropas de camellos. E como o animal era considerado refractario á peste, isto induziu o auctor a tentar infecções experimentaes, inoculando o germen na veia, dando-o por via gastrica ou lançando directamente nos pulmões o caldo infectante. A sensibilidade do camello ao virus pestoso foi estabelecida, embora se note certa resistencia ao mal. Não deixa de ser extranho o facto verificado por Nikanoroff de não se ter infectado o camello que levou injecção na veia, ao passo que todos os inoculados debaixo da pelle cu alimentados com forragens contaminadas com cultura em caldo, tiveram peste. Alguns dos animaes atacados se restabeleceram. Tal observação, realisada em paragens tão longinquas, tem um inesperado campo de applicação na America do Sul. Toda a altiplanicie argentino-boliviana tem na lhama, tão proximo parente do camello, o animal que, para todos os effeitos, representa naquella região e ainda em certas partes do Perú, o mesmo papel desempenhado pelo camello. Fornece lã, carne, leite, couro e transporta todo o commercio. A peste, cuja presença já foi assignalada em Salta e Jujuy, póde encontrar nas lhamas um provavel propagador do mal. Eis como pesquisas realisadas ás margens do Volga, podem ter applicação ao meio sul americano, onde se explora o estanho e que produz o wolfrango; ambiente tão dif-

ferente pelo clima, altitude e habitos da população, mas, que por um simples traço de analogia, reune, ligando-os pelos mesmos interesses, aquelles rudes cossacos aos *cholas* de peito largo e falar cantante a conversarem em quichua e a mascar coca e que eu vi, conduzindo aquelles numerosas tropas de lhamas, nas transparentes e frias regiões da quebrada de Humahuaca até o ponto onde o chorolqui tudo domina.

Em outro artigo, Perwozwansky estuda os fermentos do Kumis e do Kefir, bebidas feitas primitivamente com leite de egua que se deixava fermentar em botijas de couro, dando como resultado uma beberagem alcoolisada, usada pelos cossacos. Hoje, prepara-se o Kumis com leite de vacca addicionando-se-lhe assucar de canna e fermento. O referido investigador é o professor de botanica da Universidade de Saratoff. A estructura das bacterias é estudada por Kitaeff, emquanto Podiapolsky escreve longo trabalho sobre a "excepcionalmente grave epidemia de typho exanthematico", que grassou em 1921 na Russia. Ha dois trabalhos estudando varios csaos de amebas com abcessos de figado. Dez estampas, representando mais de 60 figuras, illustram os fasciculos. Algumas das estampas são admiraveis photogravuras. O primeiro numero da revista russa tem 80 paginas; 186 paginas formam o segundo fasciculo. Todos os artigos estão escriptos em russo e resumidos em francez ou allemão.

Surpresa para o leitor é a verificação de que os investigadores russos estão ao par do movimento scientifico dos paizes mais importantes e isto se vê pela bibliographia que acompanha os artigos e ainda pela secção bibliographica da revista, a qual resume os trabalhos apparecidos nas mais importantes publicações allemãs, francezas, inglezas e norte-americanas. Não só as revistas, como o material de laboratorio empregado, em sua maioria, são de origem allemã. Alguns dos trabalhos têm grande interesse; por exemplo, as pesquizas de Nikanoroff relatadas no artigo "os ratos como portadores de peste" demonstram que o bacillo pestoso póde resistir em meio albuminado secco, quando abrigados da luz, até 165 dias, conservando, segundo o autor, não só a vitalidade como ainda a virulencia.

Um pesquizador denominado Joff, investiga a importante questão da parthenogenese dos macrogametos na terçã benigna. Vou traduzir o arrevesado da technologia e explicar rapidamente do que se trata.

Um dos gigantes da moderna sciencia allemã, chamava-se Schaudinn; era zoologo. Começou trabalhando e escrevendo sobre a fauna de Spitzberg; depois enveredou pelo campo dos protozoarios causadores de doenças nos homens e animaes, tendo revolucionado a medicina. Partiu para Rovigna, então pertencente

á Austria, e alli retomou o estudo do impaludismo. Entre as descobertas sensacionaes por elle realisadas, está a explicação para o accesso de maleita que ataca o individuo já muito longe do fóco de impaludismo, quando, portanto, a hypothese de uma reinfecção está de todo eliminada. Exemplifiquemos: um inglez vem ao Brasil, trabalha no Rio Doce onde apanha uma doze de sezões; regressa ao Rio de Janeiro onde se cura. De 6 em 6 mezes, porém, subitamente começa a tiritar: eil-o a braços com um accesso. E este volta periodicamente em espaços de tempo muito variaveis, de semanas a muitos mezes, 8, 10 ou mais. O subdito britannico dispara para as montanhas da Escossia, afim de se curar. Já se esqueceu do Rio Doce e a lembrança do Brasil só lhe occorre porque tem agora saudades daquelle calor que tanta falta lhe faz naquelle momento. Senta-se junto á lareira, accende o cachimbo, dobra a dose do bom Whysky, e, no emtanto, o frio não passa. Sobrevém o mal estar e com espanto o nosso escossez recolhe-se ao leito, presa de um accesso typico de impaludismo. De nada lhe valera refugiar-se em logar onde o mal jamais existira, sendo de notar que a presença de transmissões nunca fora registrada. Pois foi isto, que Schaudinn explicou quando demonstrou que o macrogameto, que é o elemento feminino, no caso vertente do parasita que occasiona a maleita, e que é o mais resistente á medicação, póde viver durante longo prazo a circular pelo corpo ou occultar-se em uma das visceras, luctando victoriosamente contra os elementos que o organismo elabora para destruil-o. E um dia, o macrogameto, afim de perpetuar a especie, já que não logrou ir parar no estomago de um mosquito, onde as condições de temperatura lhe permittiriam unir-se ao elemento macho e realisar o cyclo evolutivo, resolve desapparecer; antes, porém, divide-se em mais de uma duzia de filhos, os quaes crescerão e se multiplicarão sem que sejam fecundados; dividem-se por parthenogenese e, quando o numero desses elementos é elevado, pode produzir calefrios e febre pela quantidade de toxina lançada no sangue, no momento em que vão se multiplicar. Até hoje, a demonstração de Schaudinn está de pé; alguns autores inglezes têm procurado discordar; Joff quer fazer o mesmo, sem exito, porém.

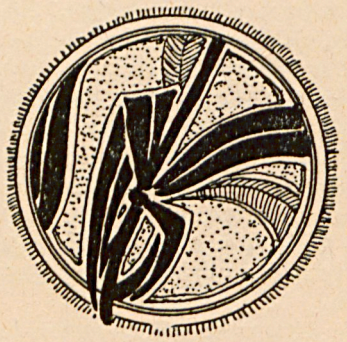
Losanoff trata de "um methodo novo, rapido e simples para a coloração do Spirocheta pallida" e que é uma modificação do methodo de Manson.

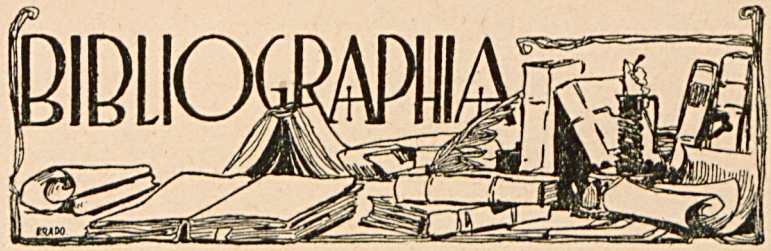
Ha ainda varios artigos de menor interesse. O trabalho graphico é excellente; os dois numeros das revistas chegaram pagando mais de 100 rublos em sellos. Os editores pedem permuta ás Sociedades e Institutos estrangeiros que se occupam de bacteriologia, protozoologia e doenças tropicaes. A remessa deve ser feita para o Instituto de Microbiologia e Epidemiologia — Kasarmennaia, 18 — Saratof-Russia.

A cidade onde fica o Instituto dista cerca de mil kilometros de Moscow.

Nunca tive tanta impressão da vitalidade russa, como ao ler estas revistas. Ha 5 annos que o antigo imperio dos Czares vive boycottado pelo mundo. Não pode commerciar. Tentaram impor-lhe condições pela força e elle nos campos de batalha derrotou exercitos amestrados. Propagou-se por toda a superficie do globo a noticia de que a Russia escabujava devastada pela peste, fome e miseria. Inesperadamente, surgem dois fasciculos de uma revista, relatando trabalhos de laboratorios e deixando ver claramente que a situação da Russia, embora anormal, está enormemente distante d'aquillo que nós liamos nos jornaes diarios; palavra, eu nunca vi publicações que derramassem tanta luz.

A fulgurante estrella que desde o berço acompanhava Napoleão apagou-se na Russia; os 3 annos que ella ainda brilhou até o occaso definitivo em Waterloo, representavam as ultimas vibrações luminosas de um astro que já se extinguira, de facto, mas que ainda parecia scintillar, porque os ultimos lampejos caminhavam pelo espaço a fóra. Lendo as revistas, pensei no grande corso e naquella sua prophecia, a qual, apezar de não ter sido realisada no tempo previsto, talvez em parte ainda se cumpra: o vaticinio apparecido no Memorial de Sainte-Héléne — "Avant dix ans toute l'Europe peut être cosaque, ou toute en République."





Manuel Galvez — LA TRAGEDIA DE UN HOMBRE FUERTE — Bibliotheca dos Novelistas Americanos — Buenos Aires — 1922.

Manuel Galvez continua a sua obra novellistica, na qual se reflectem todos os aspectos da moderna Argentina. Neste alentado romance, a acção gyra em torno de um homem forte e serve de pretexto para o estudo da evolução do amor — ou, melhor, das relações sexuaes e sentimentaes do homem e da mulher de Buenos Aires, creaturas influenciadas pela inquietação européa, arrancadas da crystallização colonial, que inda perdura na provincia, e torturadas pela ancia de descobrir um equilibrio novo, uma nova chrystallização que melhormente satisfaça o eterno anhelo da felicidade. A provincia representa o elemento estatico do paiz: Buenos Aires, o elemento dynamico. Victor, o heroe do romance, o homem-these, traz em si a força dos grandes "dynamicos" — estuda-se, analysa-se, quer e prega o dynamismo. Mas embora realize na vida o seu ideal de acção, procura a felicidade no amor. A acção não lhe basta; quer amor e corre de mulher em mulher em procura do necessario oasis. Casa-se e érra. Sua mulher não lhe traz o equilibrio sentimental sonhado. E' uma "estatica", muito dominada ainda pelo passado, e logo se separam — ella vae para Cordova, a velha fortaleza da estatica e elle fica na capital, irradiante fóco de dynamismo.

E logo começam as aventuras. Em Clota encontra o amor-imaginação. E' um amor que o não satisfaz, porque incompleto, e logo verifica Victor que errou pela segunda vez.

Procura de novo e continua a errar, atravez de Aurelia, o amor — paixão, de Martha, o amor — piedade, de Elsa, o amor — intelectual, de Lucy, a vontade de amar.

O romance está nesta serie de episodios, aventuras amorosas que se reflectem no cerebro de Victor, o inquieto, e se desdobram em dramas mentaes.

Ao lado desta tragedia psychologica do homem forte, á guiza de ambiente, o romancista dispõe magnificos quadros panoramicos da nova Argentina, que se gesta na capital, dynamica no mais alto gráo, e tambem "quadros clinicos" da geral inquietação das almas, das tragedias espirituaes e dos difficilmente apprehensiveis estados d'alma da "coisa nova" que está a vir.

E' um excellente livro, porque é um fiel espelho de numerosas faces que fielmente reflectem a alma argentina. No fundo, Galvez estuda, a seu modo e com modernismo, o eterno problema argentino de choque entre a cabeça e o corpo, Buenos Aires e a provincia. Uma sen pre foi Europa, idéa nova, força que tira para a frente, *worwaertz;* outra, desde os inicios da in-

dependencia, sempre permaneceu Hespanha, tradição, estatismo, immutabilidade.

De como tratou o romancista o seu thema, só terá perfeito conhecimento quem ler a obra inteira com a merecida attenção; uma simples noticia critica pouco ajudará nisso. Galvez mais uma vez demonstra as suas excepcionaes qualidades de romancista e de psychologo. Mais psychologo ainda que romancista. Arrasta-o sempre a demonstração de uma idéa, o desenvolvimento de uma these. Victor não é um homem, é um symbolo. Iturbide, outro.

Já as mulheres que se entregaram a Victor, apezar de cada uma ser posta alli para symbolizar uma especie de amor, como as entende Sthendal, são creaturas vivas, tomadas do turbilhão da vida e perfeitamente fixadas.

Excellente livro, portanto, e mais um bloco que Manuel Galvez assenta no edificio la sua já formidavel creação literaria.

Eduar o Barrios — EL HERMANO ASNO — Ed. Nascimento — Chile — 1922.

Pela primeira vez travamos conhecimento com este escriptor chileno, autor já de uma bella serie de livros, quatro romances e quatro peças theatraes. E damo-nos parabens do feliz acaso, pois Barrios é um grande romancista. Como escriptor, como estylista, poucos na America do Sul se lhe comparam, tal a maestria com que arma as suas phrases, tal a elegancia do seu dizer, tal a excellencia dos dialogos. A estas qualidades de factura, juntam-se excepcionaes qualidades de composição, de penetração, de finura e de ironia philosophica. Penetra nas almas, desarticula os personagens e fal-os visiveis por dentro como relogios a que se arrancassem as tampas.

El hermano asno é um primor em todos os sentidos.

Thema originalissimo, auto-analyse de um homem mundano que se metteu a frade, a acção transcorre toda entre as paredes de um convento. A vida dos frades, o caracter de cada um, os pequenos acontecimentos da clausura, a pobre creatura que é o homem a luctar contra a natureza na tentativa insana de revogal-a, tudo Barrios analysa com uma firmeza notavel. O perfil de frei Rufino é maravilhoso. E' o unico da congregação que sente a humildade e a pratica por convicção. Simples ao infinito, elle refaz a vida do "pobrezinho de Assis". Mas não consegue nunca harmonizar os seus estupendos actos de amor com a vida burocratica do convento. Porque tem todos os seres como irmãos e protejeu os "hermanos ratonzuelos", vê proliferar a rataria do convento em proporções taes que provocam a revolta do dispenseiro e da ordem inteira, que não vacillou entre aquelle amor de santo e os prejuizos pecuniarios delle resultantes. E os frades condemnaram o amor de frei Rufino — condemnando assim o padroeiro da ordem, S. Francisco de Assis, copiado pelo novo santo.

As mortificações de frei Rufino attingem o sublime — mas parecem grotescas aos seus companheiros.

No caso do cachorro, culmina. Estava doente o Mariscal, cão de guarda do convento, Frei Rufino vae ser seu enfermeiro. Põe-se ao lado do canil, a tratal-o, cobre-o com a sua propria capa, ficando a entanguir-se ao frio da noite, conversa com o animal, aconselha-o, supplica-lhe que evite latir, pois isso lhe fará mal aos pulmões fracos. Mariscal, todo instinctos, não comprehende aquella linguagem de santo, e insiste, mesmo doente, em ser cão de guarda. A cada rumor extranho que lhe chega aos ouvidos, esquece as recommendações e ladra. Frei Rufino acalma-o, e para evitar que o

cachorro se canse, toma-lhe o officio: põe-se a ladrar. Põe-se a ladrar, cada vez que ouve um rumor, para que o cão se dispense de o fazer.....

Pois bem: este frade, verdadeiro santo cuja fama já corria pelos arredores, instigado por um demonio deixa-se arrastar pelo "hermano asno", isto é, pela besta que trazia em si, e tenta violentar uma donzella na igreja. Maria Mercedes, essa moça, complicação amorosa da vida de frei Lazaro, que é o auto-analysta que escreve o livro, foge espavorida e silencia sobre o aggressor. Frei Rufino morre, e as "razões do estado" da ordem religiosa exigem que a culpa recaia sobre um innocente, frei Lazaro, que acceita o sacrificio e vae deportado d'alli para um outro convento. Dessa maneira se salva o santo e pode o convento celebrar de mil maneiras a sua exaltação.

Não conhecemos ainda os outros livros de Ba[illegible]os, mas, *ex-digito, gigans*... Taes qualidades revela neste, que ao nosso parecer, um dos logares de maior relevo na literatura americana lhe será devido. No proximo numero diremos de uma outra novella sua — *Un perdido* — e desde já podemos annunciar que será elle uns dos autores com que a c[illegible]sa Monteiro Lobato & Cia. vae inaugurar a Bibliotheca Sul-Americana. Esta collecção se comporá de cuidadosas edições das melhores obras apparecidas na Sul-America e iniciará praticamente o programma de approximação que tem a empreza. Iniciar-se-á com o *Facundo*, do Sarmiento, dará obras de Galvez, de Quiroga, de Lynch, de Salaverri, de Barrios e de todos os grandes representativos da literatura hispano-americana.

M. L.

Ronald de Carvalho — EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES — Ed. "Annuario do Brasil" — Rio — 1922.

Entre as modalidades do pensamento, prima a Esthetica pelo capricho. Livre, liberrima, faz da liberdade o proprio elemento, a sua razão de ser, a sua essencia mesmo. Póde com isso, desnortear os desprevenidos, mas não erra.

Negação absoluta da mathematica e de todas as sciencias positivas, foge a comprovações. A solução de um problema é uma só; a demonstração de um theorema é tambem uma; o axioma se impõe integralmente, ao primeiro enunciado. Ao contrario, os problemas da Esthetica não se resolvem sinão por soluções de personalidade, pelos dogmas de cada um, pela hermeneutica de cada qual. Resolvem-se, pois, sempre pela maneira mais certa.

Tal nunca se comprehendeu tanto como hoje, quando queremos, parece, compensar-nos a fundo daquella submissão aos canones, que foi a Renascença, da qual ainda não nos penitenciamos bastante. Verdade é que, rebellados desde logo, em plena liberdade creadora, nunca fizemos, como genios, fracção apreciavel do que fizeram "imitadores."

Insubmissa, braceja a Esthetica em campo aberto e desassombrado, á lei pessoal do mais forte. Tudo permitte e a todos desculpa. Irmã mais velha da elegancia, é caprichosa como as modas, sem ser obediente nem regular como são ellas.

"Epigrammas ironicos e sentimentaes" é um grande brado de liberdade esthetica. Desnorteia. Dá ganas de se lhe dizer: — está tudo errado... Mas como, si aqui não ha certeza nem erro, porém, liberdade absoluta?

E' assim que comprehendemos a obra do Ronald de Carvalho, tão bem intitulada "Epigrammas ironicos." Finas ironias e ineditas bellezas nella se contêm. E' só abrir o volume, ao acaso:

MUSICA DE CAMARA

Um pingo d'agua escorre na vidraça.

Rapida, uma andorinha cruza no ar.

Uma folha perdida esvoaça,
esvoaça...

A chuva cáe devagar.....

Não perguntem que tem o pingo d'agua com a andorinha que "cruza" comsigo mesma, nem com a folha que esvoaça no ar parado e empastado de humidade. E' pura ironia, como a deste epigramma:

Sobre uma rosa aberta um besouro vem e vae...

O vento chega. O besouro foge.

E, folha a folha,
a rosa se desfolha
e cae...

Agora, um lindo madrigal, em que se estadeia toda a sentimentalidade, obscura e confusa, de uma grande alma do poeta:

NOITE DE JUNHO

O luar macio, macio como um beijo,
brilha nas aguas, estremece nas folhagens...

Ha grandes rosas lividas na sombra,
lividas como as tuas mãos na sombra.

Longe,
tremula um clarão de fogueiras,
longe...

O vento da noite balança as folhagens,
desfolha os jasmins, brinca nas trepadeiras.

Noite de Junho...
Ha vozes brandas ecoando,
longe.

O annel que tu me deste
era de vidro e se quebrou...

(Noite de Junho, rondas de antigamente...)

o amor que tu me tinhas
era pouco e se acabou.

Em toda a poesia moderna, que por ahi vae assombrosamente pullulando, livro algum appareceu tão typico como o de Ronald de Carvalho.

Mario de Andrade — PAULICE'A DESVAIRADA — Ed. "Casa Mayença" — S. Paulo — 1922.

Teve a sua epoca o bestialogico. As tradições da Academia de São Paulo, contadas por Almeida Nogueira em livro precioso, que é a nossa melhor historia de costumes, registram alguns, que, repetidos ainda hoje, têm o mesmo delicioso sabor das coisas grotescas, com que se celebrisaram.

Sabem os leitores o que é o bestialogico: — algaravia ou vasconso em tom solemne, do caracter discursivo e oratorio, que se distingue pela sonoridade e inintelligencia. Ha obras primas no genero, que, si passou como escola, não morreu e não morre como tradição extra escolar e exercicio escola, não morreu e não morre como tradição extra-escolar e exercicio de estylo em aula. Sustentam muitos até que não ha escriptor bom, orador ou poeta que não tenha começado por elle... E' provavel que sim. O bestialogico é uma grande escola de liberdade, de irreverencia, de originalidade, de genio mesmo. Por elle, com a inobservancia do bom senso, que é como a grammatica das idéas, chega-se á renovação total de estylo, arte, pensamento. E', quiçá, o unico instrumento de tão benefica subversão...

De tudo, uma verdade apurou a experiencia. Escriptores illustres praticaram o bestialogico. Mas nem só escriptores: tambem pintores. Conta-se que Leonardo da Vinci custumava borrar telas para achar inspiração. Outros observavam as caprichosas formas das nuvens. São essas, outras maneiras de praticar o bestialogico.

Eis que agora apparece o velho genero com ares de novidade, roupa nova e nome supposto... A roupa e os ares, vá que se mude, mas mudar o nome! Não lhe façamos tamanha injuria.

Assim, ao livro do sr. Mario de Andrade demos-lhe o rotulo que é seu e muito seu, na esphera da poesia. Si o bestialogico é mais proprio de oradores, não exclue de todo os poetas, como nos prova. Ha na arte um caracter de universalidade, pelo qual os processos de uma se transpõem facilmente ás outras. E' o caso.

O sr. Andrade não deve, pois, desanimar. A escola é de... futuro.

Renato Kehl — MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA — Ed. Francisco Alves — Rio — 1922.

Ainda conta com alguns batalhadores decididos a campanha pelo melhoramento physico da raça. Iniciada ha alguns annos, com um brilho e uma repercussão notaveis em paiz como este nosso, em que tão pouco vivem as ideias, deixou de si resultados consideraveis como o serviço federal de Prophylaxia e o aproveitamento de algumas grandes capacidades, mas não produziu sinão o minimo que se esperava. De facto, a União é apenas o governo geral e quando se pensa que, a contrabalançar-lhe a acção, existe a inacção de vinte governos estadoaes, calcula-se logo a insignificancia de tantos esforços.

Espantosa é a insensibilidade dos governichos regionaes. Incrivel, a insensatez. A população degenera no impaludismo, na opilação, na syphilis, em mil flagellos horriveis e os grandes chefes de clan, impassiveis, dão-se o desfructe de discordar... por principio. Mas é a morte, é a devastação, é o descredito, é a ruina economica do paiz, que assim se cava? — Seja. O Estado não é medico, nem o thesouro provedoria da Misericordia... Cada qual se desaperte a seu modo.

Felizmente, os grandes campeões da cruzada maxima não abandonam o posto e, ao seu lado, leaes servidores da sagrada causa lhes secundam os esforços.

O novo livro do Dr. Renato Kehl é disso prova. Em trezentas paginas, approximadamente, apreciam-se alli os estupendos effeitos do tratamento das endemias, segundo os methodos praticados pela repartição do Saneamento Rural, ao lado de interessantes estudos da eugenia, em que o autor se especialisou, tornando-se conhecido como o seu introductor e maior apostolo no paiz.

E' um livro interessante, valiosa contribuição para que não se extinga a meritoria obra do revigoramento da raça.

Pedro Saturnino — GRUPIA'RAS — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

A poesia de Pedro Saturnino, repassada de um sabor novo, mantém admiravel equilibrio entre a inspiração, que lhe vem quasi sempre da roça, onde reside e a expressão, que lhe dá, em forma culta, correntia, clara. São para notar-se a arte e o bom gosto que põe o poeta em esflorar os themas, não os abordando em cheio, não os exgotando, mas dando-lhes destaque num circulo de sugestões impenetravel a tudo o que não seja poesia.

"Mãe do ouro" é um exemplo dessa maneira de poetar:

Não consumo os meus dias na esperança
De, mais cedo ou mais tarde, (insatisfeita
Esta ancia vã de sonhador) perfeita
Achar a forma que ninguem alcança.

Nessa faina infructifera se cança,
Muita gente feliz, muita alma eleita:
Por tocar á "mãe de ouro", desta feita,
Não serei eu que hei de terçar a lança.

Corram outros atraz desse thesouro,
Da grinalda de luz da estrella errante,
Que corre o espaço como um filão de ouro:

Eu me contento com deixar na lauda
O ephemero fulgor, por um instante,
Das pedrarias que ella tem na cauda.

Não é, porém, um proceder artificialmente systematico. Muitas vezes é o contrario que se nota, como em "A jaboticaba", "O pica-pau" e "O beija-flor", como se vê na segunda:

Grimpando, tronco acima, altissimo madeiro,
A arvore toda sonda, escruta, esgaravata.
Bate o bico no pau que treme todo inteiro,
Como passaro algum possa existir que bata.

A casca resistente, a fibra mais compacta
De "cabiuna" ou "marfim", cede ao golpe certeiro:
Dir-se-ia algum perito e velho machadeiro
Em pleno coração da retumbante matta.

Essa mesma cautela... Esse mesmo cuidado...
A pancada precisa... A madeira revêssa...
A figura alvadia... o topete encarnado...

E' o proprio lavrador dentro da selva espessa,
Manejando como um relampago o machado,
Em mangas de camisa e lenço na cabeça...

Pedro Saturnino é, pois, um poeta. Essa convição mais se firma quando passamos dos sonetos para as composições livres, especialmente as do metro menor em que são notaveis a sentimentalidade, o rythmo, a inspiração facil, a simplicidade.

"Grupiáras" é assim um dos melhores livros de versos que têm apparecido ultimamente.

Antenor Nascentes — O LINGUAJAR CARIOCA — Ed. da "Livria Scientifica Brasileira" — Rio — 1922.

Nos estudos dialectologicos tem a sciencia da linguagem um dos seus ramos mais interessantes e mais fecundos. Ao passo que a grammatica esterilisa, degenerando facilmente em grammatiquice, a dialectologia produz, esclarece, illumina. E', por tudo, pura sciencia experimental, applicada aos factos da linguagem. Estriba-se na verificação e na inducção, inspirando-se no mais accentuado espirito evolucionista. A lingua, por ser viva, não pára: evolue. Cumpre, pois estudal-a em suas modificações naturaes. Não importa isso, aliás, em justificar erros, mas em explical-os segundo as suas leis, que as têm elles como os acertos têm as suas.

Assim comprehendidos, os estudos dialectologicos projectam mesmo immensa luz sobre o conhecimento da propria lingua. Seja, embora, isso, poucos o têm comprehendido. O amor da grammatica, que devera derivar para ahi, contém-se dentro de si mesmo, evitando a variante, como o legitimo foge ao clandestino.

"O linguajar carioca", de Antenor Nascentes, é um dos raros livros no genero. Publicado nesta revista, em numeros successivos, sob o titulo — "Variante carioca de um subdialecto brasileiro", apparece agora em volume dedicado a "Amadeu Amaral, que mostrou a verdadeira directriz dos estudos dialectologicos no Brasil.."

De facto, os dois livros se completam. Do cotejo de um e do outro, referentes aos dois maiores e mais prestigiosos centros da população nacional, se podem inferir as transformações basicas por que vae passando o idioma no paiz. Desde que toda a vida da Arte re reflecte no Rio e todo o Sul se filia a São Paulo, a linguagem popular do Brasil, em suas linhas geraes, está contida nos dois grandes ramos dialectaes já estudados.

E' digna de nota essa contribuição de conjunto. Com um pouco mais de amor a taes estudos, especialisados nas varias regiões do territorio brasileiro, teriamos o quadro geral da nossa dialectologia, que o mundo scientifico espera como a revelação das ultimas transformações da grande matriz romanica.

B. F.

SONETOS MARANHENSES — Ed. Tavola do Bom Humor — São Luiz — 1922.

Um grupo de maranhenses dados ás letras, reunidos em sociedade sob o nome do "Tavola do Bom Humor", resolveu commemorar o sentenario da Independencia com a edição de uma collectanea dos poetas conterraneos. Nesse trabalho reuniram-se nada menos que cento e sessenta auctores, que

floresceram entre 1840 e 1922, a contar do Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Sotéro dos Reis, Joaquim Serra, Arthur e Aluizio Azevedo, Raymundo Corrêa, Theophilo Dias, Coelho Netto, Adelino Fontoura, até os mais modernos.

Victor Orban — POESIE BRE'SILIENNE — Ed. Garnier Fréres — Paris — 1922.

Commemorando o centenario da nossa independencia, appareceu em Paris um bello volume de traducção dos poetas brasileiros, devido a Victor Orban, funccionario consular do Brasil e apreciado literato.

Ezechias da Rocha — LUSITANIA — Ed. Casa Ramalho — Maceió.

Entre o não pequeno numero de odes que inspirou a arrojada façanha dos aviadores portuguezes, póde-se dar destaque a esta. Seus versos, espontaneos e enthusiastas, não se resentem de excessos de verbalismo.

Sirvam de amostra estas quadras:

Bandeira lusitana,
Que domastes o mouro poderoso,
Que vencestes o exercito famoso
Da gente castelhana!

Domadora dos mares,
Que arrostastes as brumas do Levante,
E andaes, agora, aligera, triumphante,
Na conquista dos ares!

Estandarte do Gama,
Temido dos dragões de Bonaparte,
Bemdiz o vosso nome em toda a parte
A eterna voz da fama!

Bandeira varonil,
Baloiçae, orgulhosa, soberana,
Aos beijos desta brisa americana,
Aos beijos do Brasil!

Pavilhão de Cabral,
Pendão das Quinas, tremulae ao vento!
Emquanto o sol viver no firmamento,
Vivereis, Portugal!

Octavio Rangel — A EPOPE'A DOS AZES — Typ. Coelho — Rio — 1922.

Esta plaquette é mais uma ode a juntar-se á grande copia de poemas motivados pela viagem aerea Portugal-Brasil. Os versos são bem medidos, e o trabalho typographico esmerado.

Martinho Nogueira — ALLEGORIA AO 7 DE SETEMBRO — Casa Carlos — Botucatú — 1922.

Estes versos dão idéa do que é a peça do sr. Martinho Nogueira:

Soberana Deusa immaculada,
do sangue dos martyres nascida,
enchei nossas almas de Alvorada,
nossos corações enchei de vida!

Deusa, illuminae o céu azul
desta terra grandiosa e forte!
Raiae, Liberdade, desde o Sul,
pelos amplos céus, até o Norte!

A chaga de edades bem remotas
arrancae da terra brasileira!
Sejamos jamais paiz de ilotas,
alce-os tambem nossa bandeira!...

Eloy Campos Elysios — AURAS DA MINHA TERRA — Typ. Santa Helena — Rio — 1922.

Este folheto vem tambem para commemorar o centenario... Pretende ser um poema, chrismando-se logo de entrada: *Preludios de canto nacional...*

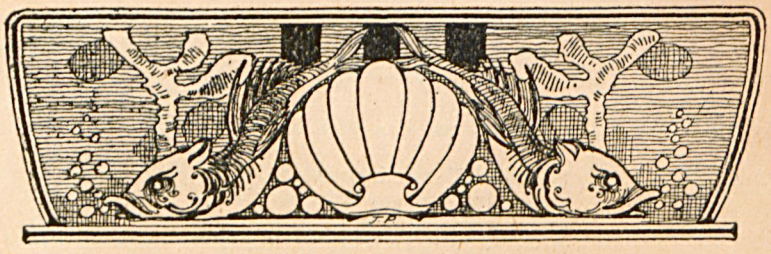
Todos os seus versos são deste jaez:

Sim, foi lá nas margens do Ypiranga,
foi lá no pequeno immenso sitio,
foi lá que, em um dia de luz e sol,
um prince pallido e grave,

aos colles e corregos turgidos,
aos montes e matas frementes,
entoou fatal e immenso um grito:
"Independencia ou morte."

Coriolano de Medeiros — O THESOURO DA CEGA — Parahyba — 1922.

Da Parahyba envia-nos o sr. Coriolano de Medeiros este seu drama "O Thesouro da céga", em que procura reproduzir aspectos do banditismo no Nordeste.



A LITERATURA NACIONAL NO ESTRANGEIRO

ABRIMOS hoje uma secção nova, onde transcreveremos as noticias criticas que forem apparecendo em jornaes e revistas extrangeiras, relativas a obras nacionaes. E inauguramol-a com as palavras com que La Nacion *aprecia alguns dos ultimos livros apparecidos. Como sabem os leitores,* La Nacion *é o grande jornal sul-americano, o de maior tiragem, o de maior peso em toda a America hespanhola e o que mais attenção dá ao movimento mental do continente. Suas edições dos domingos são um repertorio de coisas preciosas, que não só a argentinos, mas a todos das Americas, muito de perto interessa. Servida por um grupo de collaboradores do mais alto merito, e por criticos do valor mental de J. P. Echague, Arthur Cancela, Alberto Gerchunoff e outros, as analyses de livros que faz e as opiniões que dá merecem toda a attenção da nossa parte.*

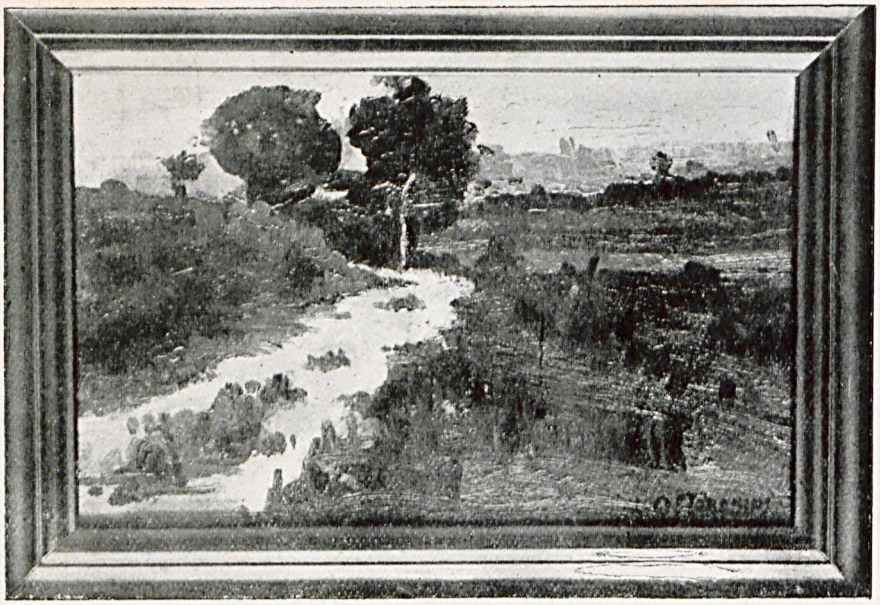
BUGRINHA, por Afranio Peixoto.

E uma admiravel novella recentemente publicada pelo conhecido medico e escriptor brasileiro Afranio Peixoto. Com toda a justiça, devemos dizer que poucos livros brasileiros nos têm produzido, nestes ultimos tempos, uma impressão tão funda e tão forte. E' assim, ao que sabemos, uma das melhores novellas apparecidas no Brasil desde ha dez ou doze annos.

Pouco conhecemos — alguns livros de Coelho Netto, de Aluizio Azevedo, etc. — neste genero literario, que nos haja dado uma sensação tão intensa, tão singela, e cremos que tão exacta e verdadeira, como esta novella da vida das sociedades ruraes do Brasil.

Lençóes, na região chamada Chapada Diamantina, é o berço natal do autor, segundo declara, em seu livro. Afranio Peixoto nos conta com singeleza e emoção os pequenos acontecimentos que alteram a aprazivel tranquilidade campezina, ou quasi campezina da população, suas paixões, usos, costumes, ou ainda as superstições, todo esse conjuncto de impressões que na memoria — como diz o novellista, — 'nublado pelo afastamento do tempo, e da distancia, dão á saudade uma suave melancolia.'

A. Cozzo — *Tapyr*



O. Duilio Tarquini — *Arredores de Mococa*

Valdemar Belisario — *O vestido verde*

'Bugrinha', a protagonista do livro, é uma bella, sympathica e intrepida rapariga, que por amor ao filho do patrão, sacrifica tudo: a honra e a vida. Ha na descripção deste personagem uma arte perfeita, e como perfeita, singela. Diz Afranio Peixoto nas notas, que a modo de appendice põe no livro, que, para descrever Bugrinha, extravazou tudo o que continha seu coração, e que, na rudeza symbolica do nome quiz exprimir a sensibilidade e simplicidade da paixão feminina que, embora encoberta quasi sempre por apparencias, conveniencias, temores, urbanidades e civilidade, é o que ha de mais bello na vida.

Pode-se dizer tambem com justiça que Afranio Peixoto é um admiravel pintor de caracteres. Provam-no outros personagens de sua novella: Jorge, o mancebo amado por Bugrinha; Gonzaga, sceptico e desenganado; Sobral, velho e impenitente sonhador, etc.

Em resumo: "Bugrinha" é uma magnifica novela que em nada desmerece, si não as supera, ao lado de outras do mesmo autor — "A Esphinge" — já traduzida para o castelhano em 1911, em Buenos Aires, e "Maria Bonita".

O OUTRO LADO DA VIDA, por Alvaro Moreyra.

Este livro do escriptor brasileiro Alvaro Moreyra é indiscutivelmente um livro de merito. O autor se revela excellente humorista, e como todos os humoristas, um pouco intolerante com os vicios e defeitos alheios, si bem que, com certa gente, finja uma tolerancia cheia de resignação e de inercia voluntaria.

O livro se compõe de uma serie de commentarios da actualidade politica, social, literaria e de costumes — digamos assim — do Brasil contemporaneo, e estes commentarios, bastante causticos, hão de ficar possivelmente como um valioso documento da vida brasileira da epoca actual.

Aquella intolerancia de humorista de Alvaro Moreyra, que não perdôa maculas e ridiculos ao proximo, vê-se perfeitamente clara na ironia com que fala do "Guanany", dos discursadores profissionaes, da pianola, dos jogadores de futebol, dos candidatos permanentes á presidencia da Republica, das modas femininas. Referindo-se aos matizes ridiculos que pode haver em tudo isto, pergunta o commentador si a vida actual, ou mesmo a vida passada, será uma loucura sem remedio.

Expondo suas reflexões sobre a vida do Brasil actual, Alvaro Moreyra se nos apparece um espirito agudo de psycologo, que vê nas coisas mais do que nas coisa ha. Tal afan de exaggeração, — em muito do que se estriba precisamente o humorismo, — demonstra no autor que criticamos uma fina e notavel sensibilidade de artista e uma capacidade originalissima de observação, que recorda frequentemente a sobriedade de Machado de Assis, capaz de retratar com duas frases um typo qualquer.

Falamos de Machado de Assis e cremos ser justos dizendo que Alvaro Moreyra é nas letras brasileiras seu possivel successor. Ha em seu estylo e em sua maneira traços que, como temos dito, recordam aquelle illustre "costumbrista". Alvaro Moreyra sabe ver admiravelmente o lado ridiculo da vida, tem uma philosophia propria e com estas qualidades poderá mais trade dar á literatura universal typos como "Dom Casmurro" e "Braz Cubas", creados pelo poeta e novellista carioca.

A ILLUSÃO DO DIREITO DE GUERRA, por Barbosa Lima Sobrinho.

A ultima guerra proporcionou aos homens estudiosos os mais variados themas de reflexão e de especulação. No Brasil se publicaram a respeito

livros interessantes. "A Allemanha", de Assis Chateaubriand, apparecida ha pouco tempo, é uma obra de analyse e de meditação.

Outro intellectual brasileiro, Barbosa Lima Sobrinho, acaba de publicar agora um livro mais ou menos da mesma natureza: "A illusão do direito de guerra".

Um tratadista britannico, Norman Angell, escreveu ha annos uma obra estudando a hypothese de uma conflagração na Europa, com o titulo "A grande illusão". O thema do pensador inglez foi refundido pelo escriptor brasileiro e lhe offerece, em seu livro, occasião para reflectir e discutir — com os estudos dos velhos tratadistas e as lições da grande guerra — acerca do erro e da falsidade do chamado direito de guerra.

"A illusão do direito de guerra" se divide em tres partes: na primeira, essencialmente historica, o autor analysa diversas doutrinas referentes ao esforço humanitario no direito de guerra; na segunda, estuda o direito bellico, durante a ultima guerra; e na terceira, conclusão das anteriores, discute as verdades da guerra e o direito da guerra. O livro é uma obra de elevadas aspirações de paz mundial, de propaganda pacifista — digamos assim — como o recente trabalho de outro escriptor brasileiro, Otto Prazeres, "A Liga das Nações", energico protesto contra o crime e a monstruosa miseria das lutas armadas.

E' em summa, uma obra que deve ser estudada por quantos se interessam pelos grandes problemas da intelligencia e da humanidade.

JARDIM DAS CONFIDENCIAS, por Ribeiro Couto.

"Jardim das Confidencias" é o livro de um homem que, tendo ante si, na vida, muitos caminhos a seguir, queda-se quieto, socegado, na tranquilla soledade do valle. Talvez por isto, ha neste livro tanta melancolia, tanta angustia, melancolia e angustia, de quem não conhece a agitação do mundo porque nunca saiu da placidez monotona de um rincão de aldeia.

Não sabemos si Ribeiro Couto, este intenso poeta brasileiro, viverá num bucolico rincão provinciano. Encontramos, porém, em sua poesia, de certo modo, um tenue sabor a Francis Jammes, um caracter intimo que poucas vezes temos apreciado na actual literatura do Brasil, uma melancolia que nos é grata, — romances perdidos, mocidade inquieta, espera inutil — áquelles que forçados pela necessidade, pela ambição e pelo amor, sairam um dia de seu lar, talvez para nunca mais voltar.

No livro de Ribeiro Couto ha tres ordens principaes de assumptos. Em primeiro logar, os de caracter intimo, depois os assumptos de amor, — que tem um tom de ironia e de desencanto, — e depois uma miscellanea de mocinhas romanticas e melancólicas, em que o autor parece voltar aos versos da juventude de Olavo Bilac, de Raymundo Corrêa, e de Alberto de Oliveira de ha trinta annos.

Preferimos o primeiros. Nelles, como diz o poeta, "chove melancolia.".

"La Revue de l'Amerique Latine", que se edita em Paris, mantem tambem a sua secção bibliographica luso-brasileira. Do numero com que commemora o centenario da Independencia do Brasil, em que se publicam varios artigos sobre coisas nacionaes, extrahimos as apreciações abaixo, firmadas por dois grandes amigos do Brasil:

"ARTE DE AMAR", por Julio Cesar da Silva.

"Dize-me como amas e eu direi a que raça pertences", escreveu alhures o eminente escriptor e phantasista portuguez Alberto d'Oliveira, conhecedor

das coisas do Brasil. E nada ha mais exacto. Incontestavelmente, a graça meiga e sensual dos versos, de que o sr. Julio Cesar da Silva nos offerece, sob um titulo tirado ao velho Ovidio, o ramilhete de gradações varias, denuncia a authenticidade das suas origens portuguezas.

A melhor parte da collectanea, "Vida Intima", está toda penetrada dessa "saudade" que é todo o encanto das elegias de Bernardin Ribeiro, que se exalta em impetos apaixonados nos sonetos de Camões, e que se torna puro fervor mystico em João de Deus. Mais perto de Ronsard e de Parny tambem, conserva-se o sr. Julio Cesar da Silva, e é nisso que elle é essencialmente brasileiro. O cuidado de uma fórma apurada, viva e concisa ao mesmo tempo, evidencia a excellencia da sua cultura, e o fragmento dramatico intitulado "Hercules e Dejanira" e a comedia lyrica da "Morte de Pierrot" são de um finissimo poeta, triumphador de todas as difficuldades da sua arte. O ambiente, entretanto, mantem-se tão europeo! A' propria perfeição, quasi que nós preferiamos sentir melhor o sabor do torrão. Mas que muito ha que a desposada tenha sonhado fazer-se tão bella?

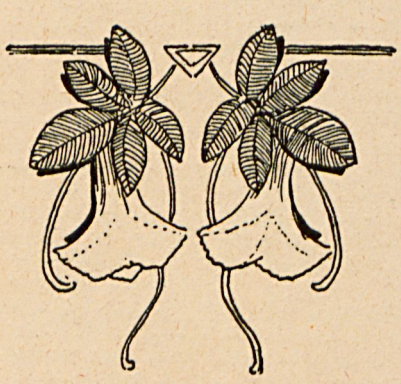
Philéas LEBESGUE.

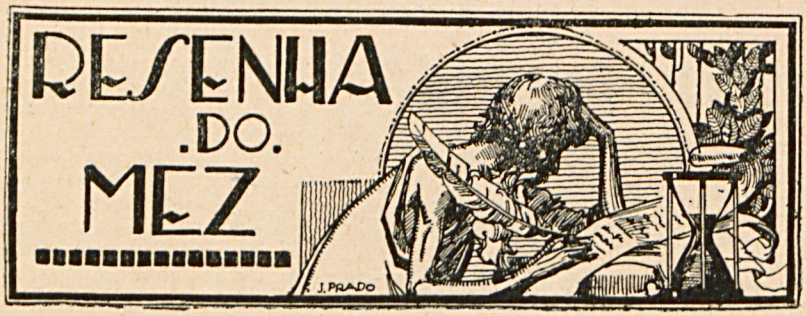
PHYSIONOMIAS DE NOVOS, por João Pinto da Silva.

Não é para surprehender, num periodo de floração literaria abundante, que a critica literaria se consagre por vezes á analyse de obras ás quaes o tempo não poude ainda assegurar a reputação. E' assim que o sr. João Pinto da Silva apresenta dezesete figuras de jovens escriptores brasileiros, escolhidos, diz elle, mais pela sympathia pessoal, que por um julgamento temerario, pois outros "novos" dos quaes elle não tratou podem offerecer as mesmas promesas ou o mesmo talento. Falou-se já, na Revue de l'Amerique Latine *de muitos desses escriptores; será preciso fazel-o longamente, a seguir, de alguns outros, como os srs. Monteiro Lobato, Eduardo Guimarães, Guilherme de Almeida, seja como leaders, seja como lyricos.*

As paginas vivas dos retratos traçados pelo sr. Pinto da Silva deverão ainda ser acatadas, mesmo que os escriptores que elles caracterisam tenham evoluido, porque servirão para mostrar a rota por elles percorrida. "Não aspiram a outra funcção" — escreve elle, e é esta comprehensão precisa que faz o valor duravel da obra.

Manuel GAHISTO





DO ESPORTE

Em 1919 iniciou-se na Inglatera uma collecção de livros intitulada: "English Public Health Series."

Um dos volumes sahidos foi escripto por Sir Malcolm Harris e tem por titulo a Historia da Saude Publica Ingleza.

Abrange um periodo superior a 200 annos, quando quasi nada existia em Hygiene Official, e termina com os resultados obtidos depois que se criou o Ministerio da Saude Publica. Lendo-se tão importante trabalho, descobrem-se muitas das razões do incessante exito dos Inglezes. No capitulo "The Board of Education" o A. tem todos os encomios para a previsão de Edwin Chadwick que, ha 60 annos passados, levava a se adoptar o ensino da gymnastica nas escolas. Eis um dos motivos por que a Inglaterra não entra em decadencia.

Blasco Ibañez, em uma das conferencias realisadas na Argentina, teve uma tirada a proposito da Hespanha de outr'ora e a de hoje, dizendo que, em razão de sua fecundidade, o mundo assistiu ao advento de novas e futurosas nações; isto, porém, se fez á custa da robustez materna.

Cessados os applausos, um argentino atira sobre auditorio e orador uma ducha gelada no seguinte aparte: "No entanto, a Inglaterra que gerou os Estados Unidos, o Canadá, a Australia, a Nova Zelandia e a União Sul-Africana, cada vez fica mais forte."

Sabem onde reside grande parte do segredo britannico? No uso do esporte. Cada geração que nasce é em todos os sentidos melhor que a precedente. Homens e mulheres são mais robustos e a prole condensa os valores somaticos dos genitores. Em taes condições o aperfeiçoamento é fatal.

Dizem os germanophobos que a França salvou o mundo da barbarie teutonica; pondo-me mais de accôrdo com a verdade, segundo o meu modo de pensar, posso affirmar que, quando o mundo salvou a França da invasão alleman, se não encontrasse na Inglaterra e nos Estados Unidos uma população robusta e treinada permanentemente pelos exercicios physicos, o que permittiu a improvisação dos milhões de homens dos mais bellos exemplares da especie, todo o heroismo francez não impediria a iniquo esmagamento da patria.

Duas catastrophes, uma passada na França e outra em um navio inglez revelam a differença de procedimento entre homens esportivos ou não.

Lembram-se ainda do incendio do Bazar de Caridade? Tempos depois da catastrophe esta dá origem a um duello. Membro da aristocracia franceza estava em conversa com uma visita que se ia retirando, quando chega uma senhora! "Minha irman", diz o dono da casa para o amigo que sahia: "Sr. Visconde de..." A senhorita fez-se pallida e despregando os olhos do estranho castão da bengala, do fidalgo que lhe era apresentado, ao mesmo tempo que recua com a mão já estendida, exclama: "Conheço-o desde o incendio do Bazar de Caridade, quando com esta bengala esbordoava as senhoras na ancia de abrir caminho." Os homens da fina flôr franceza, aquelles figurinos que se vêem na "pelouse" de Longchamps, numa festa dada pelo que havia de requintado em Pariz, tomados de panico, derrubam

a murros e bengaladas as mulheres que servem de obstaculos á fuga desordenada daquelles elegantes nobres francezes. Releiam as chronicas do tempo; espantem-se diante do incrivel espectaculo de selvageria, reflictam no numero de victimas e concluam como quem procura fazer um aphorismo: o altruismo, em geral, só existe nos corpos robustos. Aliás o referido incendio poderá servir de exemplo. Nelle os homens quasi não foram victimados; julgo que apenas seis não conseguiram fugir ás chammas. Do seio do povo, porém, dando as maiores provas de abnegação e desprendimento, surgiram alguns heroes, nobres de alma, que operaram prodigios de valor mettendo-se pelo brazeiro a dentro, a arrancar da fornalha mulheres e crianças abandonadas ou derrubadas pelos nobres de nascimento.

A galhardia franceza foi acolher-se entre robustos operarios e cocheiros. O governo mandou cunhar medalhas de ouro para galardoar seus heroicos compatriotas; um delles, alem disso, foi condecorado; era um cocheiro. Entre os que mais se distinguiram encontrava-se um professor de gymnastica de nome Weber.

Ser "gentleman" mesmo diante da morte, dominando o que lhe vae na alma e procurando tornar-se impassivel, guardando a linha para com as senhoras, mesmo no momento supremo, ficando mais calmo á medida que o perigo cresce: só entre homens musculosos e habituados ao esporte em cujo traquejo aprenderam que, do golpe prohibido, jamais se lança mão, nem mesmo para arrancar a victoria.

Em 1912, perto dos bancos da Terra Nova, 56 mil toneladas que arqueiavam o "Titanic" o maior navio que o homem construiu, atravessavam o Atlantico em busca do recorde da velocidade entre os Estados Unidos e a Europa. Despregando-se das regiões articas, isso que os hespanhoes chamam de "tempano" e os maritimos de todo o mundo de "iceberg", fluctuava como immensa montanha branca, fria e implacavel como a propria morte. No maximo de velocidade, o "Titanic" repleto de passageiros, choca-se com o tempano. Começa a afundar-se; o radio-telegraphista, lança para o mundo através do espaço o signal convencional de soccorro e os graus da posição, ficou imperturbavel até a agua invadir o camarote e chegar-lhe aos peitos e o apparelho não mais poder funccionar. Da sua coragem, sangue frio, cumprimento do dever até o fim no posto que lhe cabia, dependeu o salvamento de centenas de seres. Aquelles predicados, o abnegado telegraphista desenvolvera nas pugnas desportivas. Quando os traços biographicos vieram á publicidade não se esqueceram de assignalar sua bella carreira de "sportsman."

Mas o abysmo de 5 mil metros de profundidade que se escancarava aos naufragos, foi bem um tumulo digno da grandeza da alma de centenas de homens que pereceram com o transatlantico. O mundo assistiu pela primeira vez, á execução pratica, mesmo diante da morte, de um paragrapho do Codigo de Ethica Occidental, que permitte a passagem em primeiro logar ás crianças e mulheres. Quando os botes foram lançados na agua, os inglezes passageiros e da tripulação e os norte-americanos, que viajavam, formavam maioria; impuzeram e se submetteram á ordem de salvar primeiramente as mulheres e crianças. Não houve mais divisão de classe; a vida de uma mulher viajando em 3.ª era acautelada antes de ser a do bilionario "yankee" ou a do lord inglez. Percebendo isto, alguns immigrantes chinezes soltaram as tranças, enfiaram-se numa sala e foram pelos robustos braços da maruja, collocados no bote salvador.

No tumulto, varios escaleres foram lançados ao mar cheios somente de homens; nestes, commentava com orgulho o "Times", os passageiros falavam idiomas da Europa continental. E acima do alarido, fazendo-se ouvir em toda a confusão, ecoou a ultima ordem dada pelo commandante por intermedio do megaphone, quando o navio ia afundando: "Sejam inglezes!"

Arthur Neiva.

A PHYSIONOMIA URBANA

Ainda ha dias, o dramaturgo Nicodemi, a quem a "Gazeta de Noticias" solicitára alguns conceitos acerca da evolução do moderno theatro italiano, prorompeu num hymno clangorante á excelsa belleza topographica do Rio. O sr. Nicodemi apesar do extremo merito que lhe attribuem — não podia faltar a essa praxe estabelecida

entre os nossos hospedes illustres. Desde que, por meu mal, aprendi a ler e a escrever, não tem conta as vezes que tenho lido e escripto deslumbramentos identicos ao do notavel Nicodemi ante a apotheose carioca.

Sem grande esforço de memoria, lembro-me de ter escripto — "mutatis, mutandi" — a mesma cousa como impressões colhidas na bocca illustre do sr. Clemenceau, o feroz presidente nacionalista do Conselho de Ministros de França; do mallogrado socialista Jaurés, que sobretudo me impressionou pelo desaceio dogmatico da sua roupa branca; de mlle. Mona Delza, que foi um dos mais celebres modelos dos photographos parisienses e do Principe Henrique da Prussia, que involuntariamente causou, no Corcovado, a fractura da perna do então sub-secretario das Relações Exteriores...

Ser-me-ia facil prolongar essa lista, pois emquanto nos jornaes me encarregaram de recolher impressões de eminentes visitantes, ouvi uniformemente o mesmo elogio desferido com immutavel convicção por estadistas, literatos, bailarinas, doutores da Egreja e homens de sciencia. Quanto a isso, é innegavel, que a Europa, o Prata, a America do Norte, a propria China — por intermedio de uma embaixada do Celeste Imperio que visitou o Presidente Rodrigues Alves — se tem curvado ante o Brasil. Mas até o sr. Nicodemi, nem mesmo a opposição, nas suas mais violentas campanhas, ninguem manifestára o receio de que quizessemos pôr a baixo o Pão de Assucar!

Não sei se a solicitude do preclaro theatrographo pelo "gigante jovial" encerra alguma indirecta pejorativa, e certamente injusta, ao desmonte do morro do Castello. Quero crer, entretanto, que o sr. Nicodemi não teve a intenção de reprovar em dannunziana linguagem, essa benefica resolução do actual Prefeito, mas tão sómente a de encontrar uma formula nova de deslumbrar o indigena, dentro de um thema tão serodio como o "deficit" orçamentario e a influencia do azul nas artes..

Todavia, exxaminando maduramente a phrase do sr. Nicodemi, talvez nella encontremos o filão de uma ironia... Esse notavel concorrente de Ibsen já estivera anteriormente aqui. Não sei quando... Póde ser que ainda no tempo em que o Rio não fôra transformado pela iniciativa de Passos, Frontin e Lauro Muller. E é possivel que, sem querer negar o incontestavel surto de progresso que tem sido a caracteristica destes ultimos quinze annos da actividade urbana, o illustre dramaturgo italiano tenha querido alludir á ausencia completa de um plano esthetico e systematico que preside a transformação da cidade, fócalizando as suas decantadas bellezas naturaes, ao passo que melhormente a adaptasse ás condições topographicas da sua localização.

Se a isso quiz alludir, symbolicamente, o sr. Nicodemi não se lhe póde negar inteira razão. O problema se torna cada vez mais urgente e impressionou mais alguem que o nosso hospede illustre. Os jornaes noticiaram hontem, por exemplo, que a Sociedade Central dos Architectos, reunir-se-ia "afim de ser feita a leitura de um memorial que será dirigido ao sr. dr. Carlos Sampaio, sobre o problema architectonico desta capital" accrescentando, que esse memorial "é uma peça bastante desenvolvida, estuda as razões principaes de nosso systema de edificações e suggere ao governador da cidade as medidas officiaes necessarias para corrigir a physionomia urbana."

Bem hajam os architectos e oxalá queira lhes dar ouvidos o sr. Carlos Sampaio. De ha muito está demonstrada, pelo menos, a urgente necessidade de ser organisada uma planta completa da remodelação urbana do Rio, em que se indiquem, depois de aturado estudo, as modificações que a cidade deverá soffrer, tendo em vista o augmento da sua população, o seu embellezamento e a facilidade das communicações.

Se tal plano já existisse, não teriamos a lamentar os innumeros erros já commettidos e cuja correcção nos ha de custar mais tarde rios de dinheiro em desapropriações e demolições para alargamento de ruas, abertura de praças e outras necessidades que se hão de fazer sentir. Se já tivessemos tomado essa providencia elementar, não se teria permittido a construcção de novos e custosos edificios em ruas estreitas e defeituosas, como aquellas onde se ergueram ultimamente as novas sédes do Banco Portuguez do Brasil, do Banco Italiano de Desconto,

do Banco de Londres e do Rio da Prata — e outros ainda.

E' claro que essas edificações em que se empregaram avultados capitaes vieram protellar — sabe Deus até quando — o imprescindivel alargamento das ruas da Alfandega e Buenos Aires. Mas como se isso ainda não bastasse eis que o Conselho Municipal concedeu ha tempos a um operoso empreiteiro autorização para desapropriar por utilidade publica os predios necessarios ao trecho da quadra fronteira á egreja da Candelaria, para ahi construir um casarão de numerosos andares.

Isso é apenas um erro imperdoavel. A egreja da Candelaria é um dos nossos templos mais ricos e imponentes. A sua perspectiva já está sacrificada pela falta de uma grande praça, em que a sua fachada não fosse visinha dos feiissimos pardieiros que a ladeiam, quer na rua de S. Pedro, quer na do General Camara. Ha varias dezenas de annos a necessidade dessa praça tem sido apontada por innumeros esthetas e artistas. Entretanto, ao invés disso, permitte-se que se construa entre as ruas de São Pedro, General Camara, Candelaria e Primeiro de Março, um enorme edificio, que tão sómente visa uma especulação commercial, e fatalmente virá diminuir ainda mais a imponencia do aspecto de um templo que construimos com elevadas intenções artisticas e religiosas.

Não, é tempo que isso acabe. E' tempo que saibamos o que queremos fazer, e não mais perduremos, a proposito de tudo, nessa desorientação de quem embalde procura uma finalidade. A não ser que de facto queiramos justificar o receio do dramaturgo Nicodemi de que queiramos um dia demolir o Pão de Assucar...

José do Patrocinio, filho.

PRODUCÇAO NACIONAL DE CAFE'

O Brasil é o paiz do café. Qualquer estrangeiro, semi-instruido, possuindo ainda mesmo uma idéa vaga do Brasil, não ignora, pelo menos, tal facto. E' um éco que corre mundo, tendo repetição em todos os paizes. Porque ha écos sem resposta. Esse, não. Faz parte da personalidade economica do nosso paiz, explodindo em alto relevo. Entretanto, as questões mais conhecidas encerram uma margem de desconhecido, mesmo para os que mais as conhecem. E' o caso de nós mesmos, brasileiros, quanto ao café. Em regra, quando pensamos em café, acodem-nos á idéa, somente os grandes Estados productores. E' São Paulo e seus satellites, mais á vista: Minas, Rio de Janeiro, Espirito Santo, Bahia. O systema productor, porém, é maior. Depende, para vel-o, de não o olharmos a olho nu, mas armado, ou instruido pelos dados da questão. E, assim, chegaremos á conclusão de que todos os Estados do Brasil produzem café. Com excepção do Rio Grande do Sul, talvez, porque até Santa Catharina, Estado do Extremo Sul, produz café. Cada Estado, pois, da nossa federação, tem a sua producção local de café. Regiões ha, no interior do Brasil, onde tal cultura é secular. Tem a sua tradicção, o seu habito, a sua sympathia, porque quem planta café volta sempre a plantar café com redobrado esforço. E' um fadario. Basta que o animo abatido devido a uma crise ou a outro phenomeno, em dado momento, tome posse de si, pela mudança das coisas. Assim, a boa ou má sorte do café não interessa tão somente a São Paulo e sub-*leaders* de producção cafeeira. Interessa a todos os Estados da federação. Ou melhor dito: interessa em grosso a São Paulo e grandes Estados productores; interessa, microscopicamente, a varejo aqui, e ali, a todos os Estados, nesta ou naquella região, por pequena, por diminuta que seja. Mas interessa. O facto é este. Pelo que, feita tal distincção, vê-se que o interesse que desperta o café, no paiz, é geral. São Paulo, para usar de uma imagem com funcção explicativa, é o sol da producção cafeeira nacional. A producção dos demais Estados gira em torno delle, em derredor. No nosso mundo economico é o café o maior systema de producção: todo o paiz produz café.

Mas desçamos a factos de ordem mais positiva. Ha uma crise de café. Só se ouve a voz de São Paulo e grandes Estados productores. Entretanto, nos demais Estados, ha rumores esparsos, que afinam pelo mesmo diapasão. E' certo

que taes rumores, traduzidos em queixas, não constituem um volume de voz de maneira a ser presentido. E' local. E' de ordem regional em tal Estado. Diz respeito, em outros casos, a taes e quaes municipios. Quem conhece o interior do paiz, ou melhor dito, um grupo de Estados da nossa constellação politica, não ignora semelhante facto. Para se conhecer o que seja café, a sua lavoura, não é preciso ir a São Paulo. A ida ahi, aperfeiçôa os conhecimentos, elastica as idéas a respeito. Sómente! E assim é que eu já estive em uma terra do interior do Brasil, perdida lá em um longinquo Estado. Pois bem.

A cultura do café, ali, é um facto. Lamentam a baixa do producto, quando ella se dá. Ao contrario a alegria surge, quando a alta se offerece. Ha a tradicção dos annos em que o café deu dinheiro, a qual é rememorada nas épocas más.

Naturalmente que a lavoura de café, o beneficiamento e o resto podem deixar muito ao ideal. Isso, porém, é outra questão, que é preciso não confundir. Se o café sobe de preço, nos grandes centros de producção, o facto repercute nas pequenas regiões, cuja producção se destina ao consumo local. Ahi, o ponto, que faz de elo á communidade dos interesses geraes, pela boa ou má sorte do café.

Nas affirmações acima não ha divagações. Em verdade, ellas poderiam ser mais seccas, mais aridas, mais technicas. Estariam, assim, mais dentro do espirito das coisas economicas. Mas o que ganharia a technicidade de exposição, com semelhante precisão, perderia, por outro lado, na sympathia dos leitores, que, em maioria, exigem mais leveza e familiaridade de divulgação. Em todo caso, quem fala, aqui, é a voz da Estatistica. E' a sua interpretação. Porque não ha só a linguagem mimica, a linguagem falada e a linguagem escripta. Ha, tambem, a linguagem dos numeros, da — estatistica, — que encerra um mundo de lições, de interpretações, de conclusões. Em summa, ella encerra todas as linguagens pelo supremo espirito de synthese. E, assim, a estatistica nos mostra que a producção de café, no Brasil, conforme a estimativa da colheita em 1920-1921, foi:

	Kilos
Amazonas	—
Pará	—
Piauhy	—
Maranhão	—
Ceará	2.793.845
R. G. Norte	—
Parahyba	6.034.750
Pernambuco	12.270.000
Alagoas	298.050
Sergipe	117.000
Bahia	26.526.960
Rio de Janeiro	68.876.700
E. Santo	39.015.000
S. Paulo	432.600.000
Paraná	6.660.770
S. Catharina	3.816.000
R. G. Sul	—
Minas Geraes	258.110.000
Goyaz	3.825.000
Matto Grosso	66.252

Assim temos que quasi todos os Estados do Brasil produzem café. A confirmar a regra, já que *exceptio confirmat regulam*, apenas o Rio Grande do Sul não produz. Porque os tres ou quatro Estados outros, que não figuram na Estatistica do café, têm a sua producção, por minima que seja. E quando alguem não queira acceitar a verdade dos factos não poderá negar, pelo menos, a capacidade accentuada de producção daquelles Estados. Porque quem negará que o Amazonas e o Pará podem produzir café? Ninguem. Eu já vi, em um e outro destes Estados, innumeros cafeeiros aqui e alli, perdidos na matta. Da mesma sorte, Maranhão, e Piauhy. Uma revelação para muita gente, inclusive para mim, é a producção de café de Santa Catharina, como pequeno productor, já se vê. Pois ella é maior do que a de outros Estados, pequenos productores de café, mas cuja lavoura, em certas regiões, é classica, nesse sentido, possuindo até um *folk-lore*, que nella se inspira. E' o caso do Ceará, na sua serra de Baturité. Outra revelação é Goyaz, Outra, ainda, é Sergipe, que dá idéa do caçula da Federação, pela sua pequenez.

Um pouco mais de metade da nossa producção de café é proveniente de São Paulo. Um pouco mais de um quarto provem de Minas Geraes. Em outros termos, a producção de Minas regula, mais

ou menos a metade da de São Paulo. Todos os nossos Estados produzem quasi tanto quanto o Estado de São Paulo. Posto isto, é certo que a nossa exportação de café é tal qual se apresenta devido á producção regional dos outros Estados. E' claro. Pois é impossivel se conceber uma terra onde o consumo de café seja maior do que no Brasil. Póde em uma casa brasileira faltar tudo — menos o café. Tomemos um lar pauperrimo, localizado em uma região pauperrima do Brasil. O nordeste, por exemplo: Rio Grande do Norte, Ceará, Parahyba. Bem. Numa casa póde faltar tudo, os meninos estarem com fome. Mas ha, sempre, uma chicara de café. Mesmo porque a primeira refeição solida, naquellas paragens, é tarde, sendo a primeira coisa que engana o estomago o café. Pelo interior de todo o Brasil, encontram-se pessoas, sem conta, que não podem comer nada de manhã em jejum: só tomam café. Além disso, uma chicara de café é o primeiro signal de affabilidade aos amigos e de hospitalidade aos desconhecidos. Ora, nesse caso, a conclusão é patente: se não houvesse uma producção esparsa de café pelo Brasil em geral, a exportação para o exterior dos grandes centros productores, como São Paulo e outros, seria diminuida pelas maiores exigencias do commercio interestadual.

Quasi todo o Brasil, produzindo café, é pratico saber a area de cultura. E' uma face da questão, essa de maxima importancia. Tem um ponto de vista de largo interesse. O Fomento Agricola, sob a direcção do dr. Torres Filho, conseguiu, pela primeira vez, no paiz, estabelecer, a proposito, a área cultivada do café. Temos assim mais elementos de instrucção para os estudos que se fizerem sobre a nossa cultura cafeeira. E' um facto digno de registro, esse, que nos dá a area cultivada de café, em cada Estado:

	Municipios	Hectares
Amazonas	—	—
Pará	—	—
Maranhão	—	—
Piauhy	—	—
Ceará	24	6.422
R. G. Norte	—	—
Parahyba	95	12.704
Pernambuco	—	25.995
Alagoas	15	812
Sergipe	7	319
Bahia	84	84.085
E. Santo	31	70.936
R. de Janeiro	41	162.936
S. Paulo	130	1.280.000
Paraná	11	19.000
Santa Catharina	14	5.165
R. G. Sul	—	—
Minas Geraes	107	614.548
Goyaz	6	7.313
Matto Grosso	2	84

Esta area de cultura é susceptivel de augmento. Sabe-se bem. O seu accrescimo depende da boa cotação do producto. Pela estimativa da colheita de 1920-1921 sobre o qual é baseado o presente trabalho, a producção cafeeira de todo o Brasil póde ser calculada em 840.000.000 de kilos. Ora, como a sacca tem 60 kilos, segue-se que a producção total do paiz em saccas foi de 14 milhões. Deste total caberão a São Paulo sete milhões e 200 mil saccas, visto a estimativa da sua producção, em kilos, ter sido de 432.000.000.

Ora, parece pouco esse total de producção. Porque, dada a exportação, áquelle tempo, resta, pela estatistica, uma quantidade de café não sufficiente ao consumo de 30 milhões de brasileiros, habituados ao café e tomando café como nenhum povo. Aliás, é impossivel chegarmos á precisão, nessa questão. Apezar do café ser o principal genero de producção no paiz, nós não dispomos de estatistica do seu consumo interno. Qual é o café consumido em todo o Estado de São Paulo?

— Ninguem sabe. Qual é o café consumido pela população da Bahia ou de Goyaz? Ninguem poderá dizer. Quando muito, póde-se dizer qual o consumo de algumas cidades, como a capital do paiz e a capital do Estado de São Paulo.

Mario Guedes.

("Correio da Manhã").

A' MARGEM DO MUSEU HISTORICO

Todas as vezes que tive ensejo de justificar aos meus raros leitores a ne-

cessidade, cada vez mais premente, de possuirmos um museu de arte retrospectiva, onde se pudessem piedosamente recolher os destroços esparsos da grande arte implantada entre nós pelos colonizadores portuguezes, resalvei muito precavidamente a possibilidade de virmos a possuir por igual um Museu Historico, onde ficassem catalogados e convenientemente estudados assim os nossos trophéos e petrechos bellicos, como tambem tudo que dissesse respeito á vida historica, anecdotica ou biographica dos grandes vultos da historia patria.

A creação do Museu Historico, nos moldes em que vem de ser vasado, attende aos pontos cardiaes desse programma, e parece inspirar-se nos mais nobres e alevantados ditames do amor patrio.

Ademais, elle teve a felicidade de condensar, ou, melhor, de centralizar varios serviços já existentes que collimam um escopo commum.

O Archivo Publico, que já constituia o embryão do museu que vem de ser creado; as collecções de numismatica que atravancam os salões da Bibliotheca; os trophéos dispersos pelos museus militares; as peças de incontestavel valor historico que se tinham tornado hospedes indesejaveis do Museu Nacional, tudo isso reunido aos quadros historicos da Escola de Bellas Artes constituirá, convenientemente disciplinado pelas mãos de um homem capaz, o almejado Museu Historico.

Estão, portanto, de parabens os cultores do passado historico. Não ha, pois, como regatear applausos ao acto patriotico do governo.

Entretanto, nesse momento de tão justificado jubilo para todos, inclusive para mim, que sempre pugnei pela medida que vem de ser posta em pratica, assalta-nos o espirito o grande receio de que a creação do Museu Historico virá retardar de qualquer maneira a creação do Museu de Arte Retrospectiva, que tem sido uma sorte de bandeira da nossa cruzada em prol da arte tradicional.

Como quer que seja, convem desde agora reivindicar de modo positivo e formal os direitos da arte tradicional, perante a civilisação brasileira.

Que nenhuma duvida possa subsistir no espirito publico de que o Museu Historico não interessa senão indirectamente a arte tradicional de nosso paiz. Porque, em principio, o interesse historico independe, por completo, de qualquer interesse artistico.

Casos ha, e não raros, em que o interesse artistico apparece, por assim dizer *doublé* do interesse historico. Seria o caso de se citar a cama do patriarcha José Bonifacio, uma das maiores maravilhas da talha executada no Brasil em fins do seculo XVII. Mas não é justo argumentar com as excepções. O tamborete tosco de Antonio Conselheiro, o lapis azul do monarcha Pedro II, especie de guilhotina que invalidava em um simples traço a vida dos homens publicos; o catre de Diogo Feijó, tudo isso nada representa sob o ponto de vista artistico. São peças de Museu Historico, simples subsidios anecdoticos, ou documentos curiosos muito ao sabor do paladar publico.

Uma das grandes lacunas (aliás admissivel no momento, pelo caracter de homenagem á memoria dos imperadores de que se revestiu o certamen) da ultima Exposição de Arte Retrospectiva, que realizámos recentemente no Club dos Diarios, foi, ao meu ver, a inclusão de venerandos objectos historicos, alguns de valor pessoal, entre o sumptuoso mostruario de arte antiga que ali se offerecia gratuitamente á curiosidade publica.

Verdade é que o povo vê os seus heroes através de si mesmo, isto é, cada pessoa, que penetra em um museu já tem os seus heroes escolhidos, de accordo com a sua propria mentalidade. O Museu Historico terá, inevitavelmente, seu grande publico. Mesmo porque é sempre deleitavel profanar a intimidade dos grandes homens, sobretudo quando essa devassa não nos expõe a nenhum aborrecimento...

Ha tantas maneiras de se admirar um heroe! Uns louvam-lhe a coragem, o impeto animal, a arrogancia de um gesto, a explosão de uma phrase.

Um amigo meu, a quem mostrei o anel que pertencera a Pedro I, teve esta exclamação que vale por um diagnostico mental: Era um bicho!

Assim, deve haver heroes para todos os gostos. O heroe do futuro deverá ser o homem que tiver derrubado o maior numero possivel de arvores centenarias, mutilado varios jardins, desprezando acin-

tosamente a tradição de arte das gerações passadas. Ora, esse homem, que é o symbolo do vandalismo da época, poderá ter no Museu Historico o seu gramophone amavel, ou os seus chinelos de trança.

Nada mais razoavel. Um heroe para cada publico.

E os nossos heroes ? Aquelles obreiros anonymos que realizaram humildemente os esplendores da arte colonial ? Onde estarão elles, onde deverão estar senão no Museu de Arte Retrospectiva ?

Não importa que lhes ignoremos o nome. Sentimos-lhe a alma sensivel vibrar nas cathedraes e esculptura dos templos sacros, solemnes e indecifraveis na sua magestade dourada; no desenho caprichoso e ondulante das alampadas de prata, resplendendo silenciosas na vastidão das naves abandonadas; nas filigranas bysantinas dos adereços de pedrarias rendilhadas de ouro; no mobiliario gravemente severo; nos solares amplos e acolhedores, mergulhados no fundo de grandes parques sombrios.

Que interesse poderiam offerecer todas essas bagatelas do passado esquecido, ao grande publico indifferente que constroe suas casas de cimento armado e usa moveis estylo *art-nouveau ?*

A dinstincção entre o Museu Historico, destinado ao culto da Patria, e o Museu de Arte Retrospectiva, destinado ao culto da arte tradicional, faz-se por si mesma, sem nenhum esforço de argumento. Todavia, não me levarão a mal apontar ao publico as fronteiras de ambos, afim de evitar possiveis equivocos.

O papel essencial do Museu Historico consistirá em archivar todos os documentos e subsidios necessarios ao conhecimento dos grandes fastos da historia patria, e bem assim dos vultos que nelles tomaram parte. Mas, mesmo na hypothese de podermos rapidamente attingir esse escopo, ficaria sempre faltando a reconstituição do scenario da vida social que os heroes viveram — indispensavel como corollario — ao perfeito conhecimento historico dos factos.

Aliás, essa grande lacuna poderia ter sido, pelo menos em parte, evitada, se o Estado, usando de uma legitima prerogativa, se tivesse disposto a expropriar por utilidade publica os grandes edificios caracteristicos da architectura civil e religiosa que nos vieram do passado. A campanha que eu conduzi em favor da expropriação do velho solar da marqueza de Santos, só agora se tornou victoriosa. Esse é o edificio naturalmente indicado para séde do Museu Historico, pelo papel que elle desempenhou na côrte do primeiro imperio. Seria uma profanação collocar os trophéos da Patria em um edificio improvisado, sem estylo definido, inteiramente fóra do ambiente do passado.

Ora, a recomposição do scenario artistico-social a que acabo de alludir, não está na esphera de acção do Museu Historico. Isso é um assumpto do dominio exclusivo da arte, e merece por isso mesmo um sério estudo á parte.

Como se poderá facilmente comprehender, o programma do Museu de Arte Retrospectiva é, nesse particular, de inestimavel relevancia. Reconstituir pacientemente através dos documentos architectonicos das épocas respectivas as grandes etapas da architectura, da pintura e da esculptura brasileiras, caracterizadas pelas tres grandes phases decisivas de sua evolução artistica: a colonial, desde a colonização até á retirada de D. João VI; as phases seguintes de transição, do primeiro e segundo imperios, com o estudo parallelo da architectura interior (mobiliario, artes menores) correspondente a cada um desses periodos — eis as linhas geraes do programma da instituição que pretendo defender.

Se as grandes causas sociaes que agitaram o berço da nossa nacionalidade foram particularmente hostis ao surto da arte nacional, é chegado o momento de provocarmos o renascimento do espirito artistico de nossa raça.

A unica estrada que nos conduzirá á verdade, é a estrada do passado. Volvamos o espirito para trás e contemplemos o immenso patrimonio de arte legado pelos nossos avós. Voltai ao passado — diz Freeman — e inspirai-vos nelle, se quizerdes produzir um novo surto de arte.

A volta ao espirito tradicional da arte brasileira, não significa uma homenagem fetichista ao passado esquecido, mas apenas o retorno ao bom senso. E esse retorno só será possivel quando tivermos comprehendido a necessidade de amar e, sobretudo, de defender o immenso patrimonio artistico do *vaterland* brasileiro, da

garra implacavel dos vandalos inconscientes.

A creação do Museu de Arte Retrospectiva representa virtualmente a victoria esplendida desse idéal.

José Mariano (filho).

(D'"O Paiz").

EM HOMENAGEM AO DUQUE DE CAXIAS — 1803-1922

Bem acertado andou quem escolheu o dia de hoje para a cerimonia civico-militar, que se vae realizar no Campo de São Christovão, por occasião do juramento á bandeira das praças da Companhia de Carros de Assalto.

Assim, não passará despercebido o anniversario do maior general brasileiro — o glorioso duque de Caxias.

Nascido a 25 de agosto de 1803, era alferes quando tomou parte saliente e brilhante nas lutas travadas na Bahia contra as tropas do general portuguez Madeira de Mello, mostrando, nos encontros e ataques de 28 de março, 3 de maio e 3 de junho de 1823, as nobres qualidades militares proprias de um verdadeiro soldado: bravura intemerata e inexcedivel magnanimidade. Desde então, nenhum perigo o deteve ou fez hesitar ante o inimigo.

A's suas virtudes militares, juntava o grande brasileiro as maiores e mais bellas virtudes civicas e domesticas. Aliás, nunca de outro modo sóe acontecer jámais. Um verdadeiro bravo é sempre um bom. O cidadão verdadeiramente digno é sempre um digno chefe de familia. A bravura sem bondade é ferocidade de tigre. As qualidades que ennobrecem o homem completam-se mutuamente, integram-se no coração dos grandes seres.

Um dos elevados traços do excelso brasileiro era, sem duvida, o seu profundo sentimento religioso, escoimado de fanatismo.

Depois do combate de Poncho Verde, durante a revolução dos Farrapos, no Rio Grande, o vigario de Bagé foi procurar Caxias e convidal-o para um "Te Deum", em agradecimento á victoria das armas imperiaes. A resposta de Caxias constitue uma grande lição de verdadeiro sentimento religioso. "Não se festejam victorias em que pereceram irmãos; em vez de um "Te Deum", celebre v. revma. uma missa pelas almas dos que morreram lutando, quer pela integridade do Imperio, quer pela victoria da revolução".

A sua attitude nas guerras civis foi sempre de uma nobreza admiravel. Emquanto os rebeldes empunhavam as armas, elle os tratava como inimigos. Vencidos, eram irmãos. Assim procedeu quando subjugou os movimentos revolucionarios do Maranhão, de São Paulo, de Minas, do Rio Grande do Sul.

Da nobreza da sua attitude citaremos duas provas.

Depois da victoria obtida no combate de Poncho Verde, um official do seu quartel general, encontrando-se em casa de uma familia com parentes de um dos revolucionarios mortos nesse combate, teve palavras de menoscabo contra os adversarios. Informado disso, Caxias demittiu-o de suas funcções, como indigno de servir ao seu lado, e o mandou preso para a capital do Imperio.

Em Minas, depois do combate de Santa Luzia, tendo mandado trazer para o Rio de Janeiro os revolucionarios aprisionados e sabendo que, no decurso da viagem, o official que os conduzia fizera algemar os presos, despachou do local em que se achava um emissario, reprehendendo o commandante da escolta e determinando que as algemas fossem retiradas e os presos conduzidos com humanidade.

Aos seus subordinados o grande soldado dispensava sempre toda a justiça possivel. Lembrarei dois casos. Um delles occorreu com Miguel de Frias. Em 1833, esse official, então major, tentara proclamar a Republica. Amnistiado voltou ás fileiras, mas vivia sob um regimen de suspeição e muitas vezes fôra preterido. Em 1842, Caxias, que o batera nove annos antes no Campo de Sant'Anna, assume o commando das tropas a que elle pertencia, no Rio Grande, e, observando os seus serviços, tornou-se advogado dos seus meritos e conseguiu sua promoção.

Depois de haver garantido a ordem constitucional coube ao inclito soldado commandar o exercito brasileiro na in-

tervenção armada contra Oribe e, depois na campanha contra o dictador do Paraguay, Dom Francisco Solano Lopez.

Para demonstrar, mais uma vez, a nobreza dos sentimentos de Caxias, vale a pena citar palavras dirigidas aos seus soldados, ao transpor as fronteiras, em 4 de setembro de 1851: "Não tendes no Estado Oriental outros inimigos senão os soldados de Oribe e, esses mesmos, emquanto illudidos, empunharem armas: desarmados ou vencidos, são americanos, são vossos irmãos e como taes os deveis tratar. A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos principios da humanidade."

Essas palavras deveriam constituir o principio basico de toda a nossa educação militar. O que pode obter um chefe quando as toma como directriz de sua acção, Caxias o demonstrou durante toda a sua vida.

A energia dos maus, dos degoladores e dos fuziladores é producto, apenas, da epilepsia. Não é virtude consciente. E' vesania. E' crime.

Depois da retirada de Oribe, para além Prata, em uma revista passada ás tropas entrerianas, orientaes e brasileiras, Urquiza, bem impressionado pelo luzimento dos nossos soldados, pela sua firmeza e exactidão nas evoluções, volta-se para Caxias e diz: "Perfeitamente bem, sr. Conde! Mas, como alcançou v. ex. esses resultados? Com quantos fuzilamentos?" — "Nenhum, sr. general, retorquiu Caxias, prompta e energicamente".

Na campanha contra o governo do Paraguay, a par de sua já proverbial magnanimidade, Caxias revelou as suas altas capacidades tacticas e estrategicas.

Com effeito, tendo encontrado o Exercito Alliado em Tuyuty, e havendo assumido o commando em chefe em janeiro de 1867, dois annos depois fazia sua entrada triumphal em Assumpção. Para obter esse resultado, teve de vencer a resistencia pertinaz dos valorosos soldados paraguayos, em innumeros combates, que bastariam para sagral-o general de renome, se antes não houvera já merecido ser assim considerado.

Em Tuyu-Cué, na tomada de Humaytá, no assalto ao forte do Estabelecimento, na passagem do Itoróró, no combate de Avahy e na batalha de Lomas Valentinas, Caxias demonstrou, a par de inexcedivel bravura pessoal, a sua capacidade tactica.

Ordenada a "marcha de flanco", graças á qual o Exercito Alliado foi conduzido de Tuyuty ás cercanias de Humaytá; e resolvendo a "passagem pelo Chaco", que permittiu evitar os sacrificios enormes que acarretaria um ataque á viva força contra as linhas de Pequiciry, fazer cahir Angusturas, bater completamente o principal nucleo de tropas, commandadas pelo general em chefe do exercito inimigo, e por fim apossar-se da capital da Republica obrigando os restos de unidades, escapas de Avahy, a se refugiarem nas montanhas, foram audazes operações estrategicas que honrariam qualquer grande general moderno.

Os grandes serviços do Duque de Caxias ao Brasil deveriam ser constantemente relembrados.

Sua vida contem rutilantes exemplos para todas as classes sociaes. Aos soldados, elle apontou pelos seus actos de bravura, de espirito de sacrificio, de bondade com o inimigo vencido, de obediencia á lei, de repulsa ás injuncções do partidarismo (é sua a formosa phrase: minha espada não tem politica) — uma norma de acção que jámais devêra ser esquecida.

Ante os olhos dos que são elevados aos altos cargos da administração deveriam fulgurar sempre, os seus exemplos de immaculada probidade na gestão dos negocios publicos, de meticulosa justiça para com os subordinados, de nobre altivez para com os superiores e de constante magnanimidade para com aquelles que, num momento de exaltação se rebellavam contra as autoridades, magnanimidade que constitue a mais bella virtude civica dos homens verdadeiramente grandes.

O relembrar a vida e os feitos do grande general e excelso patriota, exalta a nossa fé civica e nos enche o coração de esperanças, porque uma patria de onde emergiu um homem como elle

— bravo, honrado e magnanimo — grandes destinos, certamente, tem a desempenhar no mundo.

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1922.

Coronel R. P. SEIDL.

AMERICA-LATINA MILITANTE

Sob este titulo publicou o "Washington Herald" de domingo 26 de Abril o primeiro dos seus editoriaes do dia. Quando se dizia ha annos — America-Latina militante, pensava-se logo na costa occidental, na inimisade chileno-peruana, nos preparativos de uma guerra de desforra, na Prussia chilena, na França peruana. Chile e Perú acabaram, porém, de acceitar os bons officios dos Estados Unidos para pôrem cobro á sua prolongada e irritante questão e o campo da actividade militar transferiu se para a costa oriental, arrastando para a sua orbita o povo que se dizia entre todos pacifico no continente.

A America Latina distinguia-se mesmo, tomada em conjuncto, pela sua cordura nas controversias internacionaes, que ella estava sempre prompta a regular pelo arbitramento e a deixar regular pela mediação, em vez de valer-se da guerra, a ponto tal que suas instituições militares quasi não mereciam menção, parecendo associadas essas nações com o desenvolvimento harmonico dos seus respectivos destinos. Dir-se-hia, escreve o referido jornal, que o Christo do Andes apenas contemplava populações prosperas e satisfeitas, occupadas em dar expansão aos seus recursos naturaes.

"Agora reina a suspeição entre essas nacionalidades. O Brasil, agindo segundo os conselhos de malignos peritos europeus (a phrase é do editorial citado) reorganisou e augmentou seu exercito. Este augmento foi considerado fóra de proporção com suas necessidades immediatas, pelo que a Argentina, alarmada, resolveu augmentar seus proprios armamentos terrestres e o Chile está meditando passos na mesma direcção. Ora, preparativos militares de que se não carece, contêm germens perigosos de guerras futuras. E' difficil enxergar no momento presente, que eventualidades para hostilidades poderão surgir entre essas potencias, que não são rivaes commerciaes; cujas fronteiras são naturaes, não artificiaes; que não contêm excessos de população; que não podem alimentar cubiças territoriaes ("land hunger"), pois que constam de regiões na maior parte por desenvolver e em partes mesmo por explorar. Uma desculpa para um rompimento armado é sempre todavia facil de encontrar quando uma nação sente que possue preponderancia de força militar."

Accresce no emtanto que ao pretexto faltaria justificação bastante. Não é só que no commercio do mundo se partiriam élos importantes: é que a America não tem atraz de si a impellil-a para a destruição rivalidades que parecem insanaveis e odios que parecem incuraveis. Ter entretanto á mão instrumentos adequados de exterminio é experimentar o desejo de delles se servir. O editorial citado escreve:

"O Brasil, cujas intenções eram indubitavelmente innocentes quando seus poderes publicos autorisaram um subito augmento das suas instituições militares, pode, na verdade ter iniciado um movimento com graves possibilidades. As outras potencias que lhe seguem o exemplo estão dando novos passos na direcção fatal."

A febre de armamentos que invadiu o continente meridional e que se originou como a peste nos campos de batalha europeus, carecia tanto de uma explicação que um telegramma de dias anteriores descrevia falsamente a America do Sul "com mais disputas de limites sem solução do que a Europa jámais tivera no ultimo meio seculo, com mais aspirações apparentemente irreconciliaveis do que as grandes potencias do Velho Mundo tinham manifestado antes da guerra."

Diz o "Washington Herald" que um exercito numeroso e efficiente como os que os paizes maiores da America Latina estão preparando, aliás em desmentido aos seus protestos de mutua amizade, é um elemento de orgulho nacional e que se pode attribuir o movimento que se está operando e que está transformando a projectada alliança do A.

BIBLIOTECA ... ASSIS

B. C. no que se poderia determinar uma fraternidade armada, antes ao desvanecimento nacional do que a intentos hostis. Armamentos assim exaggerados contradizem, porém, quaesquer declarações verbaes de affecto e o que melhor se deprehende é que essa imitação sem motivo da "balance of power" européa, essa ficção de equilibrio sul-americano — como se exprime o referido telegramma — apenas dissimula reciprocas suspeições. "Each distrust the other two" — reza o telegramma: cada um desconfia dos outros dois.

Os estadistas, quer dizer os homens publicos que têm feito seus paizes enveredarem por esse caminho, não mediram seguramente o custo representado pelo augmento de taxação e os perigos que dalli se derivam. O editorial em questão foi de certo bebido em informações acertadas, destoantes da commum ignorancia com que taes assumptos são tratados quando relativos a terras estrangeiras: encara mesmo aspectos do problema que não costumam ser habitualmente tratados. Assim diz: "Existe presentemente no mundo um avultado numero de militares competentes sem emprego. A Allemanha, a Austria, a Russia, a França, a Gran-Bretanha e até os Estados Unidos encerram quantidades de "youn á gentlemen" que tudo sabem sobre guerra e só não têm sympathia pelo trabalho. Apenas, como soldados lhes será dado manterem sua posição social, tornada precaria pela quéda da antiga ordem de coisas ao cabo da guerra mundial. E' gente anciosa por explorar o unico talento de que dispõe em paizes que carecem de experiencia militar. E como infelizmente conta com influencia diplomatica, chega graças a esta a alcançar commissões."

Ha comtudo peor do que essa grei de aventureiros de fóra, que mais merecem ser expulsos do que os agentes bolchevistas: são os aventureiros nacionaes, os que procuram fazer fortuna mercadejando em armamentos destinados a ceifar igualmente vidas de inimigos e de irmãos.

O editorial do "Washington Herald" occupa-se tambem da "insidiosa propaganda européa" que é o resultado da adopção de missões militares estrangeiras para instrucção dos exercitos sul-americanos. Assim é uma ameaça a mais que o Brasil esteja reorganisando suas instituições militares de accordo com os modelos francezes e sob a direcção de officiaes francezes, ao passo que na Argentina e no Chile se discute ainda qual offerece maior vantagem, se o systema francez se o allemão.

A discussão não é inteiramente platonica porque na revisão que se impõe do tratado de Versalhes não poderá subsistir essa clausula odiosa e até ultrajante para a soberania das outras nações, que lhes veda a utilisação de officiaes instructores procedentes dos Imperios Centraes. De resto ha sempre meios de illudir ou afrontar semelhantes clausulas. Em Marselha, porto francez, embarcou ha pouco para o Japão, um pequeno exercito de aviadores allemães contratados pelo governo para instrucção do seu exercito e cujos contratos estipulam que elles continuarão em caso de guerra ao serviço do governo japonez, a menos que se não trate de uma guerra entre a Allemanha e o Japão.

O "Washington Herald" entende preferivel que cada paiz sul-americano desenvolva seu proprio systema e lembra que nas guerras occorridas, felizmente poucas, e nomeadamente na do Pacifico, alguns dos principios que vieram a ser applicados na guerra mundial, alli surgiram, servindo, afinal, os officiaes latino-americanos em varios casos de instructores aos peritos europeus.

Washington, Maio de 1922.

Oliveira Lima.

("O Estado de S. Paulo").

A ORDEM DO CRUZEIRO

Está, ao que parece, plenamente victorioso na opinião da Camara o projecto que institue a Ordem do Cruzeiro. Não prevaleceram contra elle as objecções de ordem constitucional, nem as de ordem politica, moral ou esthetica levantadas em forma grave ou humoristica assim na actual como na anterior phase da discussão. Umas e outras foram destruidas desta vez ainda pelo sr. Celso Bayma,

deputado (seja dito de passagem) que, na sua modestia verdadeira e na sua despreoccupação apparente, trabalha como poucos na Camara, com utilidade, e pelo sr. Medeiros e Albuquerque em alguns dos seus como sempre terrivelmente claros artigos.

Verificar aliás, como têm feito, que um crachá, uma fita, um titulo, uma medalha póde não dizer nada, nem representar recompensa por serviços prestados — é coisa accessivel a toda a gente. Notar que só como reminiscencias de outras eras é que vigoram na civilisação moderna, niveladora e leiga, essas distincções honorificas sem funcção pratica, é tambem observação insignificante. Qualquer confuso e tropego entendimento concluirá sem esforço que nas sociedades de origem ultra-democratica, como a nossa, o valor desses symbolos diminue ainda mais.

Admira-me, pois, que os homens de espirito tenham pensado ou pensem *fazer espirito* sobre assumpto em que não o fazer é a melhor forma de o fazer. Por mais que o leia, não encontro no tão citado discurso em que o deputado Luiz Domingues impugnou o projecto quando elle veiu pela primeira vez á discussão nada que justifique o seu exito. Digo-o sinceramente. O que se depara nelle são pilherias não muito finas, e uma compacta incomprehensão do genero humano.

O genero humano não pode viver sem crachás. E' um facto incontestavel. O selvagem na sua tribu, o cidadão civilizado na sua gloria, a humanidade inteira na sua porção mais atrazada como na mais notavel, mais intelligente, não se libertou ainda da sympathia pelo crachá.

Dirão e provarão que esse apego a coisa tão futil é uma tolice da humanidade. De accordo. Por meu lado, assim penso. Mas penso tambem que é uma tolice a guerra e a guerra existe, e ninguem póde prever quando deixará de existir; penso que a maioria dos habitos, costumes, instituições, systemas, organisações sociaes vigentes são tolices, mas são tolices que o genero humano adopta, não póde ou não quer revogar de um dia para outro e continuará a manter por muito tempo ainda.

O deputado Luiz Domingues, cuja sympathica figura evoco ao escrever estas linhas, usava no momento em que pronunciou o seu famoso discurso, frack preto, colarinho de linho, botas de couro duro e lustroso, e dirigiu-se á Camara em tom solemne, segundo o modo consagrado, a praxe, a convenção que regulam as exhibições dos oradores nas assembléas.

Ora, uma analyse, mesmo ligeira, mostra-nos que o saudoso deputado maranhense praticava naquelle instante uma serie de tolices, iguaes senão maiores, á que se contém nessa inclinação da humanidade pelos symbolos vãos e os ornamentos superfluos. Apenas de tão velhas, transmittidas pela tradição, a que obedecemos todos, se haviam tornado automaticas, e elle, como todos nós, as praticava sem sentir.

Attentemos, para exemplo, só no vestuario que relembrei. Ha raciocinio que justifique o uso de frack de panno grosso tal como usava Luiz Domingues e tantos de nós usamos ainda hoje? Contra elle se levantam o bom senso, a hygiene, a esthetica, a economia privada, tudo que póde falar em nome da commodidade, da felicidade, da belleza, da alegria, da especie humana.

E no emtanto não se comprehende que deputado algum compareça á Camara ou ande pelas ruas, vestido, como seria racional, de linho fino ou de seda leve ou que qualquer cidadão attenda na sua indumentaria mais ás regras do bom senso, da hygiene, da esthetica e da economia privada do que ás imposições da convenção, tão vigorosas na sua implacabilidade que obrigaram os nossos pais e avós a supportar em pleno verão do Rio de Janeiro de vielas sujas e abafadas a soturna sobrecasaca e a incrivel cartola cuja fórma attenuada o illustre Sr. cons. Silva Costa, demonstrando sua fidelidade ao passado, nos apresenta de vez em quando na Avenida.

Argumentando, portanto, como se fez que é uma convenção sem base nenhuma na conveniencia, não só a condecoração, o enfeite, a medalha, a fita, o crachá em summa, para repetir a palavra que mais se presta á facil troça — mas muita coisa, quasi tudo, não deveria subsistir. A verdade manda dizer, porém, que justamente por isso é que subsiste. A humanidade ama o erro.

Ah, se ella comprehendesse, se fosse capaz de dirigir, coordenar os seus movimentos para fins somente uteis e convenientes, aonde estariamos nós? A vida seria o que é? Crianças morreriam de fome na Russia ou em qualquer outra parte? Uns teriam milhões sem trabalhar, emquanto á porta delles outros não têm migalha podre sequer para engulir? A Europa seria o que foi e o que está sendo e as melhores energias do mundo se perderiam como se estão perdendo em tantas tarefas ridiculas quando os problemas da esperança de paz, de harmonia e de conforto gritam ahi pedindo solução?

Estabelecido que é a convenção que guia a sociedade e regula os nossos passos na existencia, pouco importa que só uma ou outra destas convenções seja banida. Nesse cosmorama de superfluidades, que mal faz perdure esta ou aquella, das menos nocivas, quando tantas, das mais perigosas, predominam?

Os argumentos contra a Ordem do Cruzeiro são mais fracos do que os a favor.

O Sr. Celso Bayma não esgotaria nunca os que possue, tantos são elles.

Que os brasileiros podem receber condecorações estrangeiras e usal-as sem perda dos seus direitos politicos, afigura-se-me incrivel que se tenha discutido, quaesquer que fossem os termos da Constituição, e isto em virtude de um principio que me parece essencial a toda interpretação: a lei não póde ser ridicula.

Imagine-se, por exemplo, o Sr. Epitacio Pessoa, quando presidente eleito da Republica, na Italia, na Belgica, na Inglaterra, dizendo ao receber das mãos de Victor Emmanuel, de Alberto I ou de Jorge V a condecoração que lhe era offerecida — Perdão, magestade, a Constituição do meu paiz não admitte que eu receba de V. M. tão alta distincção — Não admitte o que? — Que acceite condecorações.

— Uê! (diria espantado o rei.) Mas por que? — Porque sou brasileiro.

— Mas conte-me isto, por favor!

E o resultado haveria de ser, por mais que a eloquencia do nosso presidente esforçasse um sorriso de surpreza e maravilhamento, em que transluzisse, certo, o conceito: — "Que paiz extravagante!"

Imagine-se tambem que o Sr. Arthur Bernardes estivesse agora na Europa ao mesmo tempo que o sr. Alvear, presidente eleito da Republica Argentina, e houvesse de comparecer ao lado deste a um banquete, a uma recepção no Elyseu, ou qualquer grande salão official de Paris, em festa solemne. O argentino exhibiria o seu cordão da *Légion d'Honneur*, e o brasileiro, nada. Que complicação até que aquella sociedade toda viesse a ficar elucidada sobre a singular ausencia de *Légion d'Honneur* no brasileiro, ostentada festiva e orgulhosamente no argentino?

E que propaganda ali mesmo estariamos fazendo contra o nosso espirito!

Que pilherias não suscitariamos contra a nossa falsa simplicidade, nós indios, para elles ainda pintados talvez no corpo, com alguns fios das pennas dos cocares paternos perdidos nos cabellos...

E que estranha idéa proclamariamos ali, fazemos de nós mesmos, estabelecendo no nosso Codigo Fundamental, que aqui comnosco a fragilidade de caracter é tal que para que nos vendamos ao estrangeiro basta o aceno de uma condecoração. Differente, de certo, não poderá ser a conclusão da absurda hermeneutica vigorante no começo da Republica, ainda hoje em muitos espiritos, ao que se ouve, mas não se póde acreditar.

Até que chegasse á comprehensão da sociedade franceza a explicação de tudo, a que resvaladouros do ridiculo não havia descido já a reputação do Brasil?

O dever principal de toda lei é não ser tola, e a Constituição do Brasil seria uma enormidade se admitisse situação como a que figurei; se estabelesse, quaesquer que fossem os termos de que usasse, que perderia os direitos politicos, o brasileiro que acceitasse fita da Legião de Honra ou titulo de conde do papa.

Pensando assim, nem sonhar posso sequer se discuta a constitucionalidade do projecto que crêa a Ordem do Cruzeiro.

O que a Constituição quiz foi abolir os privilegios ligados aos titulos de nobreza. Nenhum direito ou regalia, de qualquer especie, se prenderá nunca, diante della, a quantas ordens queiramos fundar, chame-se do Cruzeiro, do Corcovado, Guanabara ou como quizerem.

Nós continuaremos a nos distinguir

aqui pelo dinheiro, pelo talento ou pelo saber como de uma maneira geral acontece hoje em toda a parte, com fita ou sem fita no peito.

Nem o sr. Carlos de Laet, por exemplo, ficou maior depois que se tornou conde do papa, nem o sr. Modesto Leal, e ambos continuam iguaes ao que eram, para toda gente.

O certo é que, não obstante, todos os paizes usam condecorações. Se o Brasil tem mais juizo do que os outros, não o deve mostrar, sob pena de se tornar irritante.

Em terra de cegos quem tem olhos não é rei de coisa nenhuma; cabe-lhe o dever de ser cego tambem para não atropelar os outros. Aliás, em terra de cegos quem vê é que é cego.

Por todas estas razões, se isto são razões, está claro que serei dos que votarão no momento opportuno pela Ordem do Cruzeiro, mas tal qual está mantida no projecto Cesar Bayma, e não como a estabeleceu o substitutivo Antonio Carlos, pelo qual as distincções são conferidas somente aos estrangeiros.

Não se comprehende que se dê aos "filhos das outras nações" como está no substitutivo, coisa que entre nós regulamos sem valia, honra a que ninguem se honra de aspirar. Afigura-se-me uma *gaffe*, uma grosseria difficil de disfarçar.

Como é que se manda um presente proclamando que elle ahi vae porque não tem importancia, "tanto que ninguem cá em casa o quer."

Mot de la fin: Declaro que nem sou candidato á Ordem do Cruzeiro, como não sou a nenhuma das condecorações que andaram e andam sendo distribuidas aqui por varias nações estrangeiras. Mas não por virtude republicana ou por qualquer outra, mas por haver dado á minha vaidade orientação differente da dos que gostam de crachás. Não é menor a minha do que a vaidade delles, nem melhor. E' apenas differente, por emquanto. E' como a de José Bonifacio, em vez de ser como a do duque de Caxias. Mas é vaidade da mesma tempera daquella de que é feita a nossa desgraçada e irremediavel fragilidade humana.

E os grandes homens que tencionam ridicularizar os que gostam de crachás precisam não esquecer que não era precisamente por modestia que Napoleão usava apenas um capote cinzento no meio de tantas fardas brilhantes.

Gilberto Amado.

("O Paiz").

RAYMUNDO CORREA

Os amigos de Raymundo Corrêa viram, com a alma agradecida, apparecer a quarta edição das "Poesias." Ha muito tempo já, era um trabalho vão procurar nas livrarias os versos do poeta de Jessica. E por que? Porque, esgotada a tiragem anterior, as *Poesias* ficaram esquecidas... Não é um caso unico. E', até, um caso frequente. A Academia, que tem, pelo seu proprio titulo, o dever de propagar a cultura das bellas letras, em nossa terra, pouco se preoccupa com essa missão. O resultado é que inutilmente desejariamos conhecer certos vultos da nossa literatura. Luiz Delfino é um exemplo triste. Ha tanto tempo vem sendo promettida uma edição dos sonetos e poemas desse poeta, e essa edição nunca, nunca chega. E entretanto quem de nós não ama esse velho, em cuja alma, diriamos, a poesia desabrochava espontanea como as flôres desabrocham da terra?

Graças ás musas, com Raymundo Corrêa o mal foi corrigido. No sceptico pensador que desejava queimar os livros todos da humanidade, para reduzil-os "a cinza, a nada", temos uma prova mais de quanto é vão o pensamento humano. Elle é, ainda hoje, uma fonte viva de emoção e pensamento e os seus versos são, para lembrar uma idéa querida a Gastão Paris, nossos companheiros de amor.

Falando sobre Raymundo Corrêa, eu não posso deixar de sentir-me fascinado. Esse poeta era complexo e profundo. No meio de escriptores preoccupados com os brilhos da fórma e os esplendores dos rythmos e das rimas, elle foi á mais longe intimidade do seu sêr para buscar o sentimento mais dilacerante e occulto. Companheiro de uma geração brilhante e vivaz, elle não se deixou deslumbrar por essa vivacidade nem por esse brilho: reduziu a sua arte a uma observação intima e tragica, a um estudo permanente da sua alma. De sorte que os seus versos nos apparecem

hoje verdadeiramente altos e verdadeiramente bellos. São os versos de um grande e delicioso poeta, mas são, sobretudo, os inqueritos, as nostalgias, as irremediaveis torturas, de um doloroso, amargo pensador.

Com esse constante pessimismo philosophico, o mais fundo sentimento da arte encontramos aqui. Da geração renovadora de 1880, contrahimos o habito de lembrar frequentemente os tres nomes principaes, o de Raymundo Corrêa, o de Olavo Bilac, o do sr. Alberto de Oliveira. Haverá justiça, numa selecção tão rigorosa? Acaso os outros poetas, incluidos na phase parnasiana, serão indignos de uma grata memoria, além dessa memoria breve dos florilegios e das anthologias? E' outro ponto a examinar. Somente o juizo dos tempos poderá manifestar-se sobre a justiça ou a iniquidade das nossas opiniões de hoje. Quanto a esses tres poetas, elles possuiam, realmente, puras e limpidas vozes. Do sr. Alberto de Oliveira ainda não nos é possivel falar com inteira liberdade de animo. Elle está bem perto de nós, para que deixemos de nutrir, deante dos seus versos, tal ou qual *parti pris*. Confesso que, se nutro, da minha parte, algum *parti pris* deante do poeta de "Emma", só será uma inalteravel sympathia. Não é semelhante o caso de Bilac e Raymundo Corrêa. As sombras escuras da morte já os envolveram de crepes. E hoje, que elles dormem com o povo leve dos sonhos, sob uma pedra branca, nós podemos contar desapaixonadamente a historia das nossas emoções deante delles.

Antes de tudo, convem observar um facto: Olavo Bilac é muito mais querido que Raymundo Corrêa. Ainda quando appareceu a "Tarde", vimos uma coisa rara, em nossa terra: — uma edição inteira esgotada em breves dias. Qual o segredo dese encanto, com que Bilac ainda hoje é amado? E' que Bilac soube falar, antes de tudo, ao nosso sentimento. Elle é quente, arebatado, voluptuoso. Seus versos têm sons de beijos e requebros de lascivia. Ha, nos seus poemas, um veneno doce e forte, o veneno adoravel do amor tropical. Esse é o Bilac das "Poesias." O outro Bilac, aquelle cujos labios rezaram as orações da "Tarde", era quasi religioso, quasi mystico. Um certo nihilismo o purifica e ennobrece. Tambem se fossemos fazer um inquerito, entre os leitores, verificariamos que o grande segredo do prestigio do poeta continuam a ser os seus primeiros versos — os sonetos pagãos da "Via Lactea", os gritos de volupia, os suspiros, as confissões peccadoras da "Alma inquieta" e das "Sarças de Fogo."

Emquanto Olavo Bilac fala-nos ao sentimento, Raymundo Corrêa, mais aristocratico, fala-nos ao pensamento. Seria pueril tentar um parallelo entre os dois artistas. Não é um parallelo que eu pretendo fazer. Apenas, para definir o temperamento de um poeta que amo, busco o exemplo de um outro poeta que egualmente amo. Posto em confronto um com o outro, teremos talvez, mais facilmente, a explicação dos seus espiritos e a decifração das suas obras.

A leitura das "Poesias" de Raymundo é a historia das emoções de uma alma. Essa fórmula corriqueira aqui perde o seu tom de lugar-commum, para adquirir o clarão de uma verdade. Através desses versos encontramos mais do que um estylo — encontramos um homem. E o que ha de singular é a coherencia, a luminosa unidade das emoções e das idéas de Raymundo Corrêa, através de todos os seus trabalhos. Num dos seus primeiros sonetos, é com uma compassiva e ironica tristeza que elle nos fala "dessa historia do amor." Mais tarde, com a mesma ironia compassiva e triste, elle abençôa a morte, que vem libertar emfim seu coração

"Cansado de bater e de esperar em vão."

Sua philosophia é infinitamente desencantada. Se uma ilusão lhe fala, é para dizer-lhe uma palavra merencorea: "Em vão lutaste, combateste em vão!" Se uma esperança lhe entremostra o céo "eternamente bello, eternamente azul", o demonio da Evidencia lhe adverte logo: "Mente a Esperança!" — E emfim, quando o consolo anciosamente buscado lhe vem — não é mais do que um consolo irrisorio e melancolico: é uma lagrima, uma simples lagrima tremula, e, acaso, amarga... Como poderia ser de outra fórma, se a vida do sabio é uma pesquiza eterna da verdade — e se "á nudez da verdade *ninguem* resiste?" Eternos Faustos, nós gastamos o melhor dos nossos dias em busca da "loira Margarida." E quando a

vemos, ao longe, é ella propria quem nos diz:

"Como ha de a loira Margarida
Teus labios ao calor dos beijos aquecer?
Perdendo as illusões, tambem perdeste a [vida,
Pois deixar de illudir-se é deixar de [viver!"

O philosopho que amava a illusão com o carinho de um amante, sabia tambem se enternecer deante da belleza das coisas puras e simples. Seus quadros são encantadores de frescura, de nitidez, de colorido. — *A chegada* e *O Vinho de Hebe*, *Primeiras vigilias* e *Renascimento*, o *Passeio matinal* e *Zulmira*, são pequenas telas de incomparavel formosura. E que dizer dos *Ciganos* e do *Sonho Turco*, dessas obras primas de pensamento, de emoção e de ironia intima e profunda?

Seria injusto não destacar, em Raymundo Corrêa, o fino ourives que havia. Sua traducção dos *Argonautas*, o famoso soneto de Heredia, ultrapassa em belleza o original. Heredia figurava os conquistadores em viagem e os pintava com uma nitidez de gravura:

"Ou penchés á l'vant des blanches cara- [velles,
Ils regardaient monter en un ciel ignoré
Du fond de l'Océan des etoiles nouvelles."

Esse terceto é claro e pictural, sem duvida. Raymundo, porém, o tocou de um encanto novo. Trouxe-lhe uma luz mais branda e mais leve; deu-lhe o vago, o impreciso, o sonho; emprestou-lhe o infinito, em uma palavra:

"E elles á próa vão as largas caravellas,
Vendo só, despenhado em turbilhões de [estrellas,
Todo o infinito céo sobre o infinito mar."

Esse poeta, assim sceptico no mundo dos pensamentos, era tambem um grande sceptico no mundo dos sentimentos. Estranha coisa! o homem sensivel até á morbidez, de uma capacidade de affecto immensa e delicada, creou amargas maximas sobre a falsidade, a torpeza, a injustiça humana. Com elle verificamos que "é preciso odiar para ser justo." Com elle aprendemos que "aos tristes o menor prazer assusta." Com elle notamos que o homem "tem piedade só, quando inveja não tem." Esse pessimismo, torturado e torturante, não ia sem uma grande, uma funda nostalgia dos paraisos desconhecidos — daquelles paraisos de que Renan falava, os quaes formam a embriaguez e a tortura do amor. Para Raymundo Corrêa, tambem no amor tudo se resumia em dôr e desencanto. O beijo ao qual anciosamente aspirou, nunca lhe embriagou os labios: "O' beijo virginal! fruto que apodreceu!" As mulheres que amou, no correr dos breves dias da vida, o olharam com um sorriso desdenhoso: "Amei: nem uma so de vós me comprehendeu!" — E, ao cabo desse desventurado peregrinar, só lhe restava o refugio do pensamento — aquelle refugio que, entre todas as coisas enganadoras, é o unico porto salutar, incapaz de atraiçoar e de mentir.

Não parece ter sido essa a lição mais bella que nos deu esse bello poeta? Recolhendo-se á solidão da sua alma, Raymundo Corrêa soube nos deixar versos altos e dolorosos, sobre tudo quanto era delicadeza, profundeza, nuance, na sua alma. O destino dos homens é a coisa essencialmente poetica. São as amarguras, são as dôres, são as renuncias, são as desillusões, que fazem correr o veio eterno da emoção e do sentimento. O primeiro poeta foi o primeiro homem que se interrogou sobre o seu proprio destino, foi o primeiro espirito que, sentindo ignorar a sua finalidade, se queixou amargamente contra o céo e contra os deuses. Eis porque a poesia não se aprende. Ou ella nasce comnosco, ou então os nossos labios serão eternamente fechados ás canções das musas. A verdadeira escola de poesia é a alma de cada um de nós. Raymundo Corrêa, que foi uma alma infinitamente delicada e melancolica, soube crear a mais suave e pura das poesias.

Era isso o que eu queria dizer sobre esse illustre artista, sobre esse illustre pensador da minha terra. Eu sinto uma grande doçura em amar Raymundo Corrêa — mas sinto uma doçura ainda maior em proclamar que o amo.

Mucio Leão.

("Correio da Manhã").

EVARISTO DA VEIGA

Paradoxal á rudeza de Feijó, o destino claro de Evaristo!

Opposta á attitude inamovivel do Regente, a fina subtileza do Parlamentar!

A saudade dos homens é curiosa porque se faz de circumstancias absurdas. O futuro ama o tumulto, ama o desregramento, ama as coisas excessivas; despreza a medida, a clarividencia, a serenidade.

Mais alto que as lembranças nos falam as paixões; e as paixões, para muitas épocas, são a verdade incontrastavel e querida, a verdade que modela individuos e que lhes dá, com o brilho do seu calor, o relêvo que os torna bellos.

Passivel dos maiores contrastes é essa ironica mestra da vida que procura estudar o caracter dos homens, que os reflecte no espelho de seu lucido crystal e, com uma simplicidade tocante, lhes vae aformoseando ou apagando as feições.

E' uma fascinadora, em cuja companhia todos nos sentimos bem, essa agradavel sciencia dos confrontos.

Com um tom sincero e quasi feminino pela indiscreção, ella nos vem dizer os desejos humanos, as ancias, o louco ideal de celebridade com que se atormentam as creaturas. Ha em nosso espirito um reflexo da doirada scentelha do espirito de Themistocles. Obscuro, preso á fortuna de um nascimento pobre, viu-se pela vontade, cidadão illustre de Athenas, porque o destino invejado de Miltiades lhe deu essa formosa ambição de querer e de realizar o que segredava o exemplo do heroe de Marathona.

Uma sabia aspiração constructora formou o lado com que apparece muito nobre na legenda do seu tempo.

Não lhe foi necessario, para alcançal-o, atear fogo ao templo de Diana, como Erostrato; nem lhe foi preciso, para experimentar a faisca da gloria, destruir com a audacia uma das maravilhas do bom gosto.

Evaristo da Veiga, descendente modesto de Francisco Saturnino, é approximadamente, um exemplo de atheniense illustre.

Em 8 de outubro de 1799, na cidade do Rio de Janeiro, repetia-se o facto historico de haver nascido dos amores de um simplorio professor de instrucção primaria uma creança em cujo espirito, mais tarde, frutificaria o nobre desejo de ser grande.

A violencia, a rusticidade, a coragem, tudo póde exalçar a memoria dos individuos resolutos e precipitados; póde darlhes mesmo, uma corôa votiva de exclamações incandescentes e bellas.

Os heroes são tanto mais festejados quanto mais rapidos os seus feitos.

Existe, porém, na idéa de alguns homens uma condição differente de se tornarem amados. Sustentava um dos encyclopedistas francezes do seculo XVIII que a coragem não caracteriza o individuo. Ella tem o privilegio vulgar de pôr num mesmo nivel os valores. E' por isso que, construindo sem o alarde e sem a falsa rutilancia dos impetos o seu destino, Evaristo me parece uma figura excepcional na sobriedade com que vestiu as suas attitudes de publicista e de politico. A educação religiosa do Seminario de S. José, aggravada com as crenças catholicas da familia, deu-lhe o principio de uma severa moral que lhe foi apanagio desde os estudos de rhetorica e latim.

Releva notar a simplicidade curiosa de sua vida. Aos dezoito annos de edade, dono de um curso de philosophia racional, com o aprendizado de varios idiomas, o francez em que bebia a divina lição de Montaigne, o italiano onde inspirara a imaginação na poesia das coisas eternas, nessa edade em que os sonhos tumultuam e esvoaçam com grandes azas, Evaristo era conduzido pela vontade paterna a emprego modesto em sua loja de livros.

Ao seu amor ás letras não repugnava o ambiente atravancado nem a posição subalterna; muito ao contrario, entre os livros esses grandes amigos da intelligencia, encontrou a fonte da sabedoria quotidiana; encontrou o casulo ao preparo da borboleta que adejaria graciosamente no alvorecer da emancipação politica, lá pelo anno de 1821-1822.

Havia nelle a timidez dos primeiros arroubos. Vemol-o muito humilde ainda, escrevendo á luz do candieiro o artigo que devia receber a chancella paterna.

Dominava-o, sobretudo, a obediencia, o sagrado temor da disciplina filial.

Todavia, quando Pedro I escreveu no claro riacho paulista o lindo poema de sua mocidade cavalheiresca e ambiciosa, foi do balcão em que freguezes disputavam preços de livros, que se evolou, em

sentidas estrophes, o poema para o hymno da Independencia.

Associado a seu irmão, João Pedro da Veiga, o joven Evaristo continuava a profissão de livreiro, accumulando o commercio do pensamento com a suave companhia de d. Edeltudes Maria da Conceição, sua esposa.

A politica violenta do Imperio nascente, feita de rebeldia e de tumultos que caracterizavam o espirito dos emancipados, dava motivo á dissolução da Constituinte, e já nos horizontes ainda acanhados da patria joven defensores e oppositores de Pedro I, abriam o cyclo dos partidos.

A lucta dos anceios parecia brilhante no seu primeiro torvelinho. As camaras legislativas inflammavam-se. E a esse primeiro toque de incendio surgia, em dezembro de 1827, a *Aurora Fluminense*. A serenidade de Evaristo podia cuidadosamente, com uma invulgar comprehensão dos assumptos politico-sociaes que se agitavam entre a balburdia dos demagogos, traçar a trajectoria do novo orgão.

Eu percorri collecções do jornal de Evaristo; aos insultos com que procuravam irritar-lhe a dynamica do pensamento moderado e elegante, respondia a phrase imperturbavel e energica, moldada no decoro, na graça attica de contundente dialectica.

A casa do livreiro transformou-se em assembléa de politicos. Discutiam-se personalidades, reformavam-se idéas, ventilavam-se opiniões.

Evaristo, eleito em 1828 deputado á segunda legislatura pela provincia das Alterosas, levou para o Congresso, atormentado pela paixão dos homens excessivos e bruscos, a tranquillidade dos juizes clarividentes e o cultivo das bellas attitudes.

Aos ataques e ás investidas que perturbam a dignidade das camaras, oppunha sempre o raciocinio concreto e convincente.

A grita dos contemporaneos destacava num admiravel contraste, a moderação do parlamentar; na tribuna e na imprensa a mesma idéa seguia rythmo semelhante, que não a desharmonia dos pamphletarios.

E', quando a figura de Evaristo, senhora de uma energia silenciosa e de um prestigio fidalgo, apparece dominadora.

A entrosagem politica cedo fôra desmantelada. Paixões e calculos haviam construido um ambiente de indisciplina commum.

Com sua intelligencia ductil começa Evaristo a preparar a barreira á exaltação dos liberaes federalistas já dominados por vagas e prematuras tendencias republicanas. Capacidade de fazer proselytos, reune em redor de seu vulto a mocidade intelligente da época e desperta, com a sua fina sensibilidade, o desespero das turbas.

Collocado em uma esphera superior á incultura geral, poderia, com facilidade, tornar-se um fetichista de situações. A's qualidades de director violento de opiniões preferiu as maneiras affaveis.

Rubeyrolles bem que o sentiu com a sua visão de civilisado, quando affirmou: "Este escriptor não era dos que cinzelam a phrase como os artistas abridores cinzelam o calice; nem se perdia nas altas locubrações do espirito; o seu pensamento nada tinha de encyclopedico; mas a sua phrase era clara, sua polemica activa e sensata, e possuia, entre todos, um grande e altivo sentimento de dignidade nacional."

Contrastando com a maioria dos periodicos, agarrados em geral ao servilismo na defesa dos ministerios quando não desabridos no ataque, a *Aurora Fluminense* realizava uma apreciavel funcção de orientadora.

Os lances que serviram para exacerbar individuos menos reflectidos augmentavam, em Evaristo, a consciencia de ser calmo.

A noite de 8 de novembro de 1832 preparou-lhe a tentativa de morte. Estava o grande jornalista em sua loja, cercado de amigos, quando tres tiros que lhe foram dirigidos conseguiram feril-o de leve.

Ninguem lhe viu a physionomia contrahir-se; quando appareceu, momentos depois, por trás da cortina pobre, disfarçava, com um sorriso de forte bondade, a emoção de julgar-se victima, apertando carinhosamente a mão dos proprios adversarios, que, em romaria, depositavam no humbral da casa á antiga rua

dos Pescadores os cumprimentos pelo triumphar sobre a perfidia.

Cercado por uma alta admiração, coube-lhe o papel de assegurar, pela habilidade, os actos da aggressiva actuação do Regente. Um grande partido se levantava contra o governo do Prelado hispido e orgulhoso; esse partido se teria desfeito com a influencia da mysteriosa sympathia de Evaristo; mas a sua viagem a Minas, o seu soffrimento, a sua morte em abril de 1836 fizeram com que a irrupção da tremenda hostilidade de Bernardo de Vasconcellos deslocasse, deante da maioria parlamentar, o capitel da gloria amarga de Feijó, sem a *cariatide* que o sustentava com o poder subtil de amainar-lhe os impulsos.

Eu admiro esse Evaristo cujo nome escolheu o sr. Ruy Barbosa para patrono de cadeira na Academia de Letras: esse homem, de simples livreiro, chegou a director de opiniões, no Imperio; constituiu regencias, designou ministros e recusou, principalmente, o exercicio de qualquer funcção administrativa.

"— Eu não careço do governo para nada, affirmava elle. Não sou homem de ninguem. O governo não me fez beneficio algum e, se quizer fazer, eu o rejeito." Havia qualquer coisa de symbolico na sua dedicação á causa publica.

Depois do mais alto destaque na tribuna parlamentar, vinha elle, despido de qualquer prerogativa com que se empavonam hoje pretensos homens de Estado, continuar o negocio paterno da livraria.

De pequenos contrastes como esse é que se formam as mais nobres existencias.

Com que adoravel serenidade esse homem que transigiria, talvez, no preço de livros caros, á mesa de belchior instantes depois fazia transigir assembléas, a um sorriso mais apurado de sua elegante e conversivel dialectica...

Oswaldo Orico.

("Correio da Manhã").

DIA DOS JUDEUS

O estrangeiro que visitasse hoje Nova York de passagem, ficaria tendo da cidade uma ideia falsa. O aspecto geral do centro e dos bairros é differente em tudo do dos outros dias. A Broadway está deserta, toda a cidade commercial silenciosa. A multidão incansavel, que se atropela quotidianamente por estas poeirentas vias de communicação, desappareceu. Do 56.º andar do Woolworth Building, encostado ao peitoril de uma janella que dá para Broadway, olho a cidade immensa e despovoada, como se por aqui andasse uma pandemia assoladora, egual á que esvasiou de um momento para outro as ruas do nosso Rio, ha quasi dous annos.

E' que os judeus celebram hoje a sua festa, e os judeus são innegavelmente a maior parte da população de Nova York. Nesta Babel contemporanea se misturam todas as raças e se falam todas as linguas. Os povos mais longinquos e mais exoticos têm aqui representantes numerosos: os persas, os hindús, os chinezes, os russos arranjam-se em suburbios, onde vivem a gosto entre peculiaridades e habitos nativos. Na "China Town", ha casas de madeira, rebrilhantes de crystaes, forradas de esteirinhas e a cujas portas balançam cortinas de papel: ha theatros, onde se escuta o chinez, de cócoras conforme os costumes do Celeste Imperio; ha restaurantes em que se comem rãs, lagartixas e ninhos de andorinha. Todos os povos se accommodam nesta cidade babylonica, todos, mas nenhum tão bem como o judeu, cuja colonia, outr'ora insignificante, é agora innumeravel e poderosa, cada vez mais temida por causa do seu crescente açambarcamento tentacular do commercio do grande emporio. Os outros povos têm os seus bairros quasi á parte; os judeus invadiram todos os bairros. Até no Riverside, ha judeus que ostentam as suas residencias sumptuosas ao lado dos palacios dos millionarios americanos.

Hoje, dia dos judeus, a cidade ficou deserta, porque elles se recolheram ao interior de suas casas ou resam nos seus templos, que são incontaveis em Nova York. A Quinta Avenida, ao contrario das outras grandes ruas, regorgita de pessoas, entre as quaes não se encontra uma com o typo caracteristicamente norte-americano. Todos os narizes parecem moldados na mesma fôrma que delata de prompto a energia e a ambição da velha raça. Na Quinta Avenida se erguem muitos templos judaicos, e este povo nada mais

faz do que sair de um para entrar em outro.

A' tarde, fomos a uma festa de judeus. Por todos os cantos do vasto recinto, havia gente e todos ouviam, contrictos, a "Elegia" de Massenet, a que adaptaram uma oração judaica, que era cantada maravilhosamente, por um velho de longas barbas grisalhas que se fazia acompanhar por um violinista joven. A voz cheia e clara daquelle homem, repassada de uma grande uncção religiosa, enchia a vastidão do recinto. Não escutára eu nunca a "Elegia" maravilhosa, cantada com tão alto poder de expressão commovedora. Vim a saber depois que o velho, um dos chefes da seita em Nova York, era considerado tão grande cantor que varios empresarios já lhe haviam offerecido fortunas para que elle cantasse na opera lyrica. O rapaz, que o acompanhava condignamente ao violino, era seu filho.

Partimos ao anoitecer e caminhamos ao longo do Parque Central de Nova York. Afundámo-nos, depois, num "subway" e fomos saltar em Times Square. Este largo, juncção de ruas principaes, movimentadissimo a qualquer hora do dia ou da noite, largo a que o americano chama o coração do mundo, porque é o coração de Nova York, não tinha meia duzia de trauseuntes. O jornaleiro que deante do edificio do "Times", não dispõe nunca de tempo para servir a leva dos compradores apressados, dormitava socegado junto ás pilhas intactas das folhas da tarde. Os grandes annuncios luminosos, que neste logar são deslumbrantes, brilhavam em vão para as ruas vasias.

Onde estão os norte-americanos e todos os que em Nova York não são judeus? A cidade tem milhões de habitantes de outras raças, mas onde se esconderam elles?

Temos de reconhecer que a numerosidade e a força dos judeus vão aqui num crescendo assustador. Assustador, para os norte-americanos que os desprezam, e temem a potencia do seu ouro. Sobrios e intelligentes, esses trabalhadores infatigaveis dominam a pouco a pouco a riqueza commercial da cidade. Já se apoderaram de importantes centros fabris e são hoje quasi os unicos senhores da Wall Street, a arteria financeira dos Estados Unidos.

Apezar de tudo isto, repudiam--n'os aqui. Talvez mesmo por tudo isto. Muito embora as mulheres judias tragam antiga fama de belleza, os norte-americanos puros não venceram ainda a repugnancia de, por meio do amalgama da familia, quebrar através das gerações os velhos odios de raça.

A verdade é que, se aqui ha, como dizem, uma Judéa moderna, ella está separada dos naturaes do paiz por uma intransponivel barreira de ordem moral. Mas é preciso concordar em que nada melhor se justifica do que a escolha desta cidade pelos judeus para seu centro de actividade e desenvolvimento: os judeus foram sempre o povo da barganha, do commercio, do negocio, do dinheiro, em summa, e, á claridade do raciocinio, não podemos achar outro pedaço de Terra que mais lhes convenha do que a cidade de Nova York."

Gomes Leite

(Do "Imparcial").

SEIS VARIAÇOES SOBRE PASCAL

(Do livro inedito "Barbaria")

Pascal é um dos mais lastimaveis homens da *civilisação,* porque estando quasi a abrir os olhos, sentindo que a razão lh'os abria ao mundo, voluntariamente os cerrou mais, soffrendo.

Eis alguns exemplos:

a) Elle enxerga bem que magistrados e medicos se valem de garnachas, becas, borlas e capêlo, das *exterioridades,* para engazupar o povo (*ils n'auraient jamais dupé le monde*). Entretanto, exceptua dessa casta o rei francez, dizendo que não procurára taes disfarces, pois tinha a força real de alabardeiros, tambores, guardas e cornetas. Com essa ostentação apavorava os mais seguros, não precisando assim de recorrer ás roupas. E Pascal não quiz ver que os impostores móres são os reis com sua presumpção de origem divinal, seus thronos, seus palacios, sua autocracia, modos e meios todos de illudir a massa, offuscar-lhe os olhos e extorquil-a mais a gosto.

b) Num dos seus pensamentos Pascal

affirma que o *habito* é a nossa natureza: "Quem se habitua á fé acredita nella e não póde deixar de temer o inferno e não crê noutra coisa."

Natural seria concluir pela vacuidade da fé, sua vaidade e a insania com que morrem muitos pela fé, *por um habito.* Essa premencia do habito, Pascal a mostra constrictora, tyrannica. Formam-se por ella, profissionaes, sem attenção ás vocações e, por habito, se aferram na rotina e no atrazo. "Coisa lamentavel, escreve elle, é vermos tantos Turcos, tantos hereticos e infieis seguir a rota de seus paes pelo só motivo de lhes terem prevenido ser o melhor aquillo..." Pasmosa coisa não haver Pascal volvido os olhos para si mesmo e perguntado: "E eu? Não serei christão sómente porque meus paes me preveniram ser o christianismo a melhor crença?" Houvesse elle feito essa applicação do seu principio, teria, sem nenhuma duvida, operado em si mesmo uma revolução completa, haveria deslocado o christianismo da sua fixidez central para mettel-o na dansa peripherica das religiões em torno da cegueira humana. Que Pascal nos surgiria dessa viravolta!

c) "O homem, diz elle, é visivelmente feito para pensar; é toda a sua dignidade; e todo o seu merito, e todo o seu dever é pensar como convem." Admiravelmente expresso. Apenas esse ultimo *convem* no espirito de Pascal differia profundamente de todo o resto. A primeira condição de bem pensar, de pensar dignamente é ser livre. Quem não raciocina por si mesmo não pensa, repete lição alheia. Temos de formular, nós mesmos, nossas hypotheses, combinar dados, verificar provas, com a serena imparcialidade do excursionista ao interpretar a geologia das regiões. Pascal devia ter sentido, elle que possuia os dois espiritos, de *finura* e de *geometria,* a indignidade que é pensarmos sob medida, como se faz roupa ou sapato. Quando raciocinamos ou pensamos em mathematica procedemos por um caminho achado pelos geometras, mas livremente achado, sem mentor a nos vedar desvios e ascensões. Nós mesmos somos livres de negar, por nossa conta. Euclydes e crear, com Lobatchewsyi, uma geometria nova; podemos inventar problemas, vingar abysmos, sem ama ou tutor. Pois o geometra, habituado ás longas viagens, se embridava, como potro chucro, ás redeas escolasticas, á philosophia *sob medida,* feita em Roma, inçada de regritas e dogmas ruins. Não se lhe nota o menor gesto contra a servidão, e pesa não lhe ouvir a voz de leão amuado: "Olá, eunuchos, quero pensar em Deus e no além-tumulo com a mesma semcerimonia com que penso em secções conicas, na cycloide ou na machina de calcular. Reivindico a liberdade de insurgir-me contra a Biblia, Santo Agostinho e os concilios, como livre sou de oppôr-me a Pythagoras ou Hipparcho."

E tal contraste num grande duvidoso! num cerebro cuja creança era martyrio da razão, dôr intima de quem não logra ver o campo alegre por lhe haverem posto antolhos pretos.

d) Em Pascal foi tão rude a pressão do preconceito que o forçou á indignidade maxima: reduzir a fé a uma questão de *perde-ganha.* Elle mesmo o diz sem rodeio ou euphemismo: "Il se joue un jeu á l'extrémite de cette distance infinie, oú il arrivera croix ou pile." E a quem lhe objecta ser mais razoavel não apostar, pois, segundo elle, não podemos nunca demonstrar se Deus existe ou não, retruca: "Sim, mas temos de apostar, não por vontade, mas forçados. Qual escolhereis? Examinemos. Pois tendes de escolher vejamos o que vos interessa menos. Ha duas coisas que perder: o *verdadeiro* e o *bem* e duas coisas que arriscar: vossa razão e vossa vontade, vosso conhecimento e vossa bemaventurança; e vossa natureza tem duas coisas que evitar: o erro e a miseria. Vossa razão não se melindra mais, desde que tem de escolher forçosamente, com preferir um a outro. Eis um ponto liquidado. Mas, vossa bemaventurança? Pesemos a perda e o ganho, escolhendo a cunha em como Deus existe. Apreciemos os dois casos: se ganhardes, ganhareis tudo, se perderdes, não perdereis nada. Apostae, pois, que elle é, sem hesitação."

E' ou não pungente ver Pascal envilecer assim o seu fundamental problema de ser pensante? E' que Pascal sotopuzera o seu ajuizamento ao preconceito religioso, humilhára o seu espirito de geometria, espirito essencialmente barbaro, ao civilisado espirito theologista, e, como aquelle protestava indignadissimo contra o açamo

do segundo, o christão, selvagemente, parricidamente, o suffocava com o pavor fantastico do inferno, e o subornava com o dilemma desse perda-ganha ignobil.

e) Obsedado com a *vaidade* das coisas, suppõe Pascal o amor *vaidade,* coisa vã, sem ver que é um processo natural, processo divino, se a natureza vem de Deus. Por isso diz: "Quem desejar conhecer a fundo a vaidade humana considere as causas e os effeitos do amor." E cita como causa o *je ne sais quoi* de Corneille. E os effeitos? Formidaveis, capazes de revolver a terra, principes, exercitos, o mundo! E lhe cae da perna a phrase celebre: "Le nez de Cléopatre: s'il eut été plus court, toute la face de la terre aurait changé." Pascal chegou á bocca da caverna, viu-a e não soube gritar: *Sésamo, abre-te!* Mais curto ou mais comprido, nada adeantaria aos homens o nariz de Cleopatra ou os labios da Pompadour. Cleopatra, a Pompadour, Phrynéa ou Ninon passam pela vida como espumas á flôr d'agua. Saltaram na escarcéo mais alto que as outras bolhas, mas foram inconscientes, incapazes de mudar o sentido e o arrojo das correntes. Pascal viu a bolha iriada, mas não quiz fitar a corrente funda, determinante, secular. Bastar-lhe-ia ter-se interrogado: "Que succederia ás instituições romanas se não tivera havido Cleopatra? Evitar-se-ia o imperio? Teriam findado os publicanos? Impedir-se-ia o syncretismo religioso? Conjurar-se-ia a dictadura militar? Extinguir-se-ia a miseria publica? Libertar-se-iam os escravos?" Essas interrogações levariam talvez Pascal á comprehensão do desvalor historico das michelas coroadas ou sem corôa. Influiram certamente na arrebentação das vagas, na altura dos borrifos, na apparencia da maré, nos seus aspectos exteriores, mas não influiram na maré mesma e muito menos no sal das aguas ou na acção do sol. E, paraphraseando o *Ecclesiastes,* clama: "Quem não vê a vaidade do mundo é, de si mesmo, vão." Ora, a unica vaidade do mundo é a existencia fóra do mundo. Os mundos ephemeros são a realidade unica do mundo eterno, porque são as manifestações, *os modos de ser* da substancia cosmica, da *energia* universal. A Terra não é vaidade, pois é condição da existencia infinita fragmentada. Eu não sou vaidade por ser condição do infinito, pensante e sentiente. No ephemero e fragmentario só ha vaidade quando esse ephemero se diz eterno e esse fragmento se diz Todo: vaidade dos que se crêm excepção, eleitos, filhos de Deus. Só não são vaidade os *filhos do homem.* Esses não pensam na resurreição em Josaphat, nem na vida celeste em corpo e alma, para gozo eterno. Grandes sybaritas e hypocritas da renuncia!

f) Pascal comprehendeu perfeitamente que a crise humana é uma crise historica, secular e não actual. Firmou como determinante das acções humanas a procura da felicidade, demonstrando que todos os nossos actos de argonautas tendem para essa Cólchida. Acceitou, dess'arte, o egoismo como base da moral. Verificou ser na Terra sonho inatingido esse da Felicidade, porque todos se queixam da fortuna. "Entretanto, desde tantos annos, jamais alguem chegou, sem a fé, ao ponto a que todos visam continuamente. Queixam-se todos: principes e subditos, nobres e villões, velhos e jovens, fortes e fracos, sabios e ignorantes, sãos e doentes, de todos os paizes, de todos os tempos, de todas as edades, de todas as condições."

E Pascal ousa perguntar: "Que nos ensinam essa avidez e essa impotencia?" Grande pergunta para um crente! Parou junto da escada, mediu a enormidade da ascensão sem que o tentassem todos os lampadarios multicoloridos do verdadeiro Templo de Minerva. Teve a covardia de não confiar nas proprias pernas e de ouvir a voz agonica da theologia a bradar-lhe um *não subas* miseravel. Voltou para a theologia e esperou della a resposta a uma pergunta sua, sua maior pergunta, feita no sanctuario da sua duvida, a que elle proprio devia responder errado ou certo.

Eis a resposta ouvida: "E' que, outrora, houve uma felicidade verdadeira no homem, de que lhe restam agora a marca e um laivo inteiramente vãos e cujo vacuo elle tenta inutilmente encher com tudo o que o cerca, rebuscando nas coisas absentes de um soccorro inencontravel nas presentes, mas todas incapazes de tal fim, porque esse infinito abysmo só se lograria encher com um objecto infinito e immutavel, isto é, com o proprio Deus."

Resposta para jansenistas! Pascal ouve a resposta, mas seu espirito de geometria não se contenta com essa explicação onde a *hypothese* (a felicidade de *outrora*) assume o logar da *these* e das *premissas*: *procuras a felicidade* (premissa maior); *não a encontras hoje* (premissa menor) logo *houve uma felicidade anterior de que tua ansia actual é vestigio apenas* (conclusão, these). E ao mesmo tempo a hypothese é dada como razão da primeira premissa e determinante da segunda.

Essa ignominia syllogistica bateu no cerebro do geometra como vagalhões em fragas brutas. E elle accrescentou para remediar o irremediavel: "Outros que mais se approximam delle (do verdadeiro bem) consideram necessario que o bem universal, desejado de todos os homens, não seja nenhuma dessas coisas particulares que não podem ser possuidas senão por um só e que, sendo repartidas, affligem mais o possuidor pela falta do quinhão que lhe não coube do que o alegram com o fruimento do que lhe adveiu. Comprehenderam que o verdadeiro bem deveria ser tal que todos o pudessem possuir de uma vez, sem diminuição e sem inveja, e que ninguem o pudesse perder contra a von-

Agora sim, meu bom Pascal, viraste as costas aos theologos, bradantes e clamantes, e estiveste a pique de te alares ao Templo Illuminado, sem cansares os gemeos na subida. Mas, não quizeste ceder aos beijos da verdade sussurriante e, apostado em concertar teu espirito de geometria com o raciocinio esgulepado dos theologistas, referiste aquelle *bem* a um Deus, *indemonstravel*, segundo affirmas.

Disseste em summa: não podemos achar o bem nas coisas particulares, que pertencem a um com exclusão dos outros, na *propriedade privada;* logo, temos de procural-o no geral, no que possa pertencer collectivamente a todos, sem *diminuição* e sem *inveja* e, sobretudo, sem usurpação. E através dos oculos monochromos e convergentes do christianismo não viste senão a *palavra* Deus, a *hypothese* Deus, a *indemonstrabilidade* Deus, a *Maior- Vaidade* Deus, que satisfizesse aquellas condições do Bem humano. Procuravas agua, achaste o corrego, mas preferiste a zurrupa com rotulo vistoso e... mentiroso.

José Oiticica.

("Correio da Manhã").

DE GRAMMATICA E DE LINGUAGEM

Meu querido Mario Barreto. — A cada artigo que V. publicava na "Revista de Lingua Portugueza", em resposta a consultas sobre vernaculidade, lhe dava eu os parabens, pela forma exhaustiva com que tratava cada ponto, e pelo serviço prestado aos estudiosos com resolver-lhes todas as duvidas atinentes á boa linguagem, como só os mestres, de verdade, o podem fazer, com grande cabedal de sciencia e de documentação.

Muitas vezes lhe fiz sentir quanto me maravilhava que, em assumpto de tanta aridez pudesse V. encontrar amenidades de estylo, por maneira a convencer pelo exemplo a quem o ler que a arte de escrever — se não aprende com os grammaticos mas com os bons escriptores.

Agora que V. acaba de me obsequiar com aquelles artigos enfeixados em volume, sob o titulo "De Grammatica e de Linguagem", quero agradecer-lhe muito do intimo, a fineza, e retribuir-lh'a com repetir, em cada classe, aos que me escutam aquelle periodo de muito sábia doutrina que se lê á pag. 74 do 2.º volume, em que, a proposito da expressão "fazer pedaços", concentrou a essencia de toda a sua obra:

"Será esta a analyse da phrase? Não se me dá que seja. Fujo do caminho de alguns grammaticos que se empenham em encerrar nos estreitos moldes da analyse a admiravel complexidade do idioma e fulminam severos anáthemas contra tudo o que se não encaixa nos taes moldes. Não submettamos a um minguado criterio de philosophia facil a subtilissima philosophia da linguagem. Não rejeitemos, por não estarem de accordo com os processos da analyse, mais ou menos convencional, formas e locuções que o uso geral sancionou, nem as queiramos emendar por "absurdas, incorrectas" ou "illogicas." O essencial é sabermos se é ou não portugueza uma dada locução."

A proposito de estrangeirismo diz V. á pag. 216 do mesmo volume:

"Em materia de gallicismos, todos peccamos, porque os mamamos com o leite. Ainda sabendo que são gallicismos elles escorrem-nos pela penna, sem darmos fé. Nem os escriptores mais puros logram livrar-se do extenso contagio francez que

nos rodeia. Não podemos ser inimigos systematicos do gallicismo. Alguns são necessarios, e outros, menos uteis, estão já tão diffundidos que hão de sobreviver aos furibundos puristas que os condemnam."

Não pode haver a menor duvida. Neste particular, eu vou mais lange que V. na tolerancia (?) para com os vocabulos vindiços. Ha meio seculo já os meus mestres na pingada do Filintho, do cardeal Saraiva e de outros, proscreviam como francesismos abominandos vocabulos e expressões que vingaram, que ahi viçam, e que, no dobrar de cincoenta annos, muito têm contribuido para a plasticidade do nosso idioma.

O que não pode deixar de nos doer a quantos prezamos a nossa lingua é ver que escriptores noveis pretendam disfarçar com o emprego de locuções estrangeiradas e de boleios de phrase alienigenas a ignorancia do portuguez elementar e a inópia do vocabulario.

Que, emquanto a mim, reputo improficuo todo esforço de um docente que se não limite a apontar aos seus discipulos os mais perfeitos modelos de linguagem, não para que os decalquem ou os imitem, mas para que nelles aprendam a revestir com elegancia o pensamento que, sem quebra da personalidade, verdadeiro cunho das obras de valor, é natural se não resigne a trajar no primeiro quartel do seculo XX que atravessamos, nos apertados moldes dos tempos que lá vão.

Demais, muito bem sabe V. que nenhum mestre tem o poder de retardar ou de accelerar a evolução de uma lingua; muitas vezes terá repetido aos seus ouvintes que a transformação se opera inconscientemente, através dos tempos, e que, lenta ou precipitada, não ha contrarial-a.

O que os seus livros têm de excellente, acima de tudo, é, porém, deante dos olhos dos que aprendem formas divergentes da syntaxe portugueza abonadas por escriptores incontestados, cuja maneira de escrever, discrepante, com frequencia dos canones grammaticaes encontra sempre explicação adequada em phenomenos inherentes ao espirito humano e que a sciencia domina "catacreses", "silepses", "contaminações", "repulsas", "absorpções", etc.

Depois de nós, outros virão que, por sua vez, sanccionem modos de dizer que, no momento actual, se nos afiguram libertarios.

E o mundo proseguirá na sua trajectoria, indifferente a contendas de grammaticos, que não impedirão se produzam, em cada seculo, algumas obras geniaes de uns entes privilegiados que nem sequer pensaram, alguma vez, na existencia dos codigos com que os litigantes se autorizam.

Muito util e interessante é o capitulo, com que abre o seu livro: "Das Traducções." Infelizmente não aproveitará ao maior numero dos que se dão a transportar para a nossa lingua obras de autores estranhos, forçados, pelas exigencias da collaboração nas folhas diarias, a traduzir, á toda a pressa, quando o não fazem por encommenda de editores pouco escrupulosos que "n'y regardent de trop pres", ou, como V. diria, fazem vista grossa.

Oxalá appareça breve a primorosa tradução das "Lettres Persanes", de cuja leitura antecipada o meu amigo me deu a honra, e que outras se lhe sigam de sua lavra, para estimulo dos que se entregam a esse ramo de actividade literaria.

Não porei ponto neste arrazoado sem lhe significar quanto me sensibilizaram as enaltecedoras referencias ao cathedratico de portuguez do Internato de Pedro II, luz bruxuleante, em meio a tantos luminares da sciencia e da arte que constam a sua obra; pela qual o felicite, de todo o coração.

Silva Ramos.

("A Patria").

DEBATES E PESQUIZAS

CEM ANNOS DE THEATRO

Cem annos de theatro, é claro, não podem ser enfeixados nos estreitos limites de uma rapida noticia em que pretendemos apenas fazer um ligeiro resumo do que foi no Brasil a evolução theatral, desde o seu inicio até os tempos actuaes. Assim, colhendo o quanto nos foi possivel aqui e alli sobre o assumpto, formamos esta rapida nota sobre as origens e differentes periodos evolutivos do theatro brasileiro, pontilhada aqui e além de incidentes curiosos, theatro que, aliás, como entre todos os povos modernos nasceu no seio das egrejas.

Segundo Sylvio Romero "desde 1565, para catechese dos indios, delle largamente se serviram o padre Anchieta e os seus companheiros, fazendo representar os seus autos, em S. Lourenço de Nictheroy, em São Vicente, nesta capital e nos nossos sertões".

De então até os nossos dias a evolução do theatro no Brasil atravessou os seguintes periodos:

"I — Primeiros germens dramaticos sob a forma de autos, consagrados á vida dos santos, feitos pelos jesuitas no decorrer do seculo XVI.

II — Periodo verdadeiramente inicial sob o aspecto literario, no seculo XVII.

III — A comedia e a tragi-comedia, ao gosto do que se fazia em Portugal, no seculo XVIII.

IV — A tragedia ao gosto classico, com Alvarenga Peixoto e outros em fins do seculo XVIII e começos do XIX.

V — Primeiro momento de creação romantica, (1838-1850), com José Gonçalves de Magalhães, Martins Penna, Porto Alegre, Gonçalves Dias e outros.

VI — Segundo momento de creação romantica (1850-1870 e annos proximos) com Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Agrario de Menezes, Quintino Bocayuva, Machado de Assis e innumeros outros.

VII — Terceiro momento de creação romantica, e inicio de algumas tentativas naturalistas (1870-1900), com Oliveira Sobrinho, França Junior, Arthur Napoleão, Aloisio Azevedo, etc.

VII — Reacção idealistico-symbolista de Coelho Netto, com varios ensaios."

A esta divisão de periodos, feita por Sylvio Romero, podemos accrescentar as tentativas do moderno theatro de psychologia, levadas a effeito entre nós por Paulo Barreto, Roberto Gomes, Coelho Netto, Pinto da Rocha, Claudio de Souza, Abadie

Faria Rosa, Renato Vianna e tantos outros autores modernos.

Data de 1565, como dissemos acima, a fundação do theatro entre nós, com a representação do auto "Prégação Universal", do Theatro de Anchieta. Consistia, então, a scena num tablado enfeitado com folhagens a que serviam de panno de bocca duas cortinas vermelhas de damasco. E a "platéa" era então o terreno, tambem enfeitado e illuminado por achas untadas de resina.

Em S. Lourenço, o primeiro auto representado foi 'Mysterio de Jesus", a que assistiram tambem os nossos selvicolas.

Começou então o theatro a vicejar em varios pontos do nosso territorio, sendo representadas, além de outras peças, em Pernambuco, no anno de 1575. "O rico avarento" e o "Lozano pobre"; varias no Pará em 1677; e outras na Bahia, etc.

A primeira companhia com artistas brasileiros

Passado esse primeiro periodo dos autos de Anchieta, tomou o theatro maior impulso com a creação da "Casa da Opera", do padre Ventura, no largo do Capim, e, anteriormente, com a "Opera dos vivos", de que quasi não ha noticia. Não foi porém feliz a "Casa da Opera", que incendiou-se e a que succedeu a "Nova Opera", de propriedade de Manoel Luiz, dansarino e tocador de fagote, onde trabalhou então a primeira companhia de artistas brasileiros e estrangeiros, de cujo repertorio faziam parte as comedias de Moliére. Eram primeiras figuras do elenco, entre outras, Joaquim da Lapa, Mathilde Joaquina, José Ignacio da Costa, "Capacho", — que além de actor era poeta e major, do Regimento dos pardos.

Amparado pelos poderes publicos florescia o theatro a mais e mais até que agitações internas fizeram com que em 1775 cerrasse suas portas o theatro de Manoel Luiz.

Escoou-se então um largo periodo de apathia para a nossa scena, só revigorada mais tarde, em 1808, com a chegada ao Rio da Côrte portugueza, de d. João VI.

O Theatro S. João, hoje São Pedro

Os esplendores da realeza, as necessidades da população excedente e o desejo de dotar a cidade de um theatro digno do seu desenvolvimento, fizeram com que d. João VI proporcionasse a construcção de um grande templo de arte no Largo da Sé Nova, "servindo para dar começo aos alicerces a cantaria de um chafariz do Largo do Capim e os grossos blocos destinados a uma cathedral que se estava edificando, sendo a construcção feita de accordo com o plano organizado pelo marechal de campo João Manoel da Silva. E a 12 de Outubro de 1813 ahi se dava o primeiro espectaculo em homenagem ao anniversario do rei, recebendo o novo theatro a denominação de *Real Theatro de S. João*. Se bem que muito pouco se conheça sobre esse espectaculo, sabe-se comtudo que foi elle realizado por uma companhia lyrica italiana e por outra dramatica.

Nove annos decorridos era proclamada a Independencia do Brasil, que hoje, precisamente, todos commemoramos.

E a 25 de Março de 1824, para solemnizar o acto do juramento da Constituição do Imperio, por d. Pedro I, realizou-se no "S. João" o primeiro espectaculo do primeiro imperio.

Foi levado á scena o drama sacro "A vida de Santo Hermenegildo". E, triste coincidencia, nesta mesma noite, findo o espectaculo, um grande incendio devorou o "Real Theatro S. João", de que só ficaram as paredes lateraes.

Uma pilheria foi a causa do sinistro

Diz o dr. Mello Moraes que o triste facto occorreu por uma pilheria entre os homens da caixa, sendo o incidente por elle assim descripto:

"Findo o espectaculo e descido o panno, quizeram os trabalhadores do scenario que o actor Antonio da Bahia, que fizera o protagonista, pagasse "patente" por ter sido a primeira vez que subira no balancim, imitando a ascensão do Santo; o actor recusou, e vendo que não lhe arreavam o balancim, tentou saltar no tablado, mas, com o movimento que fez impelliu o balancim de encontro a um panno pintado com aguaraz que, encostando-se ás luzes ardeu logo, communicando o fogo ao scenario; tentaram os trabalhadores subir ao urdimento para abafar o incendio, porém repelliram-nos as chammas, o calor e a fumaça."

— As pedras da Sé! — bradou o povo, recordando-se que o theatro havia sido construido com as pedras destinadas á erecção da Sé.

Foi desde logo tentada a reconstrucção do theatro, que teve primeiramente preparado no salão principal um theatrinho com 24 camarotes, em duas ordens e 150 cadeiras, que prompto em tres mezes, teve realizado o seu primeiro espectaculo com a opera de Rossini — "O engano feliz", em espectaculo commemorativo do anniversario, sagração e coroação de d. Pedro I. Esse theatrinho foi então chamado "Theatro Constitucional".

E o ex-S. João, já então denominado em 1824 Theatro S. Pedro de Alcantara, nome que ainda hoje conserva, reconstruido, era franqueado ao publico a 22 de Janeiro de 1826, cantando-se nessa noite a opera "Tancredo", em espectaculo de gala por motivo do anniversario natalicio da princeza Maria Leopoldina. "O Constitucional" passou então a ser sala de concertos.

Por essa occasião existia tambem um theatrinho particular na praça da Constituição, entre as ruas do Cano e do Piolho, — o "Theatro do Placido", de propriedade de uma associação e frequentada pela primeira sociedade daquelle tempo, onde não tinham entrada senão pessoas conhecidas e de reputação reconhecidamente illibada.

Um monarcha quando ama é capaz de tudo...

O desapparecimento do "Theatro do Placido" prende-se a um incidente amoroso e violento, que foi divulgado nas chronicas do tempo e o facto de o relatarmos aqui não importa em uma irreverencia. Comtudo, deixemos a outrem a tarefa de o referir:

"Um dia, o imperador, que galanteava a Marqueza de Santos, fizera acquisição de dois camarotes e lhe offerecera um para o espectaculo. A marqueza, accedendo ao carinhoso convite, apresentou-se no theatro, sendo recebida no vestibulo pela commissão especial que, delicadamente, recusou-se a acceitar-lhe o bilhete.

Momentos depois, chegando o imperador, dirigiu-se aos camarotes e, não vendo a princeza, retirou-se precipitado, indo á sua residencia procural-a. Encontrando-a banhada em pranto, escutando-lhe a narrativa que a humilhara, d. Pedro I incumbiu a Placido Antonio Pereira de Abreu, que sem demora comprasse o theatro, seguindo-se á transacção o immediato mandato de despejo. Posta em pratica a terminante ordem, a empreza do theatrinho e os actores prorromperam em vaias e phrases de indignação, atirando pelas janellas espelhos, moveis, vestimentas e adereços de scena, que, levados ao campo de Sant'Anna, foram queimados em uma fogueira, junto aos cajueiros da egreja". E assim desappareceu o pobre theatrinho.

Ainda em 1826 fundou-se um theatrinho particular na rua dos Arcos, que durou dez annos.

Quanto ao S. Pedro, não ia bem. O publico enfastiara-se com o seu repertorio e desgostara-se com os cambistas, que já naquella época cobravam os camarotes, em recitas de gala, a 100$ e a 200$000.

E por causa de motins sangrentos, provocados pela abdicação, teve o theatro que cerrar mais uma vez as suas portas, a 7 de Abril de 1831.

O Theatro da Praia D. Manoel e a estréa de João Caetano dos Santos

Dissolvida, havia muito, a companhia do S. Pedro, um grupo foi trabalhar em Nictheroy, então Praia Grande, e outro adquirindo um terreno á rua do Cotovello edificou o "Theatro da Praia de D. Manoel", que foi inaugurado a 2 de Agosto de 1834, dia do anniversario da princeza d. Francisca, com o drama "Mysanthropia e Arrependimento". Esta casa de espectaculos, por força do contracto, passou tres annos e seis mezes depois a ser propriedade do Estado, recebendo em 1838 a denominação de "Theatro S. Januario". Estavamos já, então, na época da Regencia, que teve o seu primeiro espectaculo em 11 de Maio de 1831, no theatrinho da rua dos Arcos.

A 2 de Dezembro desse mesmo anno entrava em actividade novamente o Theatro Constitucional, onde se estreava uma companhia com os actores que estavam na Praia Grande, representando o drama "A reconciliação das duas tribus".

A essa companhia encorporara-se o genial actor João Caetano, que havia feito successo ruidoso em Itaborahy, no papel de "Carlos", do drama "Pedro, o Grande', sendo por isso saudado na noite daquella estréa por Porto Alegre e Joaquim Manoel de Macedo.

E iniciava-se para o theatro brasileiro o periodo aureo, que empallideceu com a morte de João Caetano, trinta e dois annos mais tarde, em 1863.

Em 1832 foi edificado o "Theatro do Vallongo" para João Caetano, que delle se passou mais tarde para o "S. Januario", tendo tambem trabalhado com a sua companhia, em Nictheroy em 1833. Tambem em 1832 um francez, ao que parece, M. Segond, edificou na rua de S. Francisco um theatro para exploração de companhias francezas.

Por essa época já o theatro occupava a attenção do legislativo, que concedia, a titulo de subvenção, varias loterias aos theatros do Estado.

O policiamento e a censura — o S. Pedro arde pela segunda e terceira vez

Vendo a empresa do "Constitucional" que o publico preferia frequentar o "S. Januario", onde trabalhava o grande João Caetano, comprou aquelle theatro pela quantia de réis 36:000$000. O theatro nacional não só nesta capital como nos Estados continuava a merecer a attenção dos nossos estadistas.

Modificado o "Constitucional" (S. Pedro), foi elle reaberto a 7 de Setembro de 1839. Representou-se a tragedia "Olgiato", obtendo João Caetano um grande triumpho.

Nesse mesmo anno, em 23 de Agosto, baixavam as primeiras instrucções sobre o policiamento dos theatros e mais tarde, (por decreto promulgado em 1845), era creada a censura dramatica.

Em 1851 arrendava João Caetano que se retirara do "S. Pedro", o theatrinho de S. Francisco, que em 1855 passou a chamar-se "Gymnasio Dramatico".

Em 1851 arrendava João Caetano o "S. Pedro", reabrindo-o a 12 de Março, com o drama "Lazaro, o pastor". E na noite de 8 de Agosto, após o espectaculo, ardia o S. Pedro pela segunda vez, perdendo-se no sinistro todo o archivo, onde figuravam, segundo Arthur Azevedo, obras inéditas de Martins Penna.

E o povo repetiu ao vêr do theatro, apenas, as paredes lateraes denegridas pelo fumo:

— Foi castigo; alli não deverão estar as pedras da Sé!

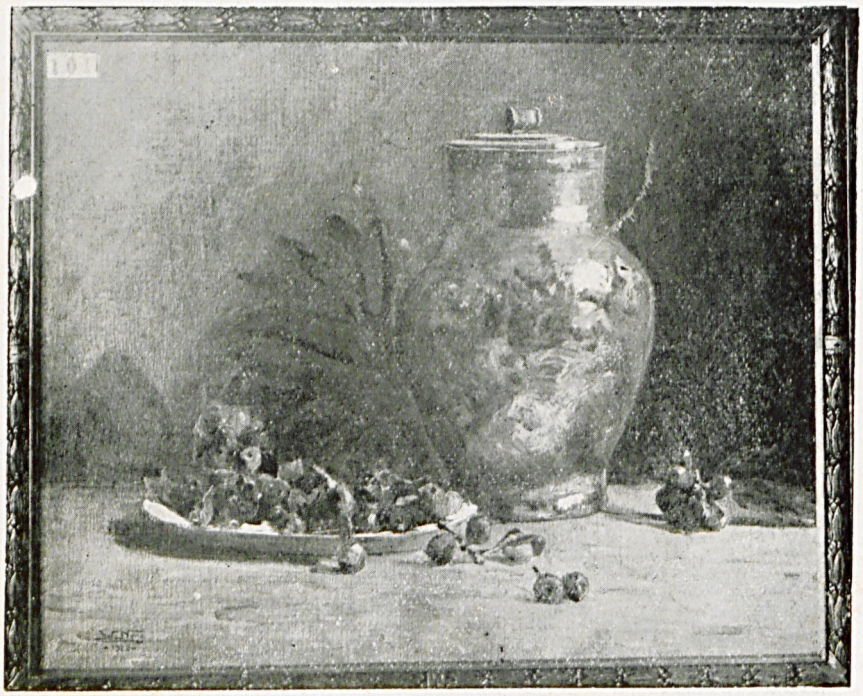
Resolveu-se João Caetano, — que então voltára ao "S. Januario" — sem esmorecimentos, a reconstruir o S. Pedro, que de facto, a 18 de Agosto de 1852, dava o seu primeiro espectaculo com o drama de Golzan — "O Livro Negro".

Vem a proposito relembrar aqui a inauguração, em 1852, do "Theatro Provisorio", na praça da Acclamação, mais tarde chamado "Theatro Lyrico Fluminense" e que durou 23 annos.

TARCILLA DO AMARAL — *Hespanhola*

VALDEMAR BELISARIO — *Meu pae*

BERNARDINO PEREIRA — *Inspiração*



A. DEL NERO — *Ameixas*

Na madrugada de 27 de Janeiro de 1855, era de novo o S. Pedro presa das chammas, após a realização de um espectaculo em beneficio da actriz Isabel Maria Nunes.

"O povo, aterrado por esse medonho espectaculo que, no espaço de 32 annos se repetia pela terceira vez, não sabia se devia considerar o fogo como um castigo, uma fatalidade ou um crime."

E, passado o incendio, só restava o esqueleto do theatro.

No Rocio, emquanto lavrava o incendio, João Caetano, cercado de populares, arrancava os cabellos, proferindo exclamações de desespero e mágoa, quando o marquez do Paraná, poisando-lhe a mão no hombro, segredou-lhe:

— Tranquilliza-te: o "S. Pedro" será reconstruido.

E de facto, mais magestoso que nunca, o theatro resurgiu, sendo inaugurado a 3 de Janeiro de 1857, com o drama "Affonso Pietro" e o "vaudeville" — "Ketty, ou a volta á Suissa".

João Caetano, victoriado delirantemente pelo publico, recebeu nessa noite, presentes valiosissimos.

A scena lyrica e o theatro normal

Nesse anno, mais que o theatro dramatico, começou a merecer as melhores attenções dos poderes publicos a scena lyrica no Brasil, iniciada sob os melhores auspicios, alguns annos antes, no 'Provisorio", depois no "Theatro Lyrico", approvando o Legislativo os estatutos da "Sociedade Nova Empresa Lyrica" e da "Imperial Academia de Musica" e "Opera Nacional"; concedendo favores pecuniarios á "Opera Lyrica Nacional", etc.

Em 1873, o deputado Cardoso de Menezes, (Barão de Paranapiacaba) apresentou á Camara um projecto, creando na Côrte um Theatro Normal, que autorizava o governo a gastar 500:000$000 na construcção de um theatro, sobre o conceder-lhe, para sua manutenção, 100:000$ em cada anno, pagos, como subsidio em prestações mensaes.

Esse projecto não frutificou. Entrando em discussão foi a mesma adiada... até hoje. Outras tentativas surgiram, posteriormente, em tal sentido, todas, porém, sem resultado, inclusive uma do dr. Affonso Celso em 1888. Tempos após era proclamada a Republica, entrando então o Theatro Brasileiro na sua phase de maior decadencia, que permanece até os nossos dias.

Os artistas estrangeiros que nos visitaram — Um grande concerto de Gottschalk

De 1830 a 1870, e em annos posteriores, varios artistas de nomeada e companhias de varios generos e nacionalidades visitaram esta capital e os Estados. Dentre tantos, citaremos, rapidamente, companhias portuguezas; a celebre cantora Candiani e sua 'troupe" lyrica, cujo éxito é ainda hoje lembrado; artistas como Rossi, Salvini, Ristori, Stolz, Tamberlick, Mirati, La Grua, Degean, De Lagrange, etc.; a Companhia Dramatica Hespanhola Adolfo Ribelle, de que eram parte o grande tragico Lapuerta e a actriz Maria del Carmen; e, finalmente, Furtado Coelho, Lucinda Simões, a quem deve o theatro brasileiro o seu brilhante periodo evolutivo, que se seguiu á época aurea de João Caetano, periodo que se extendeu de 1859 a 1893. Posteriormente vieram ao Brasil Rejane, Angela Pinto, Clara de La Guardia, Darclée, e todos os mais que temos applaudido nos nossos dias.

Impossivel é ainda deixar de assignalar a visita ao Brasil, por volta de 1852 e annos proximos, dos grandes pianistas Liszt e Thalberge Gottschalk, que se fizeram ouvir no "Provisorio".

"Ahi, — escreve um chronista do tempo — regeu Gottschalk um concerto verdadeiramente memoravel, de mais de trinta pianos, acompanhados por uma orchestra de 400 musicos!"

Evolução e decadencia do theatro no Brasil

Com a "Redempção", de Octave Feuillet, teve verdadeiramente inicio, em 1850, a evolução do Theatro no Brasil, accentuada definitivamente em 1852, quando foi iniciada entre nós a representação dos chamados "dramas de casaca". Surgiu Martins Penna e conquistou a platéa. E esse periodo de João Caetano, Furtado Coelho, teve rapida continuação no esforço inesquecivel de Dias Braga, cuja companhia, dirigida por elle e por Eduardo Victorino representou peças modernas de real valor. O "S. Pedro" com João Caetano, o "Gymnasio Dramatico" e o "Atheneu", com Joaquim Augusto, Furtado Coelho, Amoedo, Arêas, Vasques, Eugenia Camara, Lucinda Simões, Clelia e tantos outros, prestaram reaes serviços ao movimento evolutivo, que teve continuação ephemera em Dias Braga, e no esforço brilhante de um grupo de artistas em que fulguram Ferreira de Souza, Eugenio Magalhães, Mattos, Peixoto, Colás, Brandão, Machado (Caréca), Apollonia Pinto, Helena Cavalier, Balbina Maia, Cinira Polonia e mais modernamente Olympio Nogueira, Lucilia Peres e outros.

Por fim, accentuou-se a decadencia theatral, mais profundamente no periodo da Republica, cujos poderes não mais se preoccuparam com o theatro brasileiro, a não ser proporcionando tentativas ephemeras e consequentemente improductivas, em favor do reerguimento da scena nacional.

Essa decadencia — é doloroso dizer, mas é absolutamente verdadeiro, — assenta ainda hoje em tres causas principaes: na quasi ignorancia que, salvo excepções honrosas, campeia no nosso meio artistico; no mercantilismo das empresas theatraes e na incompetencia ou insinceridade da quasi maioria da critica.

Em um tal periodo "o theatro brasileiro ficou mais escuro...

E a treva cresceu...

E a luz apagou-se..."

A principio "a farça embotou e matou a comedia. O palhaço enforcou o homem de espirito. Arlequim fez achar insipido Tartufo!"

Depois "a licenciosidade matou o espirito".

E o theatro, isto é, a arte, tornou-se "uma traficancia, um negocio de balcão, uma feira de novidades, em que a imprensa faz de 'arlequim' á porta da barraca, annunciando e porfiando summidades, conforme a gorgeta dos contratadores".

O theatro no Brasil, após quasi um seculo de vida, reduz-se assim, hoje, ao theatro de importação, explorado pelas companhias que nos visitam annualmente. Theatro Nacional, o que em rigor se chama theatro, nós não o possuimos, actualmente, por falta de empresas que a elle se dediquem, ou do amparo constante e proveitoso do governo.

O. Q.

(D'"O Jornal")

O DESTINO DAS ELITES

A população do Brasil, durante a Republica, teve um augmento de mais de cento por cento: em 1890, tinha o paiz 14.333.915, em 1920 apurou-se 30.635.605.

O crescimento medio do trintenio foi de 546.389.

Na ordem da população, os Estados têm a seguinte collocação: Minas, (5.888.174); S. Paulo . . . (4.592.188); Bahia (3.334.465); Rio Grande do Sul (2.182.713); Pernambuco (2.154.835); Rio de Janeiro (1.559.371); Ceará . . . . . (1.157.873); Pará (983.507); Alagôas (978.748); Parahyba . . . . . (961.106); Maranhão, (874.337); Paraná (685.711); Santa Catharina (668.743); Piauhy, (609.003); Rio Grande do Norte (537.135); Goyaz (511.919); Sergipe (477.064); Espirito Santo (457.228); Amazonas, (363.166); Matto Grosso (246.612) e o Acre (92.379).

As capitaes, pelo vulto de suas populações, ficam na ordem de-

crescente: Capital Federal, São Paulo, S.. Salvador, Recife, Belém, Porto Alegre, Nictheroy, Curityba, Fortaleza, Manáos, Maceió, Therezina, Bello Horizonte, Parahyba, São Luiz, Florianopolis, Aracaju, Cuyabá, Natal, Victoria, Goyaz e Tarauacá.

Os dados acima respondem á "dolorosa" interrogação, que, por varios mezes, andou por toda a parte, a excitar a nossa curiosidade numa expectação enfermiça.

Somos, arredondando as cifras, trinta e um milhões, na actualidade, encarregados dos destinos de perpetuidade da raça e do desdobramento economico da grandeza do paiz. Não podemos fugir á finalidade desse destino, cujo exame e critica, no dominio das artes, das sciencias, da literatura, emfim, no campo de todas as actividades humanas, pertence aos nossos vindouros.

Ainda não se sabe, desses 31 milhões, qual o numero dos que lavram os campos e o dos que operam nas industrias; quaes os letrados e os não letrados, o que naturalmente só mais tarde poder-se-á conhecer. No bolo nacional, ha a computar os que governam e os governados.

Os poderes politicos do paiz são tres e os elementos de que se compõem, podem constituir o numero de governantes. Esse numero não é grande, o que afinal é um beneficio. E' que as elites são destinadas a mandar e dirigir. Entre os povos barbaros, como entre os cultos, o menor numero é sempre o orientador, por isso tambem as selecções das elites se operam, egualmente em relação a mesmo gráo de civilização.

O governo tende a se despersonalizar: quanto mais as organizações sociaes-politicas penetram o tempo, tanto mais o governo se desdobra e dissemina a autoridade.

O poder unipessoal dos tempos premedievaes, principalmente entre os romanos teve etapas curiosas: do rei ao decemvirato, do decemvirato ao consulado, do consulado ao triumvirato e depois aos cesares de que derivaram as reacções para a organização medieval. O que se vê nos tempos modernos é que o governo se subdivide porque as elites augmentam.

Nos paizes democraticos, o meio directo do cidadão intervir no governo é o voto; podemos verificar no nosso paiz, os que participam do governo, concorrendo com a sua vontade para formar o chefe de Estado.

Dos 31 milhões de habitantes do Brasil, são eleitores 1.316.840, assim distribuidos pelas unidades da Federação:

Minas (314.813); São Paulo . . . (164.234); Rio Grande do Sul. . . (153.825); Bahia (12,2.631); Rio de Janeiro (86.517); Capital Federal (70.102); Ceará (62.676); Pernambuco (58.746); Pará. . . . ((48.000); Maranhão, (32.216); Paraná (31.893); Santa Catharina (27.735); Parahyba, (27.071); Alagôas (21.528); Espirito Santo. . . (17.358); Sergipe, (17.247); Rio Grande do Norte (15.795); Piauhy (14.289); Goyaz (12.042); Matto Grosso (10.976) e Amazonas . . . (7.134).

São portanto, 1.316.840 os civicos que têm os requisitos legaes para fazer o nosso governo, contribuindo com as parcellas individuaes de seus deveres e direitos, que se representam por uma fracção de um e vinte e tres ávos da população: $\frac{1}{23}$

Esses é que estão nas condições legaes e constitucionalmente podem participar do governo. Vejamos, porém, os que de facto participam. Em todo o territorio da Republica, accorreram ás urnas no dia 1.º de março apenas 833.270 cidadãos, obtendo o candidato mais votado 491.509 suffragios e o menos votado 341.761. Apenas 63 °|° de eleitores cumpriram o seu dever civico, isto é, votaram.

Os cidadãos que votaram, em re-

lação á população representam a fracção de um trinta e seis avos: $\frac{1}{36}$ E' muito pouca gente, para fazer um governo.

Relativamente á população, o Estado que tem mais eleitores é o Rio Grande do Sul, 153.825, sobre 2.182.713; vem depois a Capital Federal com 70.102, sobre 1.157.873, depois Rio de Janeiro, Minas, Pará, Paraná, etc, e por ultimo Amazonas.

Póde-se ainda chegar a uma curiosa conclusão, qual a de calcular o coefficiente de analphabetismo, tendo por base o eleitorado. Para ser eleitor, a condição de saber ler e escrever é muito duvidosa; basta que saiba garatujar o nome. Entre os 1.314.840 eleitores, sem erro, 25 °|° sabem apenas escrever, ou melhor, "pintar" o proprio nome; estes tambem são analphabetos. Portanto, entre os proprios eleitores, 328.871 são analphabetos e os demais (985.969) têm a cultura variavel. Ora, o coefficiente eleitoral apresenta sobre a população a seguinte porcentagem, 4,298 °|°, sendo que 1,074 °|° é ainda analphabeto e 3.224 °|° são "alphabetos".

Dados estes coefficientes, é de facto dolorosa a interrogação: mais de 20 milhões se compõem de analphabetos ou sejam 70 °|° da população. Acham que essa proporção é grande. Pois é pequena.

O destino das elites, em relação a governantes e governados, no Brasil se reduz ás seguintes formulas: 21.444.923 de individuos pouco ou quasi nada sabem de seus deveres e direitos civicos e delles não procuram saber; 6.653.991, sabem alguma coisa e podem se fazer eleitores porque "pintam" o proprio nome: 2.587.391 sabem um pouquinho mais do que os outros, sendo que neste numero estão incluidos os "letrados".

Isto exposto, chegamos a este resultado: de 1.314.840 eleitores, apenas votaram 833.270 e fizeram governo 491.509. Temos, para finalizar, que a elite brasileira equivale a um trinta e seis avos dos . . . . 30.635.605 habitantes. Ou a selecção é rigorosa ou somos ainda muito atrazados.

O que somos finalmente? Esta é a dolorosa interrogação.

Em resumo:

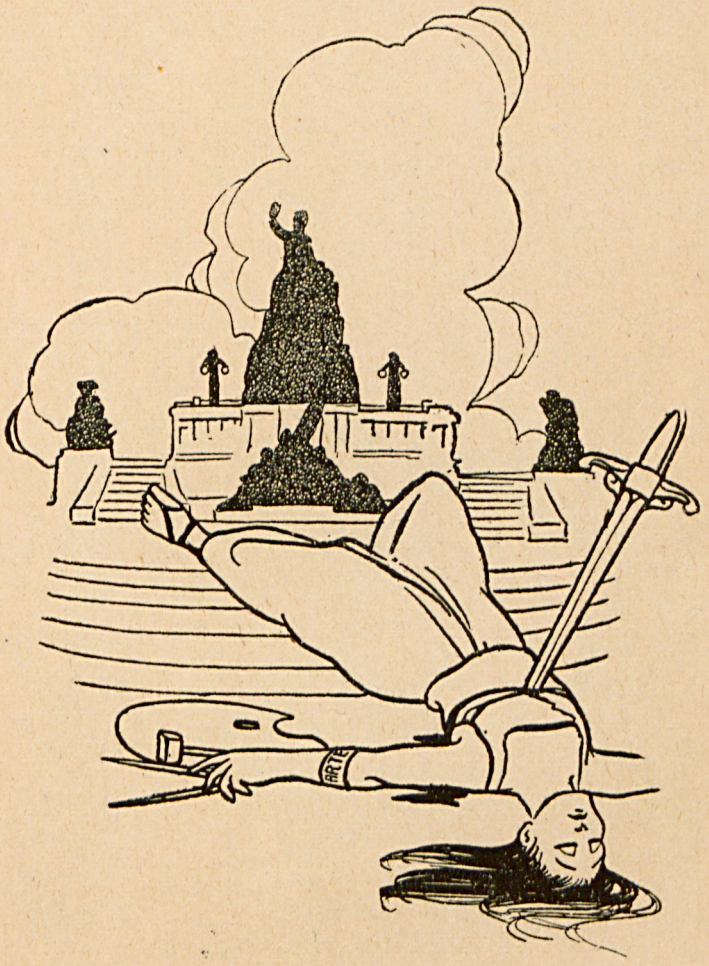
O Brasil tem 30.635.605 habitantes — O eleitorado 1.316.840 civicos, representa a força soberana da nacionalidade. No emtanto, no ultimo pleito, 1.°-3-922, só exerceram essa soberania 833.270 eleitores. Porém, só fizeram prevalecer essa vontade 491.509 que suffragaram o candidato victorioso. Tomando a população por um todo, temos as seguintes fracções privilegiadas: $\frac{1}{23}$ póde votar, — votou $\frac{1}{36}$ e cerca de $\frac{1}{70}$ é que votou efficientemente, do povo brasileiro.

(D'"O Jornal").

AS CARICATURAS DO MEZ

O MOSTRENGO A BILAC EM S. PAULO

"E se morreres, por ventura,
Possa eu morrer
Comtigo e a mesma noite escura
Nos envolver.
(Olavo Bilac) (Profissão de Fé)



Quem imaginaria vel-a, á Arte, assassinada, em "homenagem" ao egregio Poeta!

BELMONTE — (*D. Quixote*).

O TELEPHONE ALTO FALANTE

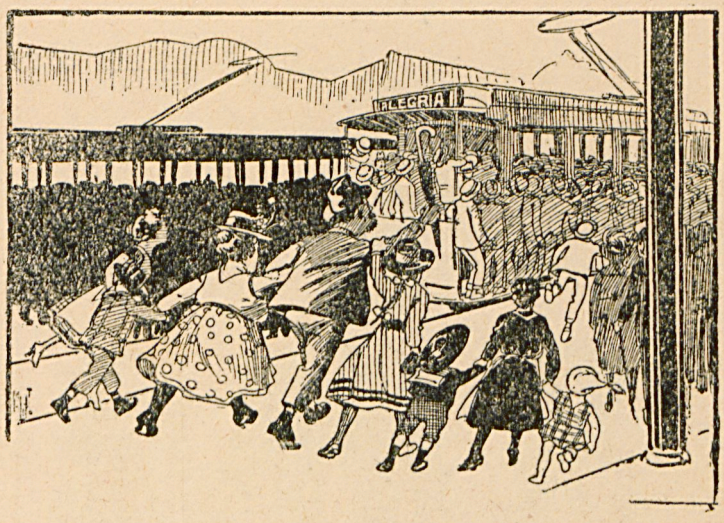
"Uma voz bem timbrada, forte, voz de barytono, gritava em inglez bem claro: One, two, three, four".

(De um jornal)

— Já perdi a esperança! Telephone aqui, é mesmo um caso perdido. Estão vendo este? Fala mas não se entende...

OSWALDO — *(D. Quixote)*.

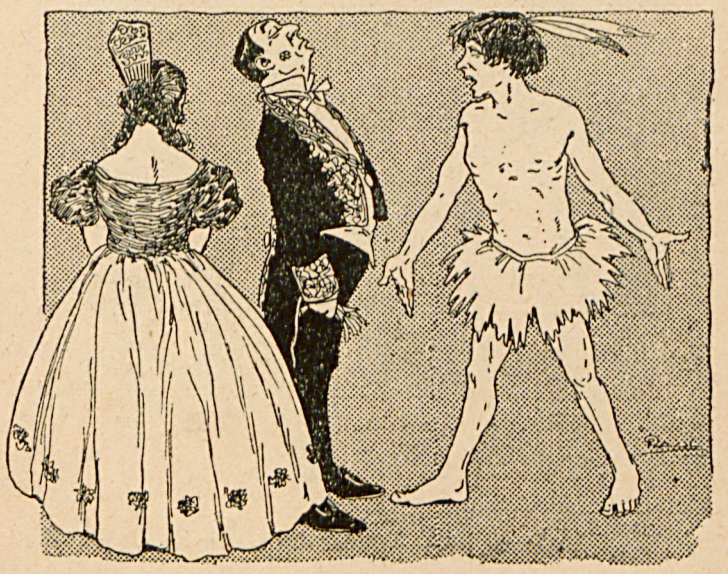
OS VISITANTES



O chefe de familia — Para o outro Centenario não me apanham! (Pilheria que o Centenario fez e que já fez centenario).

KALIXTO — (*D. Quixote*)

OS DONOS DA TERRA

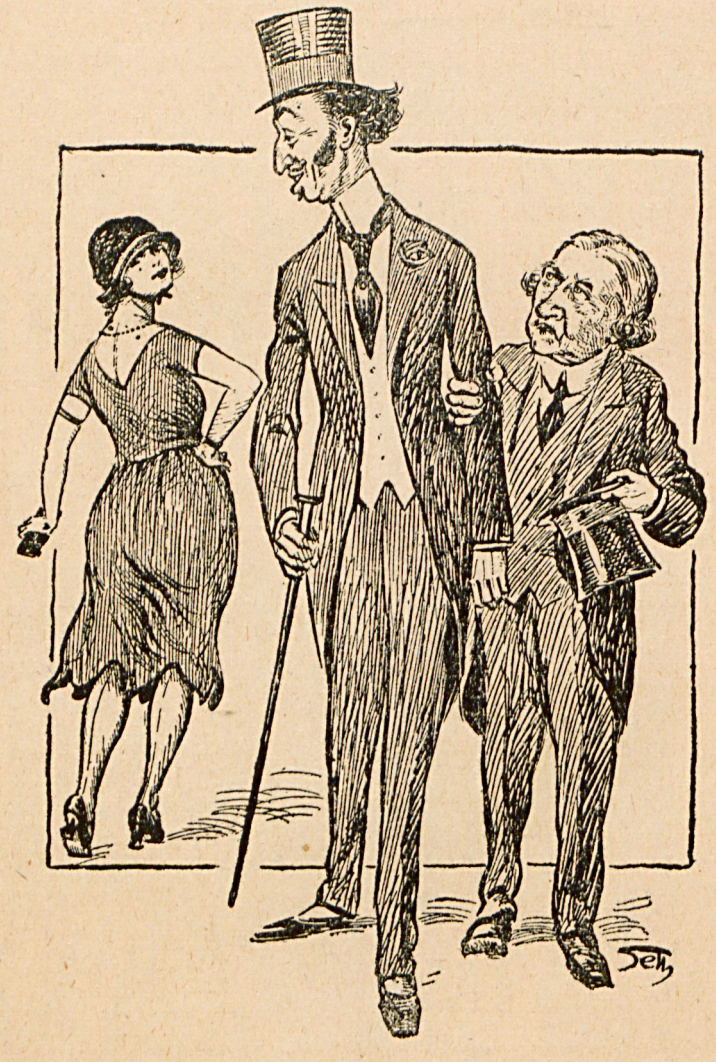


— Então, como é isto, seu Protocollo, nós, os verdadeiros filhos da terra, não entramos na festa? — De accordo com a d. Pragmatica, vocês serão expostos como typos . . . exoticos.

RAUL — (*D. Quixote*)

EM 1922

(SI OS MORTOS VOLTASSEM)



Bonifacio — Lembre-se, senhor d. Pedro, que não estamos mais em 1822!

Pedro — Por isso mesmo, meu caro José...

SETH — *(D. Quixote)*

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses – Brillants - Perles – Orfévreries - Argent – Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en Métal blanch inalterable.

MAISON A' PARIS 30 — RUE DROUT — 30

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

EXECUTA-SE QUALQUER ESPECIE DE TRABALHO TYPOGRAPHICO NAS EXCELLENTES E MODERNAS OFFICINAS QUE A S. A. E. OLEGARIO RIBEIRO ACABA DE INSTALLAR A' RUA DOS GUSMÕES 70, CONJUNCTAMENTE COM A EMPREZA MONTEIRO LOBATO & CIA.

REVISTA DOS TRIBUNAES

Publicação official dos trabalhos do Tribunal de Justiça de S. Paulo

Dirigida pelos advogados

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade !

Anno	40$000
Semestre	20$000
Numero avulso	3$000

Redacção: **RUA DA BOA VISTA, 52**
S. PAULO

Novidade Litteraria

O PALANQUIM DOURADO

romance de MARIO SETTE com illustrações de Wasth Rodrigues. — Edição do Centenario

Preço do volume em papel optimo, capa illustrada ... 5$000

A' Venda na Revista do Brasil.

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestavel do

Guaraná Espumante (Zanotta)

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE *é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.*

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE *preferido ás bebidas que contêm aquellas substancias prejudiciaes.*

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Attesto que o GUARANA' ESPUMANTE *é bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem alcool, e deve ser utilisado por* TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, *sem inconvenientes.*

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIÃO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, *formula do meu sabio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de alcool, agradavel ao paladar, aperitiva e tonica; aconselhavel, pois, por estas qualidades.*

MIGUEL COUTO

LOTERIA DE S. PAULO

Grande Loteria para o fim do Anno

Sexta Feira, 29 de Dezembro

200:000$000

Inteiro 9$000 Fracção $900

Os bilhetes já estão á venda
em todas as casas lotericas

ACABA DE APPARECER

Esportistas!
Jogadores!
Torcedores!

Eis o livro ha tanto procurado

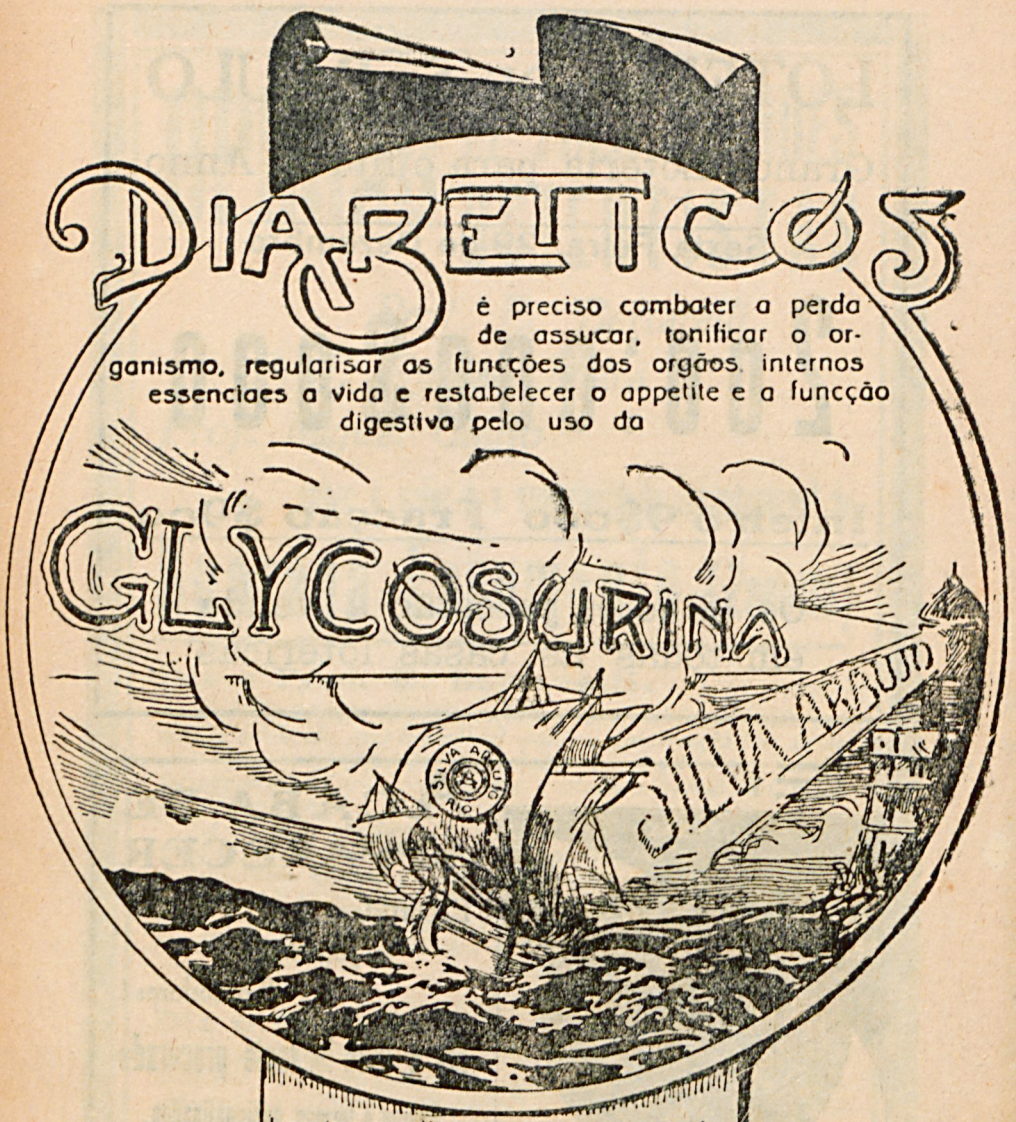
Regras e termos nacionalisados.

O verdadeiro tratado do Futebol Associação

Monteiro Lobato & C.
Editores

PREÇO 2$000

Pelo Correio mais $500.



heroico medicamento composto de plantas indigenas brazileiras

PAU FERRO · SUCUPIRA
JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar, Arroz, Milho, Fubá

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencia de ha mais de 50 annos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de Zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

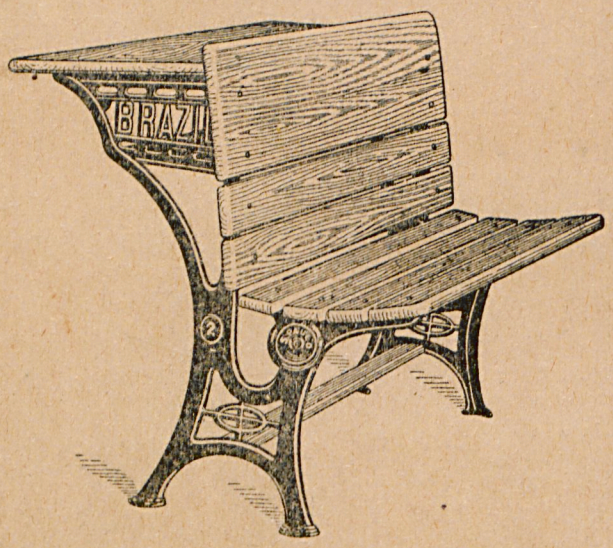
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanisado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Off. Graphicas Monteiro Lobato & Co. - Rua Gusmões, 70 - S. Paulo.

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"
—— DE
J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216
SÃO PAULO